
JEN CALONITA
ESCOLA DE VILÕES
VOCÊ MANDARIA UM VILÃO FAZER O TRABALHO DE UM HERÓI?

Jen Calonita

Escola de Vilões

Você mandaria um vilão fazer o trabalho de um herói?

Tradução
Alice Klesck

Única editora

Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial
Marília Chaves

Estagiária
Natália Domene Alcaide

Editora de Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Karina Groschitz

Tradução
Alice Klesck

Preparação
Entrelinhas Editorial

Projeto Gráfico e Diagramação
Osmane Garcia Filho

Revisão
Vero Verbo Serviços Editoriais

Capa
Regina Flath

Imagens de Capa
Mike Heath/Shannon Associates
Yuri_Arcus/iStockphotos

Adaptação de Capa
Osmane Garcia Filho

Produção do e-book
Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.
Título original: *Faire Tale Reform School — Flunked*
Copyright © 2015 by Jen Calonita
Publicado mediante acordo com Sourcebooks, Inc.
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.
Rua Pedro Soares de Almeida, 114
São Paulo, SP – CEP 05029-030
Telefone: (11) 3670-2500
Site: http://www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

TOCA DA CORUJA
www.tocadacoruja.net

Calonita, Jen
Escola de vilões : você mandaria um vilão fazer o trabalho de um herói? / Jen Calonita ; tradução de Alice Klesck. - São Paulo : Editora Gente, 2015.

ISBN 978-85-67028-77-4

1. Literatura norte-americana 2. Contos de fadas – Ficção 3. Personagens literários I. Título II. Klesck, Alice

15-0812

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances históricos : Literatura norte-americana 813



Para Tyler e Dylan, que estavam aguardando que eu escrevesse algo que pudessem ler “para sempre”!



Você mandaria um vilão fazer o trabalho de um herói?

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos nos entornos de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

O REFORMATÓRIO DE CONTOS DE FADAS COMEMORA SEU QUINTO ANIVERSÁRIO!

por Beatrice Beez

Maçãs envenenadas, a maldição do adormecimento, tornar-se o jantar do lobo — cinco anos atrás, os cidadãos de Encantadópolis tremiam de medo com tanta maldade. Bem, não mais! Graças a um vilão desprezado, a malvadez e o comportamento criminoso estão sendo varridos do mapa.

"Nos dias após o casamento de Cinderela, ninguém me venderia um pão", conta Flora, a madrasta da princesa. Sim, essa Flora mesma. A Madrasta que usava Cinderela como escrava e tentou enganar o príncipe para que se casasse com uma de suas outras filhas.

Depois que o infortúnio de Cinderela veio a público, Flora ficou mortificada. "Eu fiz algumas coisas bem perversas depois do falecimento do pai de Cinderela — perdão, pai da princesa Ela", conta Flora. "Fui um péssimo exemplo para minhas duas filhas. Se quiséssemos mostrar a cara em Encantadópolis de novo, eu sabia que teríamos de mudar — principalmente eu. Foi a partir dessa revelação que nasceu o RCF."

O Reformatório de Contos de Fadas é um programa educacional para os criminosos malvados e perversos, criado por Flora.

O programa recebeu elogios da própria princesa Ela, por seu êxito em transformar vilões em membros produtivos da sociedade. "A transformação de Flora é espantosa", disse a princesa Ela, com exclusividade, aos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre*. "Eu torço para ver a continuação desse belo trabalho."

A lista de ex-alunos que se tornaram professores é imensa! Vemos o Lobo (o estimado professor Xavier Lobão, que leciona História), a Bruxa do Mar (Madame Cleo é a especialista em etiqueta do RCF) e a Rainha Má (a professora Harlow leciona Psicologia e supervisiona as sessões de terapia em grupo).

"Graças aos nossos ensinamentos, o crime chegou aos índices mais baixos de todos os tempos", diz Flora, orgulhosa. Desde sua inauguração, o RCF já acolheu em seus dormitórios mais de cem gnomos, trolls, duendes, elfos e outros alunos de contos de fadas, desde a sexta série até o último ano do Ensino Médio, em seu campus na periferia de Encantadópolis, perto da Floresta Profunda.

Para comemorar o quinto aniversário do RCF, os perfis dos professores do reformatório vão surgir magicamente nos Pergaminhos de Felizes Para Sempre nas próximas semanas. Para saber mais novidades, verifiquem seus pergaminhos com frequência!

CAPÍTULO 1

Exigente

Às vezes, espionar a realeza do baixo escalão pode ser entediante. É fácil avistar essas garotas quando deixam seu precioso mundo real para trás. Com roupas caras, um rosto elaborado e nuvens de perfume pairando atrás delas, elas se destacam na multidão, quando são deixadas na cidade, em carruagens chamativas.

Até agora à tarde, já segui esse bando desde a Padaria Gnomólia (onde elas debocharam do gnomo que lhes serviu cupcakes de ruibarbo), até a loja de vestidos de baile Uma Noite Encantada (onde zombaram dos vestidos feitos de algodão, embora a seda esteja em falta). As duas lojas não eram bons lugares para que eu roubasse algo delas.

No entanto, na loja Relíquias do Mar, que transborda com as mais exóticas quinquilharias que o dinheiro pode comprar, uma pessoa pode se distrair com seus objetos cintilantes... e acidentalmente "perder" alguma coisa. Há prateleiras e mais prateleiras de elegantes chapéus e véus, e mesas com bolsas de veludo e echarpes empilhadas — tudo de que uma princesa em treinamento pode precisar, se não tiver uma fada madrinha que lhe proporcione tudo isso com uma varinha de condão.

É, porém, nas joias e nas tiaras que essas garotas da realeza estão desesperadas para pôr as mãos.

E elas nem perceberam que as estou seguindo. *Rá!* Por outro lado, o Neil, dono da loja, notou. Os trolls são bons em farejar confusão, e esse conhece minha fama.

— Precisa de ajuda com alguma coisa, Gilly? — Perguntou ele, olhando para mim com cautela, enquanto polia o balcão de joias pela quarta vez.

— Só dando uma olhada. — Eu encaro seus olhos, para que saiba que não tenho medo dele. O que ele pode fazer? Até agora, sou apenas uma possível cliente de doze anos. Não posso ser expulsa por olhar, posso?

Para me ambientar, pego uma tiara de rubis e a coloco. Dou uma risadinha, quando me vejo no espelho. Eu, a filha mais velha do sapateiro, a menina traquina de cabelo castanho frisado e sardas, de tiara! Uma das garotas da realeza se vira e franze a testa. *Xiiii*... Uma delas olha para o meu macacão e logo sabe que eu não tenho como comprar sequer uma fita para o cabelo num lugar como esse. Aprendi que, quando estou roubando mercadorias, é melhor que o meu alvo nem note minha presença. Deixo, então, meu alvo à vontade, para que não desconfie, depois sumo como poeira mágica, para que nem se lembre da cor do meu cabelo. Mais tarde, quando ela estiver preenchendo o Boletim de Ocorrência do Esquadrão de Policiais Anões, não vai se lembrar de nada fora do comum no dia.

Dou um sorriso e isso pega a lourinha de surpresa.

— Onde você encontrou essa echarpe incrível? — Finjo procurar entre os lenços de seda que estão na mesa, à minha frente. — Estou procurando uma exatamente igual a essa. Não que fosse ficar tão bem assim em mim. Ficou deslumbrante em você.

Irc.

— Ficou, não é mesmo? — a lourinha sorri e vira para o espelho. — Mas era a última e vou ficar com ela. Lamento — ela sorri de leve. A lourinha não parece lamentar. Eu também não vou lamentar, quando a presilha de seu cabelo for minha.

— Ah, tudo bem. — Eu suspiro. — Terei de encontrar outra coisa. Obrigada!

— Boa sorte. — A princesinha dá duas voltas na echarpe em volta do pescoço. Parece uma cobra gigante, pronta para enforcá-la. — Cor-de-rosa deve ser a minha cor — ela diz, enquanto as outras meninas a rodeiam.

— É, sim! — As outras afofam seus cabelos e brincam com a echarpe, como se fossem estilistas profissionais da realeza aprontando-a para um baile naquela noite.

— Experimente com o cabelo para o alto — eu sugiro, e as outras meninas concordam.

A lourinha tira a presilha do cabelo.

Sim.

Observo o que ela faz em seguida, como se estivesse em câmera lenta. Esse era o momento que eu estava esperando. A princesinha solta a presilha dourada cintilante em cima da mesa, junto com meia dúzia de pares de brincos, e se esquece completamente dela.

Pelo menos, *torço* para que ela se esqueça.

Essa presilha é o motivo para que eu esteja aqui. Venho seguindo a lourinha e seu bando de amigas barulhentas a tarde inteira, esperando um momento para roubar a presilha. Deve valer pelo menos umas dez moedas de ouro. Talvez mais. Produtos de dentes de dragões são raros no reino de Encantadópolis e agora tem sido mais difícil contrabandear mercadorias de outros reinos, com a princesa Ela perseguindo os bandidos. Sim, aquela princesa Ela que também é conhecida como Cinderela. Ela e as outras princesas — Branca de Neve, Rose (também conhecida como a dorminhoca profissional) e Rapunzel —, todas imperam em nosso reino, como uma grande família feliz.

Sei, até parece.

Já ouvi dizer que as princesas têm os próprios problemas na coadministração, mas eles não podem se comparar com os nossos, na vila — os trolls, os ogros, os gnomos, as fadas e as outras criaturas que formam o bolo da categoria comum. É difícil arranjar dinheiro. Eu poderia comprar uma porção de coisas com aquela presilha que a lourinha jogou de lado, de modo displicente.

Olho a presilha desejosa, depois noto o Neil, de canto de olho. Ele está me olhando outra vez. Não sou tola de dar meu bote agora. Caminho até outra mesa e finjo interesse nas alças para varinhas mágicas. Como se eu algum dia fosse andar com uma alça de varinha mágica. *Iiirc*.

Noto que a lourinha está puxando o cabelo para o alto e amarrando com uma fita, enquanto as garotas aplaudem.

— Muito melhor! — Diz uma delas, e joga os próprios cachos para trás.

Sempre imaginei como meninas assim conseguem fazer alguma coisa com cabelos tão bem cuidados. Será que elas passam o dia todo penteando os cachos? Precisam dormir com bobes no cabelo? A propaganda da nova linha de produtos capilares de Rapunzel diz que seu xampu ajuda a eliminar todo esse espalhafato. Por isso que a Anna, minha irmã de dez anos, quer o xampu da Rapunzel. No entanto, eu pergunto: Para quê? Na Associação de Encantadópolis, onde eu estudo,

andar de cabelo arrumado seria um desperdício total. Quando você frequenta aulas de sapateiro, como nós, não há muita necessidade de ter cabelos brilhantes.

A lourinha vira e dá um gritinho.

— Vou comprar a echarpe para usar na festa de aniversário de treze anos da Petra.

Uma bufada escapa dos meus lábios. *Festa de aniversário de treze anos*. Eu não terei uma dessas. Será sorte se a minha mãe tiver tempo de fazer um bolinho para mim, depois de todas aquelas horas que ela trabalha com meu pai, na sapataria. *Epa*. Todas as meninas viram e olham para mim. Assim como o Neil. Eu começo a tossir.

— Desculpe-me. Acho que uma das plumas dessa sua echarpe voou para dentro da minha boca.

A lourinha vira-se para o Neil e franze o rosto.

— Suas echarpes soltam as plumas? — Ela rapidamente tira a que está embrulhada em seu pescoço. — Hmm, então, acho que não vou levar.

— Eu posso lhe garantir — diz Neil, olhando-me de cara feia —, minhas echarpes *não* soltam plumas.

Tolice minha. Se a lourinha for embora desta loja com sua presilha, eu terei mais trabalho para surrupiá-la. As pessoas sempre deixam cair coisas em um lugar como a loja Relíquias do Mar. Vou dar uma bobeira dessas? Nem tanto. Preciso consertar isso. É hora de uma distração.

— Na verdade, acho que não foi uma pluma que eu engoli — digo, entrando na conversa. — Essas echarpes com certeza não soltam plumas. Minha prima tem uma saia de plumas daqui há anos, e parece nova até hoje.

— Saia de plumas? — Os olhos da lourinha se acendem. — Ah, eu preciso ter uma dessa. Neil, faça algo com *isso*. — Ela solta a echarpe no chão e sai correndo até a outra ponta da loja. Isso é tão da realeza.

— Serei a primeira a usar para ir à casa do Laurence! — Diz uma garota alta, de narigão.

— Não é justo! — O grupo segue até o pequeno setor de roupas nos fundos da loja, e os olhos de Neil brilham como as moedas de ouro que ele logo receberá. Saias são muito mais caras que echarpes. Está vendo? Sorte do Neil em ter a mim. Estou fazendo-o ganhar dinheiro!

Volto devagarzinho até a mesa e pego uma fivela de cristal que está ao lado da minha presilha. Eu viro a fivela de um lado para o outro, como se estivesse pensando em comprá-la. As meninas ainda estão falando daquela festa tola de aniversário. Fico imaginando como deve ser não ter nada com que se preocupar, além do recheio do meu bolo de aniversário.

Minha mão paira acima da presilha.

— Essas são feitas de plumas de avestruz? — A garota alta pergunta ao Neil.

Mais perto, mais perto...

— Plumas de avestruz estão totalmente em moda! — Palpita a lourinha.

Cubro a presilha com a mão. Está quente sob os meus dedos.

Quase lá...

Deslizo-a para dentro da manga da minha jaqueta marrom com um movimento rápido.

Sucesso!

Sigo até a porta, assegurando-me de erguer a mão e segurar a campainha para que ela não toque ao sair. Já lá fora, sigo pelo beco ao lado da loja, antes que alguém perceba que fui embora.

Eu disse que era fácil. Como roubar o almoço de um ogro adormecido.

CAPÍTULO 2

A grande fuga

Depois de marcar um megaponto como aquele da presilha de dente de dragão, eu sempre vou embora para casa.

Nada de ficar me gabando da minha façanha para outros ladrões. Nada de parar para comprar pão na Padaria Gnomólia (mesmo com aquele cheirinho maravilhoso). E certamente não é hora de ir até a Loja de Penhores Noite das Arábias para empenhorar a presilha. Esse é um erro clássico de novatos.

Agora é hora de sumir de vista. Desaparecer.

E nunca, *jamais* correr.

Correr é como pedir para ser seguida pelo esquadrão anão e seus capangas. A polícia de Encantadópolis. Os anões da Branca de Neve adoeceram pelo trabalho nas minas, mas adoram suas picaretas, então, a Branca arranjou um trabalho em que eles ainda pudessem usar armas — aplicar a lei.

A princípio, o esquadrão foi uma piada — pouquíssima gente tem medo de anões —, mas a princesa Ela deu uma de esperta e contratou um bando de caras que dizem ser metade ogros para exercer o papel de brucutus. Os caras são medonhos. Eles podem partir alguém ao meio com o dedo mindinho. Agora o crime caiu muito... mas não desapareceu. Para me manter à frente dos ogros, tenho andado mais esperta do que meus alvos. A realeza ainda é alvo fácil, mas não posso ser desleixada.

Meus olhos vasculham a vila à minha frente como se fosse um mapa. Olho, enquanto os gerentes das lojas gritam as ofertas do fim do dia (pão pela metade do preço, lustro grátis no sapato, com qualquer conserto, uma liquidação de cachecóis para o inverno que se aproxima). Eu ignoro tudo, embora minha família precise dos cachecóis. Nosso casebre está sempre frio. Eu me apresso pelas ruas de paralelepípedos, mudando meu trajeto para casa, seguindo por um caminho diferente daquele que fiz de manhã. Nunca é bom ser visto no mesmo lugar duas vezes, quando você está no meio de um pequeno roubo.

Sigo depressa ao passar por lojas e restaurantes mais caros, onde eu jamais me atreveria a entrar, porque não tenho sangue nobre. Ergo a gola do meu casaco quando passo pelo mercado, onde os plebeus estão comprando o peixe da noite, ou legumes frescos dos agricultores. Passo direto pela fileira de barracas nas quais produtos mágicos são ilegalmente vendidos. O esquadrão anão está sempre por ali, disfarçado.

Ao entrar na praça movimentada da cidade, expiro de leve. Com tantas pessoas e carruagens circulando, fica fácil se misturar a todo mundo. As crianças da Academia Real estão distraídas arremessando moedas na fonte (dica de ladra: nunca roube daquelas águas, pois são sempre vigiadas). Alguém dos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* está tentando vender pergaminhos mágicos em miniatura (última invenção deles), o que está atraindo uma aglomeração. Um condutor

de carruagem oferece corridas para casa a dois centavos, e as carruagens reais estão enfileiradas na área dos manobristas, aguardando para levar as compras da realeza embora. Basta uma olhadela para o horizonte ao anoitecer para se lembrar de qual é o seu lugar em Encantadópolis. Nós, do povão comum, moramos lá embaixo, na vila, enquanto lá no alto da colina as torres prateadas da Mansão Real reluzem como se dissessem: "Você jamais subirá até aqui".

Ouço um relincho, depois um "Opa", e volto-me para a fonte, vestindo depressa o capuz.

— Você, aí! — Eu gelo. — Você viu alguém correndo pela praça carregando um saco verde? — Pergunta Pete, chefe do esquadrão anão, com uma voz grave que o deixa muito mais ameaçador do que aparenta. — O padeiro perdeu a entrega para a Mansão Real. Ela estava aguardando no degrau para ser levada ao castelo.

Fico imaginando Pete em seu cavalo bancando o durão, embora, quando em pé no chão, não tenha nem um metro de altura. Com uma barriga gorducha (ele gosta de pãezinhos de canela) e a barba preta comprida, ele lembra um troll. No entanto, o nariz largo e vermelho, e as orelhas enormes me lembram que ele é um anão. Nós dois temos um relacionamento de amor e ódio. Eu já me livrei de algumas frias ao lhe dar informação sobre outros ladrões, mas, quando pego alguma coisa grande, ele vem com tudo pra cima de mim.

— Não — diz um garotinho em pé ao meu lado. — Vi neca, não.

Pete suspira.

— Você quer dizer que não viu *nada*. A escola de hoje em dia, vou te contar — ele resmunga. — Tudo bem, pode ir cuidar da vida. Encontre o Olaf, se souber de alguma coisa. — Ouço Pete chutar as laterais do cavalo com seus pezinhos, e sair galopando pela praça adentro.

Enfio a mão no bolso que a minha mãe acabou de remendar e dou dois centavos ao menino.

— Valeu, garoto — eu digo, apalpando o saco verde sob o casaco. Eu o roubei à tarde, quando os nobres saíram da padaria. Não surpreende que só agora o Pete tenha dado falta.

Então, sumo pelo beco estreito que parte da praça rumo às ruas mais pobres do meu lado da cidade, onde casebres e choupanas substituem as belas edificações de tijolinhos. As ruas já estão escuras — nós não temos as lamparinas para iluminar o caminho —, mas eu reconheceria essa trilha de olhos vendados. Passo depressa pelo pedinte, deixando um pãozinho em sua mão estendida, e sigo em direção ao cheiro de graxa de sapato, que sempre me leva até em casa. Minha casinha é uma das quatro nesse pequeno quarteirão. Dou uma última olhada para trás para ter certeza de que não estou sendo seguida, viro a chave e entro.

— *Gilly*! — Han e Hamish, meus irmãos gêmeos de quatro anos pulam em mim, assim que entro. Eles são tão leves que rolam em cima de mim. Vejo que andaram mexendo na graxa outra vez. Ainda estão com as bochechas pretas, assim como a testa, e os macacões idênticos, de pano xadrez.

— O que você trouxe? — pergunta Trixie, de seis anos, com as bochechas rosadas e o cabelo ruivo, ao entrar correndo na sala, depois de ouvir os pequenos trombando em mim. — Geleia? Queijo? Aquele *pepperoni* gostoso que você arranjou na semana passada?

— Shh... — Felix, meu irmão de cinco anos, a faz baixar a voz ao descer a escada do sótão, onde dormimos em beliches. Felix é muito esperto para a idade e é o que mais se parece com meu pai. Seus olhos castanho-escuros parecem me conhecer perfeitamente. — Você não foi pega, foi?

— Não. — Eu o tranquilizo e levanto a capa para mostrar um saco cheio de pãezinhos. Meus irmãos tentam pegar alguns. — Esperem! — Eu digo, olhando ao redor da sala. Mal cabemos no cômodo, embora ele só tenha uma lareira e um sofá velho.

As paredes do casebre têm remendos para evitar que o frio entre pelas frestas da parte de fora, feita de couro. Os remendos parecem pinturas, uma vez que não temos nenhuma. Há apenas um desenho de um campo de lírios pendurado acima da lareira. Foi minha irmã Anna que desenhou numa noite fria demais em que não conseguíamos dormir. O relógio cuco na parede toca às seis horas da tarde, e sei que meu pai logo chegará em casa, de volta da loja de sapateiro.

— Onde está a mamãe?

— A mãe está na cozinha com a Anna, terminando o bolo de aniversário dela — diz Trixie. — Quer que eu vá lá atrás, bata, e deixe os pãezinhos novamente?

— Sim, depois que todos vocês comerem um. — Eu abro o saco de novo e deixo que cada um deles pegue um pãozinho. Eles os devoram em segundos.

O negócio de sapateiro não é mais como antes, e o dinheiro é escasso. Temos três refeições, claro, se você considerar caldo de galinha uma refeição. Se não fosse pelas minhas últimas surrupiadas no mercado, meus irmãos já teriam definhado. Em vez disso, os gêmeos finalmente ganharam um pouquinho de peso e as olheiras sumiram dos olhos da Trixie.

Faço o que posso para ajudar. E isso inclui garantir que meus irmãos sejam alimentados e ganhem um presente de aniversário. Eu poderia comprar muitas coisas com aquela presilha de dente de dragão que roubei hoje, mas eu a guardei para a Anna. A presilha verde combina com seus olhos e eu até imaginei como usaria, prendendo o cabelo comprido. Ela nunca vai tirar os olhos da presilha, ao contrário daquela riquinha mimada. Isso é certo.

Por isso que hoje mirei na lourinha. Eu só pego de gente que pode perder coisas. Os nobres *decididamente* podem perder algumas bugigangas. Assim como o padeiro, cujo negócio está prosperando e que trata mal a minha mãe toda vez que ela passa para ver se tem pão dormido em promoção. Os nobres são parte do motivo para que a gente viva neste casebre lotado, então, não me sinto mal em tirar deles.

— Gilly? É você? — Ouço a voz da minha mãe e com rapidez dou o saco para que a Trixie o coloque nos degraus dos fundos.

Minha mãe parece cansada quando vem me dar um abraço, com um cheiro misturado de farinha e couro, o que significa que ela deve ter ajudado meu pai na loja, mais cedo. Eu mergulho nela, como se fosse um travesseiro macio.

— Você está bem? — Ela pergunta. Seus olhos azuis parecem cansados. — Suas bochechas estão vermelhas.

— Tudo bem — eu digo. — Só vim correndo dos estudos para não perder o bolo.

— Como acha que foi no teste? — Minha mãe pergunta.

Que dificuldade pode haver num teste sobre engraxar sapatos? Eu fiz, depois fui embora do colégio para encontrar o presente da Anna.

— Ótimo — eu digo, entusiasmada. — Provavelmente tirei A.

— Você está em casa. — Anna tira o avental. Ela está com o rosto sujo de farinha e os cachos castanhos também. Está usando o perfume da Rapunzel que eu surrupiei algumas semanas atrás (e

disse que era amostra grátis. A Anna detesta que eu roube). — Chegou bem na hora do bolo!

— Bolo? E os presentes, não vêm primeiro? — Eu provoco.

Minha mãe olha para baixo.

— Gillian, você sabe que o negócio anda devagar.

— Isso não quer dizer que a magia não encontrou o caminho de nossa casinha! — Eu tento adoçar tudo para os meus irmãos. — Olhe o que eu achei perto dos Estábulos Pegasus esta tarde. — Eu tiro a presilha do bolso e eles suspiram. — Estava quase implorando para ser achada. — Anna estende a mão para tocar na presilha como se não acreditasse ser real. — Acho que era para ser sua.

— Alguém deixou cair — diz Anna, com sua nobreza própria. — É melhor encontrarmos a dona.

— Bobagem! — Eu coloco a presilha na palma de sua mão. — Achado não é roubado, quem perdeu foi relaxado. Não é isso que o Hamish diz? — Anna não parece convencida. — Eu perguntei a um dos caras do estábulo se ele sabia de quem era — eu improviso. — Ele não sabia e disse que eu deveria ficar com ela.

O rosto de Anna se ilumina.

— É mesmo? — Minha mãe sorri, enquanto Anna usa a presilha para prender os cachos de lado. Ela vai correndo até um espelhinho, perto da porta. — É tão linda! Obrigada, Gilly!

Estou prestes a dizer de “nada”, quando ouço a maçaneta girar. Meu pai chegou em casa. Meus irmãos saem correndo pelas tábuas que rangem e ficam perto da porta da frente. Minha mãe alisa o avental e Anna pula para ficar em seu lugar, ao lado dela. Todos nós nos perfilamos, como um coral de festa. — Olá, pai — todos dizemos, no piloto automático. Minha mãe também.

— Oi, família — diz meu pai, e entrega o chapéu e a capa para que minha mãe os pendure. O cheiro de graxa de sapatos irradia dele, como um perfume fedorento. — Já estamos prontos para comer?

— Sim — diz minha mãe. — Você pode ir na frente, depois eu dou a comida das crianças.

Eu mordo o lábio. Meu pai sempre come sozinho e recebe a maior porção. Minha mãe diz que ele precisa de força e tranquilidade depois de trabalhar tão duro. Eu ouço a barriga do Han roncar.

— Tudo bem — diz meu pai, parando para remexer na cabeça de cada um de meus irmãos e dar um beijo em Trixie e Anna. Ele para quando me vê. — Gillian.

— Pai. — Eu abaixo a cabeça. Nós dois não andamos muito bem ultimamente. Ele está cansado de receber visitas do Pete e eu estou cansada de ficar com fome. Nenhum de nós está disposto a ceder.

Ele mal passou por nós a caminho da cozinha, quando ouvimos alguém à porta. Anna e eu nos olhamos e eu sinto um nó na barriga. Meus irmãos e a Trixie olham para mim. Finjo afofar as almofadas do sofá. A poeira sobe dos pontos onde bato na almofada.

— Felix, por favor, atenda a porta. — Meu pai novamente passa espremido por todos nós, para atender ao nosso visitante.

Eu tento ficar calma. Não fui seguida de jeito nenhum. No entanto, a porta range ao ser aberta e meus maiores temores se confirmam: ali estão Pete e Olaf. Pete entra sem ser convidado. Olaf é tão grande que precisa curvar a cabeça careca para passar por baixo das vigas. Nem sei se ele vai caber na sala. Todos nós recuamos para que eles possam se espremer e entrar. Eu tento parecer tranquila e indiferente.

Meu pai aperta a mão de Pete.

— É bom vê-lo, Peter. Olaf.

— Oi, Hal — diz Pete, sério. Olaf resmunga. — Lamento incomodar tão tarde. Aquelas botas de trabalho que eu encomendei já estão perto de ficarem prontas?

Ele está aqui por causa das botas que encomendou! Eu relaxo e quase dou uma risada. Estou tão paranoica.

— Sim, devem estar prontas amanhã. — Meu pai abaixa a cabeça. Eu sinto o rosto corar. Meu pai acredita que o povo comum precisa fazer reverência ao pessoal da lei, pois eles trabalham para os nobres. Nós estamos no fundo do barril. Meu pai sempre achou que a classe que uma pessoa tem na vida é sua classe. Não se pode mudar isso. Você não deve querer mudar isso. Tudo o que se pode fazer é respeitar.

Eu discordo totalmente.

— Eu gostaria de dizer que esse é o único motivo para que eu esteja aqui — diz Pete, olhando-me de modo direto. — Boa noite, Gillian. Como foi seu dia?

— Foi bom, Pete — eu digo. — Você está mais alto? — Ele faz uma cara feia.

Meu pai me olha fulminante. O único som na sala é de nosso relógio cuco.

— O que foi que ela fez?

— É claro que você ficaria do lado dele — eu resmungo baixinho. Meu pai pode não se derreter por mim como se derrete por um pãozinho de canela, mas eu ainda detesto decepcioná-lo.

— Você já me deu razão para pensar de outro modo, Gillian? — Ele pergunta. Meu pai é um homem alto, tão alto quanto Olaf, porém, ao contrário dele, tem uma aparência cansada. Trabalhar catorze horas diárias como sapateiro, depois chegar numa casa com seis filhos deixa a pessoa assim, eu acho. — Primeiro foi aquele relógio de bolso que você pegou do pajem do rei, depois, o livro da biblioteca de Belle...

— *Peguei emprestado* — eu o corrijo. — A Belle disse que era uma biblioteca, então, eu peguei um livro emprestado. Eu ia devolver.

Talvez.

Meu pai esfrega a testa.

— Não sei mais o que fazer com você. — Ele olha para Pete, buscando apoio. — Tudo o que faço por essa criança nunca é o bastante.

— Se fosse o bastante, a mamãe não teria problemas para colocar comida na mesa toda noite — eu interrompo, sem conseguir conter minha raiva. — É uma pena que a gente não possa comer couro de sapato.

— Já chega! — Meu pai eleva a voz.

Pete olha para Anna e aponta para seu cabelo.

— Nossa, mas que treco bonito em seu cabelo. Parece caro. Provavelmente de origem de dragão, você não acha, Olaf?

— Foi um presente — diz Anna, tensa. — A Gilly encontrou no chão.

— *Encontrou* — Pete repete. — Acho que somente dessa maneira alguém neste casebre poderia ter uma joia como essa. — Olaf e Pete dão uma risada e eu preciso de toda a minha força de vontade para não derrubar os dois. Meus pais não dizem nada. — Gillian é uma menina de sorte.

— Eu não roubei, se é isso que vocês querem dizer — eu estrilo. — Estava caído no chão, perto dos Estábulos Pegasus.

— Você quer dizer, como este saco? — Pete tira o saco verde de pães de trás das costas e Hamish choraminga. Nosso jantar. — Nós *encontramos* isso nos degraus de sua porta dos fundos. Parece muito com um saco que sumiu esta manhã, da Padaria Gnomólia. Acho que é coincidência. — Olaf passa por Trixie para chegar até mim. — Diga a verdade, Gillian. — Os olhos miúdos de Pete ficam sombrios. — Você roubou esta presilha de uma nobre, na loja Relíquias do Mar. Neil, o dono da loja, disse que você esteve lá cinco minutos antes de a moça rica notar que havia desaparecido.

Porcaria. Fui flagrada, mas é melhor manter a minha história.

— Não sei o que lhe dizer. Talvez a menina tenha uma presilha igual à que eu encontrei.

— Gilly? — Eu ouço a voz suave de Anna e vejo seu rosto decepcionado. — Você não encontrou isso, não é? — Não posso mentir para Anna. Então, eu não digo nada. — Aqui. — Anna tira a presilha do cabelo com as mãos trêmulas, e entrega ao Pete. — Isso não me pertence.

— Desculpe, garota. — Ele coça a barba, que bate em seus joelhos, e me olha com avidez. — Essa é sua terceira infração. Você sabe o que isso significa.

Eu sinto a cor sumir do meu rosto.

— Segunda infração! Aqueles ovos desceram rolando até mim no Festival, eu juro.

Pete dá a Olaf as algemas para colocar em mim. Han e Hamish começam a chorar.

— Eu vou levá-la — diz Pete. — A diretora Flora já aprovou sua ordem. — Ele entrega aos meus pais um pergaminho cor de berinjela que eu só tinha visto duas vezes antes. Nas duas vezes, ladrões estavam sendo levados para o RCF. Eu nunca mais vi nenhum dos dois garotos.

Trêmula, minha mãe abre o pergaminho e lê, e meu pai pega das mãos dela. Eu olho por cima dos ombros deles, para ler também.

MENSAGEM URGENTE

PARA HAL E EVA, PAIS DE GILLIAN COBBLER:

Sua filha Gillian COBBLER foi detida, pela terceira vez, por um pequeno furto. Por ordem do Esquadrão de Polícia, essa INFRAÇÃO REINCIDENTE exige que ela seja imediatamente LEVADA ao Reformatório de Contos de Fadas.

Por favor, siga o esquadrão de anões até o RCF para proceder com sua admissão. Levem quaisquer objetos de uso pessoal de que ela possa precisar para uma estadia prolongada.

Diretora Flora, RCF
MESSANGEM APROVADA POR: Princesa Ela

Sinto Olaf travar o metal frio ao redor dos meus punhos, à minha frente, e meu coração se aperta.

— Aqui também está o panfleto da escola. — Pete entrega à minha mãe, que logo abre e começa a ler. Vejo o emblema dourado do colégio na frente do panfleto.

— Não levem a Gilly! — Grita Han, segurando meu macacão. Hamish se joga em mim, junto com a Trixie. O Felix parece triste.

As lágrimas escorrem pelo rosto de Anna. — Isso tem de ser um engano! Diga a eles que foi um acidente — Anna me implora. — Você não teve a intenção de pegar a presilha, certo? — Os olhos dela são tão arregalados e inocentes, que eu só me sinto pior. No entanto, ver a cara de presunção de Pete faz algo dentro de mim estalar.

— Talvez eu tenha, sim, tido a intenção de pegar a presilha — eu digo, desafiadora, e meu pai me encara. — Eu não tinha escolha! O trabalho de sapateiro está indo terrivelmente mal. Não temos dinheiro suficiente para comer!

— Gilly! — Minha mãe retorce as mãos. — Não se fala de assuntos de família em público.

— Estamos bem — meu pai diz a Pete e Olaf. — O negócio de sapateiro não está como era antes, mas está bem. — Dá para ver que meu pai está furioso comigo.

— É melhor fazer a mala dela — Pete diz à minha mãe. — Não se esqueça da escova de dentes. Essa aí vai ficar por lá por um bom tempo.

Meu pai nem liga, se eu for. Minha única esperança é minha mãe.

— Você me conhece — eu peço. — Não deixe que eles me levem embora. Eu fiz besteira, mas não sou uma vilã.

Minha mãe franze o rosto.

— Ainda não, mas você pode ser tornar uma, se não começar a mudar seu jeito. — Meu queixo cai e minhas bochechas queimam. — Você diz que quer nos ajudar, mas está tão focada nos nobres e no que eles têm. Esse ódio me preocupa. — Ela olha para baixo, para o avental. — E, além disso, o folheto diz que a escola tem aulas maravilhosas. Serão muito mais interessantes do que suas aulas aqui, na escola da associação — ela diz animada. — Talvez agora você realmente aprenda algo e não sinta a necessidade de matar aula.

Pete funga.

— Ela vai se arrepender se matar aula no RCF. Isso eu posso lhe dizer. — Pete me empurra em direção à porta, desviando do cabideiro de piso.

— Lamento, pessoal — digo aos meus irmãos, que estão aos prantos. Não olho para os meus pais. Tento parecer animada. — Eu os verei em breve, está bem?

Pete funga.

— Duvido muito. — Ele me pega pelas costas da blusa e eu lhe dou uma cotovelada nas costelas. — Ai!

— *Gilly!* — Meu pai ralha.

— Como eu disse, você não sairá do RCF por um bom tempo — diz Pete, zangado. — O que é uma ótima notícia para mim e péssima para você. Você, minha pequena ladra, está indo para o Reformatório de Contos de Fada.

CAPÍTULO 3

Hora de dançar conforme a música

— Olaf, me solte! — Eu disparo, quando o grandalhão me empurra, atravessando as imensas portas de carvalho do Reformatório de Contos de Fadas e me solta no chão de mármore, onde caio ruidosamente.

Ai!

Essa é a segunda vez que ele me solta desse jeito hoje. A primeira foi quando me colocou dentro da carruagem, para me trazer para o RCF. Se é assim que eles tratam pequenos infratores, nem posso imaginar o que eles fariam caso se deparassem com Alva, a fada que jogou a praga na princesa Rose, que a fez dormir por todos aqueles anos.

— Tire estas algemas de mim — grito, enquanto Pete fica ali em pé, calmamente, mastigando um pedaço de bala puxa-puxa. Ele parece estar gostando do meu ataque de raiva. — Eu conheço os meus direitos! Tenho só doze anos. Você não pode me algemar!

— Em geral, não devemos algemar uma criança, mas não se pode confiar em você — resmunga Pete. — Da última vez que a soltei, depois de cinco minutos um anel de rubi sumiu de modo misterioso do dedo gordo de uma rainha em visita!

— Não tenho a menor ideia do que você está falando. — Aquele roubo me matou de medo, mas nos comprou comida suficiente para um mês. Não tenho nenhum arrependimento.

— As algemas ficarão até que a chefe venha — diz Pete.

A diretora Flora. Eu já tinha visto a ex-madrasta de Ela na vila. Aquela mulher nunca dá um sorriso. É melhor que eu desfrute da "liberdade" que ainda me resta.

— Será que pode pelo menos me dar uma mão para levantar? — Pergunto ao Pete. Ele assente para Olaf, que me ergue pelas axilas. Eu me sacudo para me soltar dele e dou uma olhada ao redor do salão gigantesco.

Então, esse é o Reformatório de Contos de Fadas. Depois de tantos anos ouvindo boatos, eu esperava ver crianças algemadas às paredes e câmaras de tortura. A mulher que administra o lugar supostamente obrigou as próprias filhas a cortarem parte dos pés para que coubessem no sapatinho de cristal de Ela, portanto, eu não duvidaria de nada em relação a ela. No entanto, se ela está escondendo uma câmara de tortura neste prédio, não é neste salão elegante.

Não posso baixar a guarda, mas tenho de dizer...

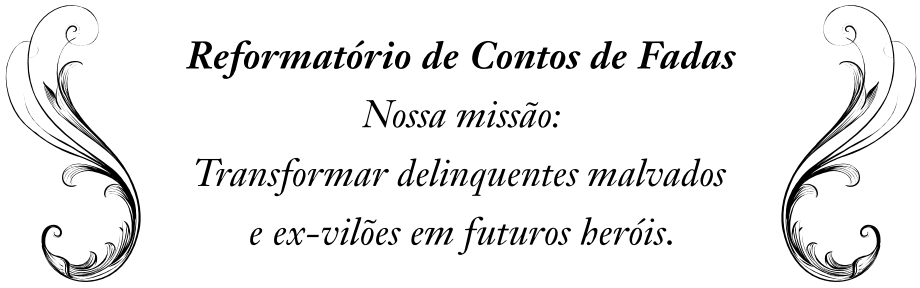
Este lugar parece bem legal! O lado de fora é. A carruagem levou pelo menos dez minutos para vir dos portões até o castelo, que é cercado por um fosso. Olaf disse que o fosso está cheio de crocodilos famintos para evitar que as crianças fujam, mas acho que ele estava tentando me assustar.

Eu espero.

O castelo não parece nada assustador — bem, se você ignorar algumas gárgulas em volta. Com seu trio de torres altas, o telhado verde-menta e a hera e as flores coloridas por todo lado, ele compete com o pátio da Mansão Real. Até as portas pelas quais o Olaf me arremessou eram bonitas

— num tom verde-claro com painéis entalhados à mão, que mostram imagens da lua cheia, uma maçã, uma sereia e um sapatinho de cristal.

O interior também é bem convidativo. Olaf não me deixa ir muito longe, mas consigo enxergar uma lareira grande na sala, que parece bem quentinha. Sofás de veludo e poltronas de couro perfeitas para leitura cercam a lareira e também estão presentes em nichos ao lado dos enormes vitrais. Há velas acesas por todo lado. Algumas são perfumadas, o que me deixa um pouco tonta, e com um pouquinho de fome também. Ouço uma música bem baixinha, a distância — alguma coisa clássica —, mas esta sala está em silêncio, vazia e espaçosa. Ahhh. Eu tiro um momento para apreciar o espaço. Depois avisto uma placa grande e dourada, acima do portal que leva à sala de estar.



Eu caio na gargalhada. Será que eles estão falando sério? Transformar um vilão em herói? Isso seria como pedir a uma sereia que se transformasse num ogro! Rio ainda mais forte, segurando a barriga, que agora está roncando, porque eu perdi o pouquinho que teríamos para jantar.

A casinha em que minha família mora dá um novo significado à palavra “aconchegante”, mas este lugar é gigantesco! Meus irmãos poderiam correr como malucos, sem se preocupar em derrubar uma vela e incendiar nosso casebre. E meio sofisticado, no entanto, o que poderia ser um problema para Han e Hamish. Eu nunca tinha visto tantos lustres dourados e espelhos na minha vida. Espelhos grandes, pequenos, com molduras ornamentadas, assustadores, outros com pedrarias; e um imenso espelho oval de moldura roxa pendurado na entrada de dois andares. Sinto que alguém por aqui é colecionador de espelhos. Meu cabelo castanho frisado e meus olhos amendoados que em nada se parecem com os de meus pais me encaram de volta. Minha mãe diz que eu tenho o queixo teimoso do meu pai; ele fica projetado para a frente, quando quero afirmar meu ponto de vista. Segundo ela, estou sempre tentando afirmar meu ponto de vista. Na verdade, acho que estou fazendo isso agora. Olho mais de perto. Isso é um cabelo que está nascendo no meu queixo? Como isso foi parar aí? Eu preciso arrancar. Estou parecendo o mascate que tentou enganar a Branca de Neve. Ergo as mãos algemadas até o queixo e tento arrancar o cabelo, mas ele não sai. Pete me olha como se eu fosse maluca. Eu me aproximo ainda mais, com o nariz praticamente grudado no espelho.

— Pode me dar licença? — Estrila uma voz de dentro do espelho.

Eu dou um pulo para trás.

— Desculpe-me! Não tinha percebido que esse espelho estava... ocupado.

— Demonstre algum respeito — diz Pete, que está recostado na parede dos fundos, descascando uma maçã com um canivete. — Esse com quem você está falando é Miri, o Espelho Mágico.

— Miri? — Olho mais de perto e ainda vejo apenas o meu reflexo. Nossa, eu já ouvi falar desse espelho. Todo mundo já ouviu falar dele! Vê-lo é como avistar uma princesa, em carne e osso. Quer dizer, se fosse alguém que liga para essas coisas, o que não é o meu caso. — Achei que você vivesse na Mansão Real, com Ela e as outras princesas.

O espelho dá uma bufada. Ele parece tão esnobe quanto os nobres.

— Você acha que eu só fico por lá? Eu posso ir e vir, entre um espelho e outro, como bem quiser — ao contrário de você, minha ladrazinha, depois de sua entrada aqui.

— Quem disse que eu sou ladra? — Pergunto, enquanto uso um grampo (melhor amigo de um trapaceiro), escondido na manga da minha blusa, para mexer no fecho das minhas algemas. Ouço um pequeno clique e ahh... as algemas se abriram. Continuo, porém, com elas, para que Pete não as aperte ainda mais.

Eu me afasto de Miri, o espelho mágico xereta, e me vejo diante de uma prateleira de panfletos do RCF. Pego um intitulado *Guia dos Pais*. Abro na primeira página e leio o título: "Como saber se seu filho deve ser matriculado no Reformatório de Contos de Fadas". Leio a carta que vem a seguir, da diretora da escola, olhando fixamente para a linha que diz: "O caminho entre o certo e o errado pode facilmente confundir-se, numa comunidade de contos de fadas, onde a magia e os desejos podem ser usados de maneiras que transformam boas crianças em crianças malvadas". A diretora prossegue listando o que chama de "sinais de alerta quanto a comportamento delinquente". Fico imaginando como eu me encaixo.

Mentira constante. Sim!

Faltas inexplicadas e frequentes. Sim!

Raiva pela classe social de alguém. Bem... os privilégios dos nobres me irritam, às vezes, então, eu acho que tenho de dizer sim pra essa.

Bullying. Não. Nunca impliquei com ninguém na minha vida.

Transformar amigos em sapos. Não. (Credo, mas que maldade!)

Roubo. O quarto sim.

Dou uma olhada na minha pontuação.

"Três ou mais respostas sim: sinaliza que seu filho deve ser matriculado imediatamente no RCF."

Droga! O que essa diretora sabe sobre a minha vida? Eu tive bons motivos para roubar. Coloco o panfleto de volta na pilha e saio andando; e paro diante de uma parede de fotografias. São fotos de alunos que sorriem numa aula de poção mágica, enquanto um negócio verde borbulha numa garrafa próxima... outra foto de garotos num pégaso, voando pelo céu, acima da escola... garotos que lutam esgrima, alunos diante de uma bola de cristal... e mais uma porção de fotos.

Ao lado das fotos escolares, há uma placa que diz: Graduados Estimados do RCF. Embaixo, há fotografias de adolescentes lá fora, no mundo real. Uma garota conseguiu um estágio no Instituto de Moda e Design das Fadas. Isso é bem legal. Um cara de óculos especiais está trabalhando no Instituto de Ciências de Encantadópolis. Nada mau. Meus olhos recaem sobre a terceira foto. É de uma menina que trabalha com a fada madrinha de Ela. A foto mostra as duas fazendo sapatinhos de cristal. Sinto meu sangue ferver.

— Imitadoras! — Eu grito para a imagem, esperando uma resposta.

— Do que você está falando? — Miri parece quase entediado.

— Essa foto! — Digo, em tom mordaz. — Esse é o motivo para que eu esteja aqui. Minha família estaria muito melhor se as princesas não tivessem dado à fada madrinha de Ela todos os pedidos de calçados formais. Agora, sempre que alguém quer um sapatinho de cristal para um pedido de casamento, ou um baile, ela só faz *puf!* E ele aparece.

— Os cor-de-rosa são deslumbrantes! — Diz Miri. — Eu pedi um par só para ficar olhando.

— Ei! Você não vai desgraçar uma de nossas princesas falando dela desse jeito — Pete me diz. — Ela é nobre e não tem de explicar seus motivos para fazer as coisas.

— Ela nos deve! — Eu reclamo. — Meu pai que inventou o sapatinho de cristal, depois, sua fada madrinha nojenta o roubou e levou o crédito.

Penso em tudo de que abrimos mão, desde que a política dos calçados de Ela foi modificada. Quanto faltou para os meus irmãos. Por isso comecei a roubar. Não para prejudicar as pessoas, mas para arranjar o dinheirinho extra que meu pai já não conseguia. Eu estava tentando ajudar. Contudo, meus pais não veem dessa forma e eu nem sei se algum dia verão.

— A Rapunzel usou os sapatos do meu pai no baile Era Uma Vez, há dois anos — eu conto ao Pete. — Ele ficou muito satisfeito, quando os *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* disseram que todos deveriam ter um par de sapatos cor-de-rosa como aqueles. Meu pai poderia ter ganhado um bom dinheiro com aqueles sapatos, mas, em vez disso, Ela deixou que a fada madrinha simplesmente os copiasse com um golpe de sua varinha de condão. — Eu nem me importo com minha voz que ecoa pelo saguão. — Isso não é justo.

— Não, não é — ouço alguém dizer, enquanto os passos são meros sussurros pelo chão. — Por outro lado, muita coisa na vida não é justa. — A mulher está encoberta pela sombra. — É a forma de se portar nessas situações e o que se aprende com elas que vão defini-la. É isso o que você aprende a dominar durante sua estadia aqui.

Uma mulher mais velha sai da sombra e eu vejo um sorrisinho se abrir em seus lábios. É ela. A cruel ex-madrasta da princesa Ela, em carne e osso.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

DO LODO DO LAGO A DIRETORA: FLORA LIDERA O RCF

por Beatrice Beez

Não é fácil ser a mulher mais desprezada de Encantadópolis. Pode perguntar a Flora. Há cinco anos, ela não podia deixar o Castelo Galmour sem ser alvejada por rabanetes podres.

E isso era num dia bom.

Depois que Miri, o Espelho Mágico, mostrou a Flora a tortura que ela impôs a Ela, Flora jurou mudar. “Eu ainda não falo do incidente do sapatinho de cristal sem ficar aborrecida, mas tenho de dizer que não incentivei minhas meninas a cortar parte dos pés para que coubessem num sapato! Não sou insana!”, insiste Flora.

Livros de autoajuda e meditação ajudaram Flora a perceber que a dor que havia causado foi a mesma pela qual havia passado quando criança. Flora passava os dias cuidando das irmãs. Ela nunca tinha tempo para amigas. “Minha mãe só dava amor à minha irmã, Anastasia, que tinha cabelos louros e olhos azuis.”

Flora escapou ao aceitar um pedido de casamento arranjado e teve duas filhas. Quando o casamento fracassou, ela conheceu Rufus, pai de Ela. Foi quando a vida de Flora pareceu completa. “Naqueles primeiros anos, todos nós fomos felizes juntos”, ela conta.

Então, o monstro da inveja assumiu. Flora começou a ficar obcecada pela profunda semelhança de Ela com Anastasia e preocupada porque imaginava que Rufus só se importava com a sua filhinha. “Jamais poderei desfazer o que fiz, mas passarei o resto da vida tentando recompensar Ela”, diz Flora.

Depois da transformação, Flora procurou a aprovação de Ela para desfazer o Castelo Galmour e criar o Reformatório de Contos de Fadas, exatamente no mesmo local. “Eu queria ajudar os outros a evitar o mesmo caminho destrutivo”, conta Flora. Procurou e serviu de mentora para alguns dos maiores criminosos e vilões de Encantadópolis, muitos dos quais hoje são membros do corpo docente da escola.

Flora viu mudança até nas próprias filhas. “Agora elas têm mais compaixão. Nós três podemos finalmente olhar para Miri, o Espelho Mágico (que dá consultoria na escola, em meio período), e nos sentirmos bem, em relação a nós”, conforme ela diz.

Temos certeza de que a princesa Ela aprovaria. Há meses correm boatos de que a princesa fará uma demonstração pública de apoio à madrasta, dando um baile de aniversário em homenagem à escola. Fiquem de olho em seus Pergaminhos de Felizes Para Sempre, *para as novidades sobre o baile!*

CAPÍTULO 4

Lar, doce lar?

Então, essa é a tal madrasta. Nunca havia encontrado a diretora Flora. O rosto longo e fino, o nariz pontudo, os olhos escuros e miúdos, e os cabelos compridos grisalhos não chegam a abrandar sua fama. Ainda assim, fico decepcionada por não haver raios que explodem de suas mãos, nem chifres de demônio que despontam de sua cabeça. Pelo jeito que meu amigo Cedric contou, sobre a vez que seu irmão fora arrastado para cá, tinha certeza de que encontraria isso.

Ele também disse que o escritório dela parecia um calabouço, o que não é verdade. Parece que uma princesa fez tudo aqui. Os móveis são dourados com almofadas roxas de veludo, tapetes orientais e vasos de cristal por todo lado. É mais ou menos do jeito que eu imagino que Ela tenha decorado seu castelo.

A diretora Flora entrelaça os longos dedos sob o queixo e me encara com interesse, acima da escrivaninha de mogno.

— Há muito tempo vinha esperando pelo prazer deste encontro.

Eu sorrio.

— É mesmo? Não posso dizer o mesmo.

A diretora Flora, no entanto, nem se abala.

— Lamento ouvir isso, entretanto, eu a esperava. O comissário de polícia vinha me mantendo, digamos, a par de suas atividades extracurriculares.

Eu tento não rir. Atividades extracurriculares — por que nunca pensei nesse nome?

— Eu sabia que seria apenas uma questão de tempo, até que você entrasse pela nossa porta — Flora me diz. — Acho que podemos fazer maravilhas por você. Nossas aulas de etiqueta, lições de História e treinamento comportamental são talhadas para crianças que possuem problemas exatamente como os seus.

Eu estreito os olhos.

— O que quer dizer com *problemas*?

— Suas dificuldades com autoridade — diz a diretora. — Você não tem respeito pelos mais velhos. Minhas filhas eram assim também. — Ela vira um porta-retratos em minha direção e eu vejo as duas meias-irmãs de Ela, Azalea e Dahlia. As meninas estão com vestidos tão deslumbrantes quanto o da Branca de Neve. A maquiagem delas está impecável e os cabelos estão feitos com os mais finos apliques de madeixas da Rapunzel. Se eu não soubesse a verdade, acharia que elas eram da realeza.

— Foram necessárias muita reflexão e muita meditação — que nós oferecemos aqui —, mas minhas meninas viram o erro de seu jeito egoísta. Hoje elas frequentam a Academia Real. São as duas únicas plebeias que estudam lá — ela se gaba. — Você não gostaria que seus problemas desaparecessem, como aconteceu com os delas?

Meu rosto fica ainda mais franzido.

— Olha, moça, eu estou com fome. Quero alimentar e proteger minha família. Se o RCF puder me ajudar a fazer isso, eu teria entrado de penetra, há muito tempo.

As crianças não acreditam nessa baboseira, acreditam? Quer dizer, como é que uma *escola* pode me transformar numa pessoa totalmente nova? Será que um dia vou deixar de querer que meus irmãos tenham as coisas que eles merecem? Ou deixar de desejar que minha mãe tenha uma vida mais fácil e uma toca maior para morar? Duvido.

— Por isso que você rouba? Para fazer dinheiro? — A diretora me pergunta.

Eu brinco com a bainha desfiada do meu macacão.

— Quem não quer mais dinheiro? — Eu a desafio. — Faço isso para comprar as coisas de que precisamos, está bem? E só pego coisas de nobres que nem dão pela falta de nada.

— A questão não é se as pessoas dão ou não pela falta das coisas — Flora me diz. — Você está pegando algo que não lhe pertence. Hoje pode ser uma fivela de dente de dragão, porém, amanhã pode ser uma carruagem. Onde termina isso? Não demora e seu rosto estará em cartazes de procurada espalhados por aí.

— Você quer dizer como o de Alva e Gottie? — Pergunto.

É óbvio que estou falando das famosas vilãs foragidas — Alva, a fada ranzinza que praguejou a Bela Adormecida (é bom ficar longe daquelas rodas giratórias!), e Gottie, raptora de Rapunzel (aqui está uma bela torre, onde podemos trancá-la para sempre!). Ser linda de morrer e nobre parece ter seu preço.

Embora eu tenha ouvido falar que Gottie foi vista por aí, Alva está desaparecida há anos. Dizem que ela está morta, mas eu duvido de que Encantadópolis tenha toda essa sorte.

— As pessoas precisam querer ser salvas — Flora me diz. — Tristemente, não há vestígios de Alva, e Gottie não se comprometeu a mudar. Mas nós vamos, *sim*, trazê-las.

Talvez ela acredite que eu precise ouvi-la dizer isso para dormir melhor, mas eu durmo bem, obrigada.

— É isso que você quer de sua vida? — Pergunta Flora. — Ser uma fora da lei?

Eu dou uma fungada.

— Sua tática de amedrontar não me preocupa. Não pode me manter aqui para sempre.

— Ah, receio que eu possa, querida. — Sem hesitar, Flora pega uma declaração que ninguém havia me mostrado ainda. O longo pergaminho tem a assinatura de Flora, a de Pete e... as dos meus pais?

Eu torno a me sentar ereta.

— O que é isso?

— Permissão para mantê-la até que eu veja mudanças positivas em seu comportamento — Flora observa minha reação. — Mandei um mensageiro trazer o pergaminho depois de sua detenção. Se você mantiver essa postura, poderá ficar aqui indefinidamente.

Fico imaginando se Flora se diverte em momentos assim.

— Meus pais concordaram em me manter aqui *para sempre*? Este lugar é para criminosos de verdade. — Eu me levanto, de tão afrontada. — Supostamente peguei uma presilha de dente de dragão! Não é tudo isso! — Flora me olha com tristeza.

— Como seus roubos não foram crimes violentos, você terá liberdade para se deslocar pela escola como bem desejar e poderá escolher atividades extracurriculares como nossas lições de voo com o Pegasus. — Flora fica me olhando. — Nós queremos chegar à raiz do motivo para que você roube.

— Por quanto tempo vou ficar presa aqui? — Pergunto.

— Quando sentirmos que você já tem domínio do comportamento e conhecimentos corretos para ser uma residente honesta de Encantadópolis, você será liberada — diz Flora.

Esperta. Ela não chegou a responder minha pergunta.

— Quando posso ver a minha família?

Flora franze o rosto.

— Receio que visitas não sejam permitidas. Nós sentimos que o atrativo de casa dificulta a concentração dos alunos. Eles poderão visitá-la em três meses, mais ou menos na época do baile de aniversário da escola que esperamos oferecer. Se você for bem, eles também serão bem-vindos.

Quem liga para uma porcaria de baile?

— Não, obrigada. Eu só quero sair daqui e voltar para meus irmãos.

— É exatamente o que estou falando — diz Flora. — Por isso você precisa do RCF neste momento. Se você não mudar, eles não mudarão. É esta a vida que você quer para eles, um dia?

Eu sinto um nó no estômago. Ameaçar o bem-estar daqueles ratinhos é a arma suprema para mim. Eu jamais faria algo para prejudicá-los. Pensar em Felix ou Trixie roubando me deixa mais enjoada do que um sanduíche de atum.

— Não — eu admito. — Mas eu não preciso de reformatório! — Estreito os olhos. — Reformatório é para madrastas monstruosas que trancam a enteada e obrigam-na a limpar a privada!

Vejo um lampejo de raiva nos olhos da diretora Flora, porém, ela não revida.

— Talvez eu deva lhe conceder um momento para pensar no que vai dizer. — Ela fecha os lábios apertados e levanta-se de sua poltrona confortável. — Eu não gostaria que começássemos em condições tão desagradáveis.

Flora deixa a sala e eu fico sozinha. Olho a escrivaninha brilhosa à minha frente, e penso numa vida em fuga. Essa pena de ouro em cima da mesa de Flora me renderia dinheiro suficiente para chegar pelo menos até Parrington. De jeito nenhum eu vou ficar neste lugar. Enfio a pena no bolso do macacão. É quando ouço alguém rir.

— *Boa! Nossa, você é bem impetuosa para uma humana. Gostei*.

Eu dou um pulo e giro.

— Quem disse isso? — Não vejo ninguém no escritório. — Miri? — Dou uma batida no espelho do escritório de Flora. Miri disse que podia pular de um espelho para outro. Ele deve estar ouvindo. Talvez tenha me visto roubando essa caneta-tinteiro. Porcaria.

— Deus, não! — Uma menina da minha idade sai de trás de uma das luminárias de chão, no canto do escritório, e vem até mim, meio correndo, meio flutuando. Como se escondeu atrás de algo estreito? — Neste momento, Miri está no intervalo, por isso estou aqui. — Ela contorna a escrivaninha e eu percebo duas asas quase transparentes que despontam de suas costas. Elas estão tremulando bem depressa. — Regra número um do RCF: sempre saiba a programação de Miri. Aquele espelho pode lhe trazer grandes problemas. — Ela estende a mão. — Kayla.

Fico olhando a mão dela, mas não aperto. Numa coisa concordo com meu pai — as pessoas não são legais com você sem motivo.

— O que você quer?

Kayla não parece abalada, mesmo com as asas parando de tremular por um segundo.

— Nada.

— Então, por que está me espionando? — Pergunto.

Ela sorri timidamente.

— Não estou espionando. Vim pegar um pergaminho para mandar um recado a uma pessoa, mas ouvi o Pete trazendo você e precisei ver o que era todo o estardalhaço. Em geral, ninguém briga depois de ser jogado para dentro destas portas, mas você... — Ela cruza os braços e me olha de todos os ângulos. — Estou impressionada. Não consigo acreditar que você não foi presa depois de ser flagrada três vezes roubando! Você deve ser algum tipo de gênio!

— Você estuda aqui? — Pergunto, hipnotizada por essa garota fada à minha frente. Ela é da minha altura, mas tão delicada que parece que vai partir ao meio. Seus cabelos louros curtos a fazem parecer ainda menor, assim como o macacão azul-claro que ela está vestindo. Deve ser uniforme da escola, porque o emblema no peito traz as letras RCF. — Por que você está aqui?

Kayla acena.

— Fui pega usando mágica de fada para ganho pessoal e minha família ficou totalmente enfurecida por causa disso. — Ela revira os olhos. — Tem algo errado em querer que o filho do padeiro tenha uma queda por você? Eu acho que não!

— Você é uma fada? — Não consigo evitar de ficar desconfiada. — Achei que as fadas fossem pequeninas.

Kayla remexe num de seus imensos brincos de tom âmbar, que combinam com seus olhos.

— Nós podemos ser miúdas quando precisamos, mas eu não poderia voar até fazer vinte e um anos, então, costumo ficar do tamanho normal. — Ela revira os olhos. — Minha mãe é muito chata com esse negócio de voar antes da hora, motivo pelo qual ela ficou muito irritada quando me viu voando acima do Castelo Real. Eu já estava de recuperação, por jogar um feitiço na minha irmã, que ficou com o nariz do tamanho do rosto. No fim, minha tia conseguiu consertar... — Kayla olha o retrato na parede e suspira. — Depois disso, minha mãe disse que eu era uma ameaça a qualquer um à minha volta, então, me mandou para o RCF. Já faz um tempo que estou aqui, sem liberação condicional à vista. Por isso continuo voando. Por que parar?

— Achei que você pudesse partir, assim que sua transformação estivesse completa — eu digo.

Kayla fecha os lábios com força.

— Isso é o que eles dizem, mas...

Tento fazer com que sua resposta não me perturbe.

— Então, como é?

O boato da masmorra. Diga que não há masmorras. Nem chicotes.

— Honestamente? Para uma escola, até que não é tão ruim. A masmorra nunca é usada — Kayla me conta. Talvez ela tenha percepção extrassensorial. — E nós não somos acorrentados às paredes, ou forçados a tomar poções estranhas para nos transformar. Mas temos de usar estes uniformes que pinicam. — Ela aponta para seu macacão azul. — O RCF é basicamente um colégio interno para

delinquentes. Temos aula de etiqueta com a Bruxa do Mar. Tente aprender lições de dança com uma professora que flutua num aquário. — O chef faz uma torta de maçã de matar — sem maçãs envenenadas! — Os dormitórios são legais, eles ficam nas torres do castelo e são divididos por apenas duas alunas. E nós temos tempo de sobra para praticar outras atividades: esgrima, aulas de voo no pégaso, encantamento de serpentes. Eles gostam que a gente entre em contato com novas facetas de nossa personalidade, aqui.

Torta de maçã, quartos grandes, tempo para praticar outras atividades? Não temos nada disso na escola da associação. Temos de levar nosso almoço. Até o meio-dia, meu sanduíche já está molenga, pois minha mãe prepara nossos lanches mais ou menos às cinco horas da manhã. Além disso, dividimos o quarto apenas com mais uma colega!

— Este lugar não parece nada mau — eu admito.

— Não é — Kayla concorda. — É divertido, contanto que você fique nas graças de Flora. Se criar dificuldades para ela, a diretora será duplamente dura com você. Ela não gosta quando um aluno sai da linha, em especial nos primeiros meses. Pare de mencionar Ela. É um ponto bem doloroso. E não a questione sobre as vilãs que fogem da polícia. O Lobão vem procurando a Alva há anos e ainda não farejou nada.

— Quem? — Eu pergunto.

— O professor Lobão — diz Kayla, como se soubesse quem é. — O Lobo? O que comeu a vó da Chapeuzinho Vermelho? Ele é o favorito de todos os alunos — rigoroso, mas de fato ouve. Ele é um cara legal. Quer dizer, um lobo legal. Lobo homem. — Ela abana a mão. — Tanto faz.

O relógio na mesa de Flora indica que são sete horas da noite e Kayla voa de volta à luminária de chão, no canto da sala.

— Lembre-se do que eu lhe disse — seja agradável e sua passagem aqui será tranquila. — Os olhos dela brilham. — Quem sabe? Talvez você possa até ser minha nova colega de quarto! Minha última colega desapareceu há um tempo — ela diz, e antes que eu possa perguntar por quê... puf! Ela some.

— Achei que você estivesse aqui por ter usado mágica de fada — eu sussurro.

O riso de Kayla flutua pela sala.

— *Digamos que eu ainda não passei pela minha transformação.*

Ouço a maçaneta girar e rapidamente sento de volta na cadeira.

— Seja agradável! — Kayla me lembra.

Um Lobo que se tornou professor, uma bruxa do mar que ensina etiqueta, uma fada delinquente que ainda usa mágica e uma torta de maçã que é de matar, mas no bom sentido?

Este lugar não é o que eu pensei. Acho que posso sobreviver ao RCF, até calcular meu próximo passo.

A porta se abre e Flora entra novamente.

— Então, Gillian — ela pergunta —, você quer tentar ter esta conversa outra vez?

Pensando em Kayla, eu me viro para a diretora com um sorriso triste.

— Eu sei que quer o melhor para mim. E sei que posso mudar com a ajuda do RCF.

Ponto! Talvez eu deva fazer aulas de interpretação. Fico imaginando se eles têm esse curso aqui.

Flora meio que sorri. E eu tenho quase certeza de que tem alguém perto daquela luminária de chão, uma Kayla invisível que acaba de piscar para mim.

CAPÍTULO 5

O especialista em fugas

Pete e Olaf se foram. Todos nós seguimos até o grande saguão para vê-los partir (é apropriado acompanhar um visitante até que ele saia — Flora me disse. E esses são uns visitantes e tanto. Fizeram com que eu fosse presa!). Então, as pesadas portas de madeira da entrada da frente se fecharam atrás deles. Eu não lamentei em ver aqueles dois indo embora, mas, agora... estou sozinha com a madrasta malvada (e, possivelmente, com Kayla).

— Bem, vamos acomodá-la — diz Flora, sem parecer nada com uma madrasta. Ela me entrega uma pilha pesada de papéis. O logo do Reformatório de Contos de Fadas está no topo de cada folha. — Algumas regras e nossas diretrizes para as aulas e atividades depois das aulas — ela diz. — E, claro, nossa política de ações disciplinares, que tenho certeza de que você não vai precisar. As consequências de infrações de primeiro, segundo e terceiro graus estão listadas aqui.

Dou uma rápida folheada no livro. Nossa. Tem *um monte* de regras. Mais do que a Kayla contou. Meus olhos começam a se encher de água. Então, eu me concentro em três palavras de que não gosto: terapia em grupo.

— O que é isso? — Pergunto, apontando a frase ofensiva.

— Nós acreditamos que a melhor forma de reabilitar o comportamento de nossos alunos é por meio de sessões com um terapeuta — diz Flora. — A professora Harlow cuida disso, e essas sessões são bastante recompensadoras.

"Irritante" seria a palavra que eu escolheria. Não consigo imaginar a Rainha Má distribuindo lenços de papel e querendo falar de nossos sentimentos.

— E se eu me recusar a ir? — Aponto o queixo, na defensiva.

O sorriso de Flora é meio assustador.

— Você fica aqui pelo tempo que for preciso. — Ela abana a mão. — Nós ficamos bem atentos às modificações no comportamento de nossos alunos.

Hum... não sei se ainda gosto desse negócio.

— Pronta, diretora? — O espelho perto de nós começa a brilhar e a voz de Miri é alta e clara. Desconfio de que ele devia estar ouvindo, o tempo todo.

— Sim, obrigada, Miri — diz Flora. — Você gostaria de ver seu quarto novo, Gillian? Espero que goste de beliche.

— Quando se tem cinco irmãos que dormem no mesmo buraco que você, os beliches são o único jeito para que todo mundo caiba — eu digo.

A diretora Flora assente como se compreendesse, mas eu duvido. Antes de construir o RCF, ela morava aqui no Castelo Galmour. Agora ela mora numa ala privativa da escola. Ela diz que todos os professores têm apartamentos no campus.

— Bem, você não vai achar nossas instalações tão apertadas quanto sua casa, sem dúvida — Flora me diz. — No entanto, precisamos encontrar uma colega de quarto para você. Miri, quem

temos disponível no dormitório das meninas?

— Temos opções limitadas — Miri diz, melancólico. — Tem a fada Sasha, que sempre corta o cabelo da colega de quarto enquanto ela dorme.

Eu me retraio. Posso não adorar meu cabelo, mas gosto do comprimento.

— Não preciso de um corte de cabelo tão cedo — digo a Flora.

— Quem mais nós temos? — Flora sacode o pé, com impaciência.

— Que tal a Tara? Sua colega de quarto vai passar o semestre inteiro na enfermaria, por causa daquele feitiço que deu errado — Miri diz a Flora, alegremente.

— Mais alguma opção? — Pergunto. — Eu não me saio bem de cobaia.

Flora passa a mão pelos cabelos grisalhos e suspira.

— Miri, quem mais sobrou?

Eu apalpo a caneta-tinteiro em meu bolso — preciso de alguém que não me julgue o tempo todo pelos meus roubos.

— Não tive a intenção de bisbilhotar, diretora, mas eu vi um papel em sua mesa sobre uma menina chamada Kayla, que precisa de uma colega de quarto. E quanto a ela?

— Ah, Deus, aquela ali, não — murmura Miri.

— Sua fotografia estava no arquivo e ela não parecia alguém que me transformaria em sapo.

Flora remexe num broche volumoso em seu vestido sob medida e fica me olhando, duvidosa.

— É bom que você saiba que sua última colega de quarto desapareceu em circunstâncias misteriosas. Não encontramos nenhum vestígio dela.

— Supostamente desapareceu. — Kayla surge por trás de um relógio. — Ela era meio lobo e tinha um temperamento terrível. Tenho certeza de que vai aparecer uma hora ou outra. — Kayla olha para mim. — Quem é essa?

— Gillian Cobbler, nossa mais nova aluna — Flora me apresenta. Kayla e eu trocamos um aperto de mãos. De novo. — Ela está precisando de uma colega de quarto e, por algum motivo estranho, solicitou você. — Flora vira para Miri. — Temos quase cem alunas e não há mais ninguém? Kayla ainda está em recuperação por ter feito nevar na biblioteca mês passado.

— Foi tão bonito — diz Kayla, com um suspiro.

Flora não pareceu achar engraçado.

— Você estava usando magia ciente de que é proibido, a menos que seja parte de um trabalho de turma.

— Certo! — Os olhos de Kayla se abrandam. — Lamento muito por isso. Não vai acontecer de novo. — Ela faz uma pausa. — Então, será que *agora* eu posso ter a Gilly como colega de quarto?

Flora faz um ruído que parece um rosnado.

— Diretora? — Miri interrompe. — Rose está me chamando no castelo.

Minha nossa! Rose é a Bela Adormecida. Não que eu ligue para essas coisas.

— Quando terminar, por favor, encontre-me em meu escritório — Flora diz ao espelho.

— Sim, diretora — diz Miri. — Comportem-se, garotas. — E, ao dizer isso, ele some.

Flora também não se alonga.

— Bem, se tem certeza... — Eu aceno com a cabeça. — Tudo bem, Kayla pode lhe mostrar o dormitório e os arredores quando estiverem a caminho.

— Sim, diretora — diz Kayla. Nós esperamos que Flora saia. — Isso foi brilhante! Eu estava pensando num meio de fazer com que fôssemos colegas de quarto.

Os pelos dos meus braços eriçam.

— *Shh!* E se Miri ouvir você?

— Por favor! — As asas param de tremular. — Se Miri foi chamado ao castelo, ele está no castelo. — Kayla enlaça o braço ao meu e eu começo a me elevar. — Temos tempo antes do jantar para que você desfaça suas malas. Primeiro, porém, deixe-me mostrar a escola para você.

— Vamos caminhando — eu insisto. — Nunca voei. Tenho certeza de que vou ficar tonta.

Kayla parece decepcionada.

— Tudo bem.

Ping. Clic. Plaft.

— O que foi isso? — O grande saguão estava completamente vazio, exceto por nós duas.

Kayla sacode os ombros.

— Sei lá. Pode ser um pégaso. Eles não devem voar perto do castelo. Um deles tirou uma lasca de uma torre na semana passada. E estão todos nas atividades depois das aulas.

Ping. Clic. Plaft.

Kayla sai voando em direção às imensas portas da entrada e eu vou correndo atrás. Ao chegarmos à porta, ela olha para cima. Num movimento rápido, tira o cinto e lança ao ar, de encontro ao lustre. A bela luminária balança.

— *Aaaii!* Kayla, pare com isso!

Eu levo um susto. Tem um menino lá em cima, em pé, no lustre de cristal. Ele tem cabelos louros ligeiramente encaracolados e está de uniforme — um suéter azul-marinho por cima de uma camisa branca, com calça cáqui — mas suas botas estão enlameadas. Ele está pisando em cristais inestimáveis com botas sujas? Ele é doido?

— Jax! O que está fazendo aí em cima? — Kayla sussurra exaltada.

— Estou limpando o cristal para Flora — diz Jax, revirando os olhos. — O que parece que estou fazendo? Estou fugindo.

Kayla aplaude.

— Eba! Desta vez, eu sei que você vai conseguir.

Eu protejo os olhos da claridade que entra pelo vitral da janela ao lado do lustre em que Jax está empoleirado.

— Ele está fugindo? Por quê? — Eu pergunto a Kayla. — Achei que você tivesse dito que este lugar é legal.

Jax ri alto e olha pra mim. Eu me sinto ligeiramente estarrecida. Eu nunca tinha visto olhos cor de violeta.

— O RCF foi divertido por um tempo, mas coisas estranhas começaram a acontecer e eu não quero estar aqui quando vier algo ruim.

Coisas estranhas? Que tipo de coisas estranhas? Por que Kayla parece subitamente pálida?

— Ele está exagerando — Kayla me diz, porém, ela não parece convincente.

Ping. O que Jax está segurando está pingando. Kayla e eu desviamos para não nos molharmos.

— Óleo — Jax me explica. — Lubrifica a janela. — Ele balança o lustre e, ao aproximar-se da janela, usa um garfo para forçar a abertura. — Com mais algumas tentativas eu vou conseguir.

— E depois, o que vai fazer, gênio? — Pergunto. — Você está no segundo andar.

Os olhos de Jax brilham.

— Eu já pulei de lugares mais altos.

— É verdade — Kayla me diz. — Uma vez Jax pulou do ginásio para a torre do salão de jantar. Eram três andares. Nós o chamamos de especialista em fugas. Uma vez, ele até conseguiu invadir os quartos de Azalea e Dahlia, e pegar emprestada a chave para a piscina interna, para que todo mundo do dormitório pudesse nadar, à meia-noite.

— Notável — eu digo a ele. — E eu achei que fosse boa em ludibriar esses nobres detestáveis.

— Ela roubou uma presilha de dente de dragão de uma delas hoje de manhã — Kayla conta.

— Legal — diz Jax. — Foi sua primeira ação?

— Não, eu já faço isso há algum tempo — eu me gabo.

— Eu também — diz Jax. — Meu pai é lavrador. Não dá para chegar muito longe vendendo legumes. Eu precisava dar uma pequena incrementada nas coisas.

Por algum motivo, acho que nenhum de nós vai passar pela transformação que a diretora Flora está buscando.

— Por que você quer tanto fugir?

— Tenho lugares para ver e Encantadópolis não é um deles. — Jax balança o lustre com tanta força que os cristais tilintam uns nos outros. O fecho da janela se abre e vejo Jax saltar do lustre para o pequeno peitoril. Estou impressionada. Jax olha para baixo, para nós, com um ar presunçoso, antes de empurrar a janela para abri-la. — Têm certeza de que não querem vir comigo?

— Não há tempo para nós — diz Kayla. — Dê o fora daqui. Espere! — Os olhos dela se arregalam. — Você desativou o alarme da janela, não é?

— Não tem alarme — Jax insiste. — Se tivesse, eu não estaria fazendo isso. — Quando, porém, Jax ergue a janela, nós ouvimos.

Uooooooounnnn, Uooooooounnnn! Saída não autorizada! Saída não autorizada!

O som berrante é tão intenso, que Kayla e eu tampamos os ouvidos. Em segundos, Flora sai do escritório e corre em nossa direção.

Vup!

Sinto algo passando por mim e giro. Quando ergo novamente os olhos para Jax, um homem grande e musculoso, com uma juba comprida, está pendurado no peitoril da janela, com as mãos peludas puxando Jax pela camisa. Como foi que o homem subiu ali, sem uma escada?

— Senhor Jax — diz o homem, num rugido baixinho —, nós de fato precisamos parar de nos encontrar desta maneira. — Ele puxa Jax da janela e os dois caem no chão com um gemido. Esse deve ser o Lobão, e ele consegue saltar. — Quer dizer algo? Como o motivo para estar lá em cima?

— Eu precisava de ar fresco — murmura Jax.

— Ah, o mesmo que das duas últimas vezes. — A voz de Lobão é muito suave e calma, levando em conta o que está acontecendo.

Eu me volto para Kayla para sugerir darmos o fora dali, porém, ela sumiu! Ah, cara, você é culpada por associação neste lugar? Ótimo. Simplesmente ótimo.

— Você sabe o que significa uma terceira infração, não sabe? — Flora diz à Jax, que parece estar com vontade de vomitar. — Confinamento da solitária, por um mês.

Um mês? Nossa, mas isso é duro!

— Por favor, Jax implora. — Só me dê mais uma chance. Não tentarei isso outra vez.

— Aonde você estava indo? — Pergunta Flora. Jax não respondeu. — Então, você não me deixa escolha.

— Espere! — Eu interfiro e todos olham para mim. Os olhos de Lobão têm um tom azul gélido, que é tão aterrorizante quanto hipnotizante. Nós, ladrões, precisamos nos manter unidos. — A culpa é minha. Mais cedo, quando eu cheguei, deixei cair meu diário. Eu escrevo nele todos os dias e pretendia enviar cartas à minha irmã. — Eles ainda estão ouvindo. Isso é bom. — Eu estava tão aborrecida por tê-lo perdido que o Jax se ofereceu para tentar chegar lá embaixo e procurar para mim. — Eu olho para Flora. — Como as portas estão fechadas, ele teve de arrombar a janela para sair.

— É mesmo? — Lobão parece entretido. — Confirma isso, senhor Jax?

A boca de Jax começa a tremular, mas, ainda bem, para.

— Cada palavra. Eu estava tentando ser o cavalheiro que a madame Cleo sempre diz para que sejamos.

Lobão assente.

— Nobreza e tanto de sua parte. — Ele olha para Flora. — Acho que devemos dar outra chance a ambos, uma vez que é a primeira hora da senhorita Gillian aqui e o senhor Jax só estava tentando... como foi que disse? Ser um cavalheiro.

As veias da testa de Flora parecem prestes a explodir.

— Uma *pequena* chance. Depois disso, ambos serão responsabilizados por suas ações. Entendido?

Jax e eu nos olhamos e ele fala por nós dois.

— Nós entendemos totalmente.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

POR QUE TEMEMOS MAÇÃS: CONHEÇA A PRIMEIRA PSICÓLOGA DO RCF, A PROFESSORA HARLOW

por Beatrice Beez

Ocupação anterior: Rainha Má dos pesadelos de Branca de Neve — e dos nossos (será que alguém ainda consegue olhar para uma maçã do mesmo jeito?) — que regia o reino de Haddleburg com mão de ferro.

Ocupação atual: "Ela é uma mulher tão inteligente que não precisa aterrorizar as pessoas para causar impacto", disse Flora (Harlow declinou ser entrevistada). Atualmente, Harlow é uma das professoras mais rigorosas do RCF. Ela adora testes surpresa, portanto, aterrorizar ainda se aplica.

Hobbies: moda (ela encomenda seus vestidos na Jasper's Tailoring). Também adora passar um tempo com a irmã Jocelyn, que é aluna do RCF, e treinar o time de esgrima do RCF, primeiro colocado.

Pontos fortes: alguns dizem que Harlow ainda lida com bruxaria, mas Flora diz que isso é bobagem.

Pontos fracos: a falta de uma coroa. Fontes dizem que esse ainda é um ponto doloroso.

Gosta:da beleza. "Ela está determinada a permanecer jovem!", diz uma aluna anônima que ficou com receio de que Aldo, o corvo de estimação de Harlow, descobrisse que ela estava sendo entrevistada (ele sabe de tudo o que se passa no mundo dela).

Detesta: ser desrespeitada. "A maioria dos garotos de recuperação só estão nessa situação por causa da professora Harlow", a anônima disse, antes de ouvir um pássaro grasnar, e saiu correndo de nossa entrevista.

Vida amorosa: será que precisamos tocar no assunto da maçã envenenada de novo? O caso de amor de Harlow é exclusivamente com seu reflexo branco-leite. E possivelmente Aldo.

Verifiquem seus pergaminhos na próxima semana, para ler mais sobre a cobertura do aniversário do RCF!

CAPÍTULO 6

Quem é a verdadeira maçã envenenada aqui?

— Colega de quarto! Jax! Esperem! — Kayla me surpreende na manhã seguinte, quando surge de um corredor que acabara de se materializar à nossa frente, à esquerda.

Como ladra, fico impressionada com a planta deste lugar — cômodos e paredes parecem se deslocar à nossa frente, quase a cada hora, impossibilitando arranjar uma rota de fuga clara. É como se eles tivessem a intenção de não nos deixar à vontade *demais*. Vejo que, se eu quiser sair logo do RCF, preciso andar pisando em ovos, de cabeça baixa. Acabei de ver duas fadas sendo arrastadas para a recuperação por causa de uma briga de varinhas de condão, que acabou ateando fogo numa cadeira.

— Tudo legal com vocês? — Kayla sussurra apressadamente. Ela está quase flutuando, os dedos dos pés mal tocam o chão. — Você ficou de recuperação com a Bruxa do Mar? Não me odeie! Desculpe por eu ter amarelado. — Ela franze o rosto como meu irmão Hamish, quando ele se sente culpado. — Não posso pegar minha terceira recuperação no mês.

— E eu posso? — Pergunta Jax, jogando a mochila com os livros por cima do ombro. — Se não tivesse sido por sua nova colega de quarto, nesta tarde eu estaria dançando valsa com a Madame Doida. Ainda bem que essa aí é boa de jogo. — Jax espalma minha mão no alto e eu fico vermelha. Ninguém costuma elogiar minhas habilidades de mentirosa, mesmo quando são magníficas.

— Ela é ótima — Kayla aprova e dá um apertão no meu braço. Sua mão está gélida.

É de pensar que, se eu fosse tão boa assim, Kayla teria dormido em nosso quarto ontem à noite. Em vez disso, tive de seguir sozinha até a torre do dormitório das meninas, depois que o professor Lobão nos liberou com um alerta. Então, depois que cheguei à torre, encontrei um bilhete no quadro-negro mágico em nossa porta, que dizia: “Desculpe, vou passar a noite estudando. Durma bem, em sua primeira noite, em nosso quarto! K”.

— Se você é tão boa assim, dando cobertura aos outros, talvez possa me ajudar da próxima vez que eu me encrencar — sugere Kayla, e a risada de Jax ecoa pelo longo corredor, que fica balançando. Eu me sinto como se estivesse caminhando numa barra suspensa.

— Você está *sempre* encrencada, porque nunca está onde diz que está — diz Jax.

— Verdade — diz Kayla, suspirando.

— E para onde você sempre vai? — Pergunta Jax.

Kayla dá um sorriso malicioso.

— Um bom trapaceiro nunca revela seus segredos. Você deveria saber disso.

— Ex-trapaceiro! Ex-trapaceiro! — Jax repete, como se estivesse lendo num dos inúmeros livros de autoajuda que encontrei em nosso dormitório, com títulos como *Três passos para o bem* e *De sinistro a meigo*.

O sino toca para anunciar o começo da aula e eu cubro os ouvidos, porque é muito alto. Provavelmente é tão ensurdecedor para evitar a famosa desculpa de atraso: “Eu não ouvi o sinal”. Sim, nós ouvimos e eu estou prestes a ter meu primeiro atraso.

— Preciso chegar à caça aos duendes antes que a porta da sala de aula evapore. — Jax pisca para nós e depois entrega a Kayla o lenço do bolso de sua camisa. — Divirtam-se na terapia, meninas.

Kayla geme.

— De todas as aulas para começar, a da Rainha Má é a pior. — Kayla põe a mão na barriga. — A professora Harlow faz com que você fale de sentimentos e faz as crianças chorarem. Ela é má.

— Talvez por isso ela seja chamada de Rainha Má — eu digo, animada, enquanto nos apressamos até a sala de aula, esquivando-nos das paredes do castelo. Eu me jogo por uma porta que está se fechando e me atiro na cadeira mais perto da saída. — Quão má pode ser uma professora de terapia?

— Bem má — Kayla sussurra, ao passar correndo por mim rumo a uma cadeira nos fundos. — Não diga nada sobre...

— Senhorita Gillian Cobbler, que gentil de sua parte agraciar-nos com sua presença esta manhã — ouço alguém interromper com uma voz que é quase um ronronar.

A Rainha Má decididamente intimida. De cara, eu lhe dou esse crédito. Ela é bem mais alta do que eu havia imaginado — e fica ainda mais alta com esse adereço de plumas e cristais na cabeça —, e suas roupas são deslumbrantes (ela está usando uma roupa felpuda, de veludo verde, com cristais verdes ao redor da cintura minúscula). Sua aparência pode até ser páreo para as princesas, não fosse pela expressão amarga e o rosto longo e claro, que a maquiagem não consegue esconder. O vestido bordado de Harlow se arrasta pelo chão de pedras da sala, conforme ela caminha em minha direção.

— Acha que porque é nova aqui pode chegar atrasada, sem problemas? — Ela fecha com força os lábios pintados de lilás, tamborilando as unhas pintadas de roxo. Seus olhos são obscuros como carvão.

Tento não parecer nervosa.

— Não, mas até que você poderia pegar leve comigo. É preciso um mapa para andar neste lugar.

Estou esperando que alguém ria — como fariam nas minhas aulas na escola da associação —, mas o restante da turma fica tão quieto, que daria para ouvir um alfinete cair.

— Isso é para ser engraçado? Terapia não tem graça. — A Rainha Má estala os dedos e meu nome surge no quadro atrás de sua mesa. Aparece a palavra “atrasada”. — Seu primeiro atraso na primeira aula! Muito bem, filha do sapateiro! — Ela aplaude desanimada e o corvo em seu ombro grasna concordando. — Estou vendo que você é outra ótima aquisição para nossa escola.

Atrás de mim, ouço alguém fungar.

— O que espera de alguém cujo pai faz sapatos baratos como meio de vida?

Eu me viro para trás. Ninguém ofende a minha família. A garota atrás de mim está vestida de preto da cabeça aos pés. Ela está com uma saia com uma estampa esquisita, de luas e estrelas. Por que ela não precisa usar o uniforme?

— Perdão?

— Você me ouviu — ela diz, friamente, fulminando-me com os olhos negros. — Acha que pode fazer algo a respeito? Uma filha de sapateiro, baixo nível?

Eu fico atônita. A Rainha Má pode até parecer má, mas será que ela realmente vai deixar essa garota falar comigo desse jeito? Eu olho em volta, em busca de aliados.

É a primeira chance que tenho de olhar todo mundo. A escola da associação era composta mais por humanos e, ocasionalmente, algum duende. Aqui, vejo ogros, gnomos, sereias, fadas e criaturas mágicas sobre as quais só li em livros de histórias. Há carteiras até dentro de aquários gigantes! Duas sereias mergulharam dentro dele enquanto essa garota era rude comigo. Fora ela, as sereias são as únicas que não são obrigadas a usar esses uniformes azul-marinho que pinicam.

— Para começar, eu posso lhe dar um safanão que vai derrubá-la da cadeira — eu digo, com a raiva minando dentro de mim. Levanto da minha cadeira. — Isso deve impedir que você ofenda pessoas que nem conhece.

Ouço uma risada aguda e dedos longos apertam meu ombro.

— Sente-se, senhorita Cobbler, antes que eu lhe mande para a recuperação. Primeiro, um atraso, e agora, você está ameaçando a minha irmã?

Essa garota é irmã da Rainha Má? Se a irmã de Harlow também está no RCF, ela deve ser bem barra-pesada.

Minha professora estala a língua.

— Você, com certeza, não vai querer cair na minha antipatia, não é? Não acho isso muito inteligente. — Ela estala os dedos e o quadro atrás dela começa a mostrar mais anotações. "Gillian Cobbler — problemas com raiva, problemas com autoridade, ameaça outros alunos. Recomendada a estadia prolongada." Meu coração murcha. A professora Harlow se aproxima de meu rosto. Ela tem cheiro de rosa. — Você precisa levar isso lá para fora? — Ela pergunta. — Gosto muito quando os alunos resolvem suas questões com uma disputa de esgrima. Afinal, eu sou instrutora do time, e minha irmã, Jocelyn, é nossa estrela da esgrima.

Na verdade, a esgrima era uma das atividades que eu queria praticar depois da escola — antes de saber que a Rainha Má era a técnica. Eu só pratiquei esgrima com a vareta de mexer em nossa lareira, mas minha mãe disse que eu levo jeito. Olhando para Jocelyn, não tenho certeza se isso é suficiente, e a última coisa que eu quero é ter problemas que me prendam por mais tempo no RCF. Por mais que isso me mate, não posso fazer nada.

— Não.

— Boa escolha — murmura a professora Harlow.

Jocelyn se inclina para a frente e sua respiração quente bate em meu pescoço.

— É melhor você ficar esperta, filha de sapateiro — ela sussurra. — As pessoas que irritam a minha família não sobrevivem para contar a história. Ou será que você não ouviu o que podemos fazer com uma maçã? — Eu viro para lançar um olhar maldoso e Jocelyn dá um sorriso cruel.

— Como esta é sua primeira sessão em grupo, senhorita Cobbler, talvez queira contar como veio parar no RCF. — Harlow volta à sua mesa e se senta. Eu noto um estojo transparente de vidro com um espelhinho dourado dentro. *O que tem de tão especial nesse negócio que precise ficar trancado*, eu me pergunto — e sinto um arrepio quando percebo os olhos de Harlow em mim. Desvio o olhar para a imensa vasilha de cristal em sua mesa. Quase todos os alunos trouxeram uma bela e reluzente maçã vermelha ou verde, que parece ter sido polida com cera. Eu não trouxe nenhuma, o que provavelmente é outra ofensa.

— É... — De jeito nenhum eu vou compartilhar alguma coisa aqui dentro.

— É? — A professora Harlow debocha, num tom de voz alto. — *É*? Isso é tudo o que tem a dizer? — Ela tamborila nos cristais em suas mangas. — Nossa, seus pais devem se orgulhar muito de sua inteligência notável.

Algumas pessoas riem. Jocelyn é a mais ruidosa.

Eu estreito os olhos, apesar de saber que não deveria.

— Eu disse "é" porque de fato não há nada que eu queira compartilhar. — *Fraqueza não é um traço que você queira compartilhar com o mundo*, eu até ouço meu pai dizer.

Harlow estala os dedos e uma sensação de frio me percorre o corpo. Um vento sopra subitamente na sala e meu cabelo fica esvoaçante diante de meus olhos, impedindo-me de ver o que está acontecendo. Então, de repente, o vento para e nossas mesas foram arrumadas em círculo. Deve ser hora do compartilhamento em grupo. Meus colegas de turma parecem melancólicos e é fácil saber o motivo. Das paredes sem janelas, até as inúmeras tochas que lançam sombras sinistras na parede e o pássaro negro empoleirado no ombro da professora Harlow, a vibração é meio assustadora. Como isso pode ser uma sala para entrosamento?

— Talvez um ambiente informal em grupo possa deixá-la mais ávida para confessar. — Harlow ressurge diante de minha mesa, como por encanto. Ninguém consegue se deslocar com tanta rapidez. — Compartilhe, senhorita Cobbler. *Agora* — ela diz, de modo acentuado.

Eu abro a boca ciente de que outro comentário irritante só vai me deixar mais encrencada, mas uma garota gnomo parruda e baixinha fala antes de mim. Eu sorrio agradecida.

Harlow gira, com sua capa esvoaçando pelo ar, como se fosse criar asas.

— Então, *fale*.

— Olá, pessoal. Eu sou Maxine. — Ela puxa uma de suas orelhas compridas, cobertas de pedras preciosas das minas de Encantadópolis.

— Oi, Maxine — todos nós dizemos juntos, da forma como se espera que o façamos.

— Tenho pensado muito na Guerra dos Duendes. Talvez, porque eu tenha vivido ao longo dessa guerra — ela diz baixinho. Vejo quando um de seus olhos abaixa, enquanto ela fala, e o outro fica parado. — As coisas que eu vi ainda me tiram o sono.

— Você é uma duende — Jocelyn tagarela. — Supostamente fica acordada à noite espreitando por aí. — Uma menina ao seu lado ri debochando e eu olho para as duas de cara feia.

— Jocelyn — Harlow diz, num tom tranquilo. — Deixe-a terminar. E nada de xingar ninguém — ela acrescenta. — Essa é minha função. Continue, Maxine.

— Eu fico pensando em quando a guerra finalmente vai terminar. — Maxine olha Jocelyn de rabo de olho, com um dos olhos revirando. — Quando mais nenhuma vida será perdida.

— Nunca! — Jocelyn interfere. — Nós deixaríamos todos os duendes e todos os gnomos se matarem. Quem precisa deles?

Parece que a pobre Maxine vai chorar, e eu estouro. Quem a Jocelyn pensa que é?

— Nós poderíamos dizer o mesmo de sua família — eu falo. — Muita gente acha que a Rainha Má deveria ter sido banida depois do que ela fez com a Branca de Neve. Quem quer sua família em Encantadópolis? — Jocelyn me encara sombria e eu sinto um beliscão em meu braço direito. — Ai! Quem fez isso?

— Geniosa, geniosa, senhorita Gillian — diz a professora Harlow, estalando a língua, porém, ela parece satisfeita. — Você não gostaria que eu lhe desse sua primeira recuperação por contar mentiras, não é? Ótima participação, Jocelyn. — A garota sorri presunçosa e eu reviro os olhos.

Quack! Aldo, o corvo, grasna e dá um rasante, pousando em minha mesa. *Quack*! É como se ele estivesse me repreendendo por revirar os olhos, o que é puramente insano, mas...

A professora Harlow estende a mão e Aldo voa de volta até seu ombro. Os dois me olham com ar de reprovação. Os olhos de Harlow desviam para minhas botas.

— O que são isso? — Ela pergunta. — Esses calçados não são apropriados para o uniforme. Com certeza, a filha do sapateiro pode pagar pelo menos pelos *sapatos*.

— Meus pés doem com eles — eu digo. — *E são horríveis*.

Harlow estala os dedos e minhas botas favoritas desaparecem, e os sapatos horrendos da escola surgem em meus pés. Mas que...?

— Uma pena. Você pode ter suas botas velhas de volta quando aprender a voar como Aldo. Agora, senhorita Maxine, vamos falar sobre ser duende. Envergonha-se por ser tal criatura?

— O quê? — Maxine grita. — Isso é algo bem cruel de dizer, professora.

— Eu só estava brincando, querida — diz a Rainha Má. — Eu queria ver como suas emoções estavam e agora nós sabemos, não é? Você tem vergonha de ser duende.

Tum.

Todos nós olhamos para cima. Fico alegre pela distração.

Tum. Tum. Tum.

Irritada, a professora Harlow ergue os olhos para o teto, mas ignora o som.

— Maxine, conte-nos sobre seu momento mais sinistro como duende. — Seus olhos verdes brilham. — Aliás, por que vocês todos não relembram seus momentos mais sinistros, numa redação de mil palavras, até o final da aula? Comecem agora. — Ela estala os dedos e as tochas intensificam a luminosidade. Ela aproveita a oportunidade para ir até o espelho atrás de sua mesa. Observo enquanto ela examina o rosto e depois pega um dos frascos roxos em sua mesa. Ela começa a passar loção no rosto.

Tum! Tum! Tum! TUM! Tum! Tum!

A mão da Rainha Má escorrega e a loção respinga no corpete de seu vestido. Ela emite um rosnado baixo.

— Que barulhada é essa? *Miri!* — Ela grita. Aldo decola do ombro da professora Harlow e dá um rasante acima da cabeça de todos. — *Miri! Onde está você?*

O espelho diante de Harlow começa a cintilar em verde, depois laranja, depois roxo.

— Harlow, nós já falamos sobre isso — diz uma voz de dentro do espelho, com um suspiro. — Só a diretora Flora pode exigir minha presença.

— Bem, eu estou exigindo mesmo assim — ela diz furiosa. — Que porcaria de barulho horrível é esse, que interrompeu a minha sessão de terapia em grupo?

— Estou surpreso que já não tenha dispensado a turma — diz Miri, sem aparentar nenhum nervosismo, diante do tom de Harlow. — Recebeu o memorando de Flora esta manhã?

— Que memorando? — Harlow grita acima do barulho contínuo, que parece ficar mais alto a cada minuto. Harlow gira a cabeça de volta para a turma. — *Escrevam!*

Todos nós olhamos para baixo, para os papéis. Eu pego minha caneta-tinteiro e minha tinta.

— *Psst*. — Eu olho para Maxine. Ela me oferece uma caneta-tinteiro. — Use esta.

Eu ergo a minha.

— Obrigada, mas a minha está boa.

— Oops! — Ouço Miri dizer. — Eu deveria ter lhe dado o memorando. Da mesma forma que você deveria ter me falado sobre a reunião no escritório da Flora, ontem.

Maxine sacode a cabeça e seu olho preguiçoso revira depressa. Seus óculos de armação pesada combinam com seus cabelos castanho-claros.

— Use esta. Dentro dela há uma mensagem de uma amiga. — Ela entrega a caneta, enquanto Harlow e Miri discutem. — Escreva com ela. Você vai ver.

O que ela quer dizer com há uma mensagem dentro dela? Eu olho a caneta, imaginando se há algum compartimento secreto, mas não vejo nenhum. Mergulho a caneta no tinteiro e nada acontece. Então, tento pousar a pena no papel. É quando as coisas começam a ficar esquisitas. Eu sei o que quero escrever, mas, em vez disso, surgem palavras diferentes.

E aí, G! Sou eu, a K! Caneta legal, não é? Desculpe por eu não ter avisado sobre a Jocelyn. Não estou me sentindo muito bem. Vou matar a próxima aula e ficar deitada um pouco. Você pode me dar um pouquinho de paz e tranquilidade? Mais tarde eu vou levá-la para um tour pelo RCF! Prometo!

Depois que as palavras surgem, a tinta vai lentamente sumindo outra vez, deixando a página em branco.

Isso... é... muito legal. Eu escrevo de volta.

Já me sinto melhor! Vamos dar uma volta depois. — G

As palavras surgem, depois desaparecem. Incrível.

— *Psst*. — Eu passo a pena para Maxine. Ela pega, enquanto Harlow não está olhando.

— Eu nunca vi esse memorando! — Harlow está gritando. — A Flora cancelou as aulas de hoje para pintar o castelo? Isso é ridículo!

— O ridículo é que ainda não tenhamos feito isso — Miri lhe diz. — As princesas concordaram que o Dia Real aconteça em menos de duas semanas e há muito a fazer antes da chegada delas.

— Eu não vou cancelar as aulas para uma sessão de pintura! — Harlow diz, incrédula. — Eles terão de pintar ao nosso redor!

Nós abaixamos a cabeça para escrever, mas as batidas só ficam mais ruidosas. É difícil se concentrar. Vejo a caneta à prova d'água do menino marinho voar de sua mão com as marteladas, que devem ser amplificadas dentro de seu aquário. Então, surge uma batida à porta.

— Com licença, senhora? — Um camponês de boné e roupas simples, respingadas de tinta, está à porta, segurando um pincel e um balde. O cheiro de tinta entra em meu nariz quase instantaneamente. — Nós precisamos começar nesta sala. — Ele olha em volta. — Nossa, Murray, chegue aqui — ele chama outra pessoa. — Esta sala está ainda pior!

Eu ouço Miri contendo o riso.

— Você se importa? — Pergunta Harlow e, com um gesto do pulso, a porta bate no rosto do camponês. Ela suspira. — Crianças, parece que nosso tempo juntos tem de terminar.

Um pequeno clamor de alegria é rapidamente eliminado, conforme Aldo dá um rasante no menino mais barulhento.

— *Mas* — completa a professora Harlow, deixando a palavra no ar — espero essa redação em minha mesa amanhã. — Todos gemem. — Aproveitem a tarde, turma. — Ela abre a porta de novo e Murray entra devagar.

Eu junto minhas coisas e penso em como vou usar meu tempo agora, que não tem aula, mas não posso voltar ao nosso quarto. Acho que poderia praticar esgrima, perto da floresta. Ao que parece, em breve vou duelar com Jocelyn, em nossa sala.

— Oi, Gilly. — Maxine está esperando por mim. — Obrigada por me defender lá dentro. Ninguém nunca faz isso. — Ela olha para baixo, para seus sapatos enormes. Meu pai teria dificuldade para fazer botas para esses pés de prancha.

— Amigos são para isso — eu digo, de modo automático. Talvez Miri perceba e faça uma observação a meu respeito, por bom comportamento. O sorriso de Maxine aumenta. Seus dentes são ligeiramente esverdeados.

— Você vai fazer alguma coisa agora? — Pergunta Maxine. — Quer eu que lhe mostre os arredores? Quer dizer, tenho certeza de que há gente de sobra para lhe mostrar, mas eu posso fazer isso, se quiser. Já estou aqui há um ano e conheço cada canto deste lugar.

Tenho vontade de inserir a pergunta “Por que você está aqui?” em nossa conversa, mas não consigo pensar numa maneira que não a ofenda. Por algum motivo, desconfio de que tenha algo a ver com joias. Ela está usando pelo menos meia dúzia de colares brilhosos.

Jocelyn passa por Maxine com uma amiga, e cochicha alguma coisa. As duas caem na gargalhada e Maxine olha para baixo, constrangida.

— Quer dizer, se você não se importar de ser vista comigo. — Maxine novamente abaixa os olhos.

Eu encaro Jocelyn, de maneira desafiadora. Não há nada que eu deteste mais do que provocadores (e nobres, mas os provocadores são piores).

— Claro que quero dar uma volta com você. Vamos. — Passo esbarrando em Jocelyn, pegando Maxine pela mão. — Alguma sugestão do que fazer?

Deixamos para trás a sala de aula estilo calabouço, e a luz que irradia pelas janelas do corredor me deixa mais animada. Os pintores estão trabalhando nas molduras das janelas, enquanto o pessoal da faxina limpa as estátuas e as gárgulas. No corredor central estão pendurando uma tela que diz “Reformatório de Contos de Fadas”, em letras grandes e douradas. Para todo lado que olho há flores frescas em vasos. Anna adoraria essa preparação para as princesas. Sei que só faz um dia, mas achei que ela logo escreveria.

— Você já experimentou voar de pégaso? — pergunta Maxine. — Agora temos um tempo livre.

Eu nunca voei. Agora pode ser um bom momento para tentar. A redação para a Rainha Má certamente pode esperar. Eu sorrio.

— Isso me parece bom. Vamos nessa.

CAPÍTULO 7

Aulas de voo

Graças a um novo corredor que surge quando deixamos a sala de aula, nós logo chegamos aos estábulos.

— Estão aqui para um voo? — Pergunta um cavalariço que está puxando o feno com o ancinho. — Vou lhes dizer o que acabei de dizer a uma menina que saiu daqui agora — a floresta é local proibido para alunos e pégasos. A última coisa que precisamos é perder outro pégaso para um gigante. Os pégasos são o petisco favorito deles.

Irc.

— Devo preparar duas belezuras para vocês? — O menino segue para os estábulos. Dá para ouvir um pégaso comendo alfafa e relinchando. Nunca estive tão próxima deles — exceto quando entrei escondida no estábulo, na vila, para roubar um arreio dourado que algum cavalariço tolo deixou pendurado na parede. — Vocês têm uma hora, até que as Damas do Clube Real cheguem para sua lição de voo vespertino, acima do castelo das princesas.

Duplamente *irc*. Eu li sobre esse clube escolar. Seu único propósito é adorar as princesas. Não, obrigada!

— Sim, gostaríamos de dar um passeio — eu digo, empolgada.

Ele me olha desconfiado.

— Você é nova aqui. Já montou, não é?

— É claro — eu minto. Quer dizer, que dificuldade pode haver?

O menino se afasta para pegar meu equipamento.

— Gilly? Acho que mudei de ideia quanto a voar. — Maxine parece nervosa. Seu olho bom encara os estábulos. — Ao perguntar, eu estava tentando impressionar você, mas, pra falar a verdade, eu fico tonta quando estou no ar. É difícil voar com apenas um olho bom. — Seu olho ruim gira.

Pobre garota.

— Está tudo bem — eu digo, tentando não parecer decepcionada. Simplesmente não posso descartá-la. Posso? — Podemos fazer outra coisa.

Maxine remexe em seu colar de pedras verdes.

— Não, vai você! Você pode me contar sobre seu voo durante o jantar. Eu posso sentar a sua mesa. Quer dizer, tem vaga? — Ela pergunta esperançosa.

Eu sorrio.

— Claro que tem vaga. Eu a verei à noite.

Maxine vai embora e me deixa sozinha para conhecer os estábulos reluzentes em branco e dourado. Perto da entrada, as paredes são perfiladas por fotografias de alunos do Clube de Voo Pégaso em corridas e campeonatos, junto com medalhas e troféus, numa vitrine prateada. Os estábulos e os equipamentos ficam mais adiante, e são bem mais bacanas que os estábulos do Esquadrão de Policiais Anões (eu... é... eu vi aqueles estábulos algumas vezes, quando fui arrastada

para lá). Lá, os estábulos têm teto, mas os estábulos pégasos não. Quando olho para cima, dá para ver os pégasos voando lá no alto, sem jamais saírem de vista.

— Se você não tem telhado, como faz para que os Pégasos não voem para longe? — Pergunto quando o cocheiro volta, com dois capacetes e rédeas.

— Mágica — diz ele, olhando-me como se isso fosse óbvio. — O telhado se fecha à noite, porém, durante o dia, nós gostamos de deixar estas belezuras livres, quando não são necessárias para as aulas. — Ele me entrega um capacete. — Este deve servir. Ei, onde está sua amiga?

— Ela desistiu — eu digo.

O cocheiro suspira.

— Eu já disse a Mighty e Macho que vocês os levariam.

Eu dou uma risada.

— Como se eles pudessem compreendê-lo!

Ele não parece achar engraçado.

— Claro que entendem! Os pégasos não conseguem falar, mas entendem os pensamentos humanos. Você deveria saber disso, se já cavalgou. — Ele pega o capacete de mim e eu começo a reclamar.

— Eu vou voar com ela.

Eu viro. Jax está recostado nas portas abertas do estábulo.

— O que está fazendo aqui? — Pergunto a ele.

Jax pega o capacete do garoto e me devolve.

— Cruzei com a Maxine e ela disse que você estava aqui. — Ele sorri malicioso. — Então, você é uma especialista em voos de pégaso, hein?

Projeto meu queixo à frente.

— É tão difícil acreditar nisso?

— Sim — o garoto do estábulo e Jax dizem ao mesmo tempo.

— Eu vou levar o Mighty e ela pode levar o Macho — Jax diz ao menino. — Ela estará bem comigo. — O garoto assente e segue até as baias.

Jax gesticula para que eu os siga, mas de repente meus pés param de me obedecer. Voar parecia uma boa ideia, até estar prestes a fazê-lo. Não sei segurar as rédeas, nem o que dizer a um pégaso para guiá-lo! E se eu cair? Vou ficar achatada com uma panqueca.

Jax pega meu braço.

— Fique tranquila. Você não imagina como é fácil. E a emoção de estar no céu, vendo a liberdade do lado de fora destes muros, é insuperável.

O cocheiro abre uma baia grande e eu ouço os relinchos.

— Mighty e Macho estão prontos para vocês. Estes garotos são gêmeos — ele me diz.

Dou uma espiada e inalo profundamente. Os pégasos são majestosos. E imensos. Eles têm o pelo tão branco, que é quase reluzente, e as asas são praticamente o dobro do tamanho de seus corpos, mesmo estando dobradas, em suas laterais. Os pégasos relincham baixinho, conforme nos aproximamos.

O garoto afaga o focinho dos dois.

— Podem montar. Eles vão levá-los ao alto, para ver a região.

Observo Jax enfiar os pés nos apoios e subir com facilidade. Caminho até Macho.

— Ei, garoto — eu digo, baixinho. — Acha que pode me ajudar? Não sou boa nisso. — O pégaso pisca os olhos azuis brilhantes e encosta o focinho em mim, como se dissesse "sem problema". Faço como Jax e fico impressionada quando consigo me impulsionar acima. Incrível.

— Fiquem de olho no horário — diz o cocheiro, apontando o relógio no arreio do pégaso. — Não deixem o terreno, uma vez que não estão com um instrutor — ou ficarão de recuperação — e *não* entrem na Floresta Profunda. — Ele repete, enfatizando: — Entenderam?

— Entendemos — dizemos, depois, sem avisar, as asas dos pégasos começam a se expandir e nós lentamente começamos a subir, saindo dos estábulos e ganhando o céu. Minha barriga parece cair, à medida que o estábulo abaixo vai se distanciando cada vez mais. O vento começa a soprar em meu cabelo, afastando-o do meu rosto, e eu seguro firme as rédeas, enquanto o pégaso começa a bater as asas mais depressa, levando-me ao alto, acima do terreno.

Estou voando!

Começo a rir, tanto por medo quanto pela empolgação. Eu nunca havia montado um pégaso. Na vila, eles sempre foram pararicos e nobres, no entanto, aqui no RCF, voar é um privilégio comum. Tenho de admitir, para um aluno, é uma vantagem e tanto.

— Só segure firme. Eu direi a eles aonde ir — Jax diz, enquanto seu pégaso bate asas ao lado do meu.

Olho para baixo e vejo que agora estamos acima da escola. Abaixo, dá para identificar os alunos nos gramados, treinando esgrima ou jogando bola, ou apenas deitados pela grama. Fico com receio de virar a cabeça, mas viro, bem de leve, e consigo ver a vila de Encantadópolis, a distância. Eu daria qualquer coisa para voar acima de nossa casinha neste momento, e falar com meus irmãos, mas não quero estender minha estadia no RCF além do necessário. Na direção oposta, vejo a Floresta Profunda, sinistra.

Jax aproxima-se ao meu lado, parecendo totalmente à vontade. Eu ainda estou relutando com o ímpeto de fechar os olhos.

— Bem legal, hein? — Diz ele.

— Você sempre faz isso? — Seguro as rédeas com mais força.

— Até que sim. — Jax usa somente uma das mãos para segurar as rédeas. Com a outra, ele afaga a cabeça de Mighty. — Então, aonde você quer ir? — Ele está com um brilho travesso nos olhos. — Já sei! Nós deveríamos ter trazido balões de água para jogar na Jocelyn.

— A Maxine lhe disse o que aconteceu na aula? — Agora estamos sobrevoando o castelo e eu não consigo deixar de olhar as belas torres e algumas estátuas sentadas no alto de cada uma. Acredito que sejam gárgulas. Notando a minha curiosidade, Macho me leva até mais perto. Voamos por duas delas, cinzentas e horrendas, com caras cruéis, e não dá para acreditar no comprimento de suas garras.

Macho inclina-se ligeiramente e eu seguro mais firme.

— Está tudo bem, garoto. São apenas estátuas — eu digo, sabendo que ele consegue me entender. Ele começa a se afastar. Dou uma última olhada para trás, para as gárgulas horríveis, e... nossa. Que engraçado. Eu poderia jurar que a cabeça delas estava virada para o outro lado — mas isso é impossível.

— Jax, aquelas gárgulas não são reais, são? — Pergunto, enquanto Macho se aproxima dele.

Jax ri.

— Você anda lendo muitos contos de fadas, Cobbler.

Só pode ter sido a minha imaginação. Então, meus olhos avistam algo no telhado.

— Minhas botas! — Eu incentivo Macho a seguir de volta ao telhado e Jax vem atrás. — Harlow sumiu com elas dos meus pés durante a aula, e disse que eu só as encontraria quando pudesse voar.

— Você tem olhos bons — diz Jax, pousando no telhado primeiro e pegando as botas. Eu desço do Macho e troco os sapatos, amarrando depressa os cadarços das minhas botas. *Ahhh*. Assim é bem melhor. Enfio os calçados do uniforme em meu saquinho, na lateral de Macho. — Então, para onde você quer voar agora? — Pergunta Jax. — Alguma possibilidade de querer dar uma olhada na floresta?

— Achei que não pudéssemos chegar perto dela.

— Não podemos — tecnicamente —, mas podemos passar voando bem perto — diz Jax, de maneira casual. — Talvez seja sua única chance de ver um gigante de perto. — Eu não digo nada. — A menos que esteja amedrontada demais para ir. Eu não a culparia. O Ollie, meu colega de quarto, disse que, quando estava jogando rúgbi no campo outro dia, viu fumaça saindo da floresta. — Ele sacudiu os ombros.

Eu toco Macho. Não quero que ele seja comido. Ele relincha baixinho.

— Então, talvez seja melhor evitarmos a área. Não que eu esteja com medo.

Jax me lança um olhar.

— Mentirosa! Dá para ver que você está mentindo; quando você mente, seu nariz enruga, como o de um ratinho.

— Não estou com medo! — Insisto e pulo novamente em Macho. — Só não vejo necessidade de ficar de recuperação. Até parece que vamos conseguir ver alguma coisa perversa, se passarmos voando.

Macho me assusta, decolando rapidamente.

— Vá devagar — eu digo, à medida que as nuvens passam num borrão, e o vento parece tão frio quanto a neve. — Vá devagar! — Macho me ignora e continua depressa. Ouço Jax gritar atrás de nós, mas, entre o vento e a camada baixa de nuvens, não consigo vê-lo nem ouvi-lo. O que vou fazer? Meu coração está disparado. Começo a ter visões de que estou caindo. Seguro-me firmemente, enquanto ele sobe cada vez mais, acima das nuvens, onde é claro demais e eu tenho de estreitar os olhos. Quando acho que Macho perdeu a cabeça, ele mergulha e eu grito, com a velocidade a que estamos descendo. Quando ele desacelera, percebo que estamos bem acima de algumas copas verdes de árvores. Estamos na borda da Floresta Profunda.

— Obrigada por parar, mas por que está me trazendo a um lugar onde você pode ser comido? — Eu espero que meu coração desacelere.

— Se você queria correr, poderia ter simplesmente falado — Jax ralha comigo, quando por fim nos alcança. — Você poderia ter morrido. Você precisa...

— Fale com meu pégaso — eu digo. — Eu falei. Ele não me ouviu.

— Os pégasos sempre ouvem — diz Jax, como se não acreditasse em mim.

— Bem, o meu não ouviu e... ei, aquela não é a diretora Flora? — Eu aponto para uma silhueta pequena, com um robe, caminhando depressa até a beira da floresta supostamente perigosa e assustadora. Seus cabelos grisalhos, e suas roupas ostentosas, lembram-me a mulher que conheci ontem. — O que ela está fazendo aqui?

— Não pode ser ela. — Jax franze o rosto. — Ela nunca deixa o escritório.

— Ah, mas é ela, sim — eu digo, enquanto ela olha em volta — mas não acima — e depois entra de modo sorrateiro em meio às árvores. Sinto meu coração disparado no peito.

Eu te peguei.

Se a minha diretora está de segredinhos, eu vou descobrir. Talvez algum podre possa ser meu bilhete antecipado para a liberdade.

CAPÍTULO 8

Bons sonhos

Assim que a chave gira na porta do meu quarto no dormitório, meus olhos se abrem num estalo. Minha mãe diz que eu tenho ouvido de morcego. Fico deitada imóvel, enquanto a porta é aberta e Kayla entra, pé ante pé, evitando acender a luz e me acordar. Ela tromba num cabideiro de piso.

— *Ai! Ai!* — Kayla grita, a plenos pulmões. — *Aiii!*

Acendo a lamparina a gás ao lado da minha cama, e vejo Kayla pulando num pé só. Ela ainda está vestindo nosso uniforme azul-marinho, embora as aulas tenham terminado há horas. Fico surpresa por ela não se trocar logo depois das aulas. Eu me troco. Suas asas se abrem e logo ela está flutuando, segurando o dedo do pé machucado.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ela fica surpresa, depois fala:

— Desculpe-me, colega. Eu estava tentando não acordá-la.

Essa é a primeira vez que eu vejo Kayla em nosso quarto, desde que cheguei, alguns dias atrás. Eu estava começando a achar que morava sozinha. Não que eu me importe. Quase nunca tinha um quarto só para mim por mais de trinta segundos em nossa casinha.

Kayla vem batendo asas até sua cama e senta de frente para mim. Ela faz uma careta:

— Desculpe se ainda não demos uma volta apropriada para conhecer o RCF.

— Tudo bem. — Eu me sento, afastando minha colcha pesada. — Andei conhecendo sozinha. — *É a desculpa perfeita para observar a velha Flora e ver se há algo que eu possa usar para nos tirar daqui*.

— Eu nem a ajudei a se instalar. — Kayla parece mesmo estar sem jeito.

Eu sacudo os ombros.

— Eu não tinha quase nada para tirar das malas. — Esta colcha, minha mãe fez para mim quando eu era bebê, algumas peças de roupa e um desenho da família são todos os meus pertences. Kayla parece ter se mudado para cá permanentemente.

As paredes de pedra em nosso quarto redondo são decoradas com desenhos coloridos que Kayla pintou, e fios prateados com estrelinhas douradas pendem de nosso teto. Eles fazem com que eu me sinta mais num baile de gala do que num quarto. Nosso cômodo fica quase no topo da torre do alojamento das meninas (eles mantêm duendes no piso térreo para que não estrilem e destruam o local sem querer). Só para chegar ao quarto já é um exercício (vinte e quatro andares), mas parece valer o preço. Minha casa era pequena e lotada, e sempre tinha alguém chorando, precisando trocar a fralda. Quando entro por essa porta, o quarto é meu e só meu. Bem, meu e de Kayla.

— É um quarto bem bom — diz Kayla, parecendo ler meus pensamentos, enquanto pendura as pernas na lateral da cama. — Eu me sinto segura quando estou aqui — ela diz baixinho. — Às vezes, até acho que estou melhor se ficar aqui de vez. — Olho para ela, estranhando. Kayla está segurando um minipergaminho mágico. Não posso acreditar que ela tenha algo tão caro. Fico imaginando se ela

teria roubado. — Você viu a manchete de hoje? — Ela afasta o pergaminho. — Acho que nem quero lhe mostrar. Talvez tenha pesadelos.

Eu reviro os olhos.

— Você parece a Madrasta Cruel.

— *Ex* — Kayla provoca. — Mas, falando sério. Encantadópolis não é tão segura quanto todos pensam.

Por baixo da caligrafia roxa, de corações, castelos e flores que adornam cada manchete nos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre*, há uma história bem mais sinistra.

GOTTIE AVISTADA EM ROWLAND. A FAMÍLIA HARKING ESTÁ DESAPARECIDA.

— O senhor Harking está à procura de Gottie há dois anos — Kayla conta, explicando a matéria, antes mesmo que eu a leia. — Uma vez, eu ouvi o Lobão falando dele. Acho que o senhor Harking trabalhou para a escola. Agora, ele e a família inteira desapareceram. — Os olhos dela estão enormes, arregalados. — Só por *procurar*.

Subitamente sinto frio, não porque o castelo tenha correntes de ar. Penso em minha mãe, meu pai, Anna, Han, Hamish, Felix e Trixie sendo levados por causa da minha espionagem, e minha barriga começa a revirar.

— Tenho certeza de que alguém ainda vai pegá-la. Flora disse que eles estavam tentando trazê-la de volta.

— *Tentando* — Kayla repete. — Acho que ninguém jamais vai pegá-la. — Kayla flutua até sua cômoda, estala os dedos e *PUF!* está vestindo um pijama azul luminoso. Ela olha o desenho da minha família que meu pai encomendou a um magográfico para o aniversário da minha mãe. É todo o meu clã diante de nossa casinha. Minha mãe colocou na minha mala, junto com as minhas coisas. — Você tem sorte de ter uma família tão legal.

Vou até a minha cômoda e também olho o desenho. Estou usando um pijama verde desbotado. Ele some, quando comparado ao de Kayla.

— É, eles são legais — eu digo, ignorando a expressão do meu pai no desenho. Ele está com a boca curvada para baixo, franzindo o rosto. — Você tem um desenho de sua família?

Os olhos de Kayla imediatamente piscam e fico imaginando se disse algo errado.

— Eu não tenho família — ela diz de maneira seca. — O Rumpelstiltskin os levou de mim.

— O quê? — Tento entender. — Por que o Rumpelstiltskin ia querer sua família? — Só dizer o nome dele em voz alta me dá arrepios na espinha. O nome dele foi facilmente dito pela Kayla, como se ela já o tivesse falado mil vezes.

O narizinho de Kayla se enruga.

— Ele não precisa de um motivo! — Ela estrila. — Perdão. Esse é um assunto delicado. — Ela olha pelo nosso pequeno vitral, vendo o luar. — A última vez que eu os vi foi na véspera do dia que vim para o RCF — ela diz baixinho. — Minha mãe me pediu para ir até a vila comprar pãezinhos para meu último jantar em casa. Ela disse que o jantar era para comemorar o começo de minha nova vida. — Kayla revira os olhos. — Eu detestei que ela tivesse dito isso. Eu disse que o RCF era seu meio de

se livrar de mim e ela negou. — Kayla olha para baixo, para as unhas, que estão pintadas com esmalte azul cintilante. — Nós tivemos uma briga feia e, quando voltei, ela havia sumido. — A voz dela é profunda. — Ela, minhas irmãs, até a árvore oca onde morávamos, a horta onde cultivávamos nabos. Tudo tinha sumido. Como se nada daquilo — ou de nós — jamais tivesse existido. — Kayla se encolhe junto à parede, até parecer um vestido embolado no chão. — Quando tentei encontrá-los, um mascate me disse que havia visto Rumpelstiltskin fazê-los desaparecer.

Estou perplexa demais para falar. Sento-me ao lado de Kayla, esperando que ela chore. Ela não chora. Não sou muito de abraços, mas em momentos assim parece apropriado. Sem jeito, eu passo o braço ao redor dela e aperto.

— Lamento muito. — Estou falando com sinceridade.

— Obrigada. — Kayla afasta-se de mim e traceja uma linha cintilante amarela com o dedo. Tenho a impressão de que foi ela que pintou. — Agora faz três anos.

Três anos sem uma família. Sem um lar. Como sobreviveu?

— Você está aqui este tempo todo? — Não é de admirar que o quarto pareça habitado tão intimamente.

— Durante um tempo, eu fiquei sozinha. — O rosto de Kayla tem um brilho sinistro, sob a pouca luz. — Tentei encontrá-los e sobreviver, vendi mercadoria proibida como as bolsas falsificadas que sempre vendo para as filhas tolas de Flora, Azalea e Dahlia. Os policiais anões me pegaram e me mandaram para cá.

Ouvir a história de Kayla me fez querer escrever para Anna. Fico imaginando se ela está indo bem sem mim. Será que ela, Trixie, Han, Hamish e Felix têm tido o suficiente para comer? Como eu pude me deixar ser flagrada e estraguei a única chance que eles tinham de uma refeição decente toda noite? Han provavelmente está tão faminto que está chorando. Estou com muita raiva de mim mesma. Eu...

— Você está ouvindo violinos? — Eu pergunto.

Kayla geme.

— Sim. — Eu deveria tê-la alertado. — Ela se levanta depressa. — Nossas vizinhas de baixo, Eunice e Beatrice, gostam de treinar em seus violinos, na hora de dormir.

Fico ouvindo, enquanto elas tocam.

— Até que elas são boas.

Kayla lança um olhar.

— Você diz isso agora, mas, em alguns dias, não dirá. — Ela bate o pé no chão, ruidosamente. Eu bato com ela. — Olha o barulho! — A música para e nós espalmamos nossas mãos ao alto. Ainda bem que a Kayla voltou a sorrir. Nossa conversa sobre sua família parece ter sido esquecida.

Então, os violinos recomeçam. Agora, mais alto.

Kayla rosna.

— Elas não se atreveriam! — Suas asas surgem quase instantaneamente.

Eu me retraio, quando Eunice — ou Beatrice — começa a tocar desafinada. Não tenho certeza se é de propósito.

— Elas querem se impor.

— Bem, nós não vamos deixar que fique por isso mesmo. — Kayla pega sua varinha e dá um sorriso travesso. — Miri tem de estar dormindo. Então, que tal uma festinha de dança? — Ela sacode a varinha e uma música alta preenche o nosso quarto.

Eu pego a mão de Kayla e saio batendo os pés, e nós duas rodopiamos, até que todas as minhas preocupações desaparecem.

SERVIÇO DE POSTAGEM PÉGASO
LEVANDO AS CARTAS DESDE A GUERRA DOS DUENDES!

DE: Gillian Cobbler (Reformatório de Contos de Fadas*)
*Carta verificada por conteúdo suspeito
PARA: Anna Cobbler (Rua Boot, 2)

Querida Anna Banana,

A esta altura, você deve ter percebido que vou ficar um bom tempo por aqui — pelo menos três meses. Lamento muito ter estragado seu aniversário. Só quero que você tenha tudo o que eu não tenho, mas prometo que vou arranjar um jeito melhor para isso, em vez de surrupiar dos nobres. Só faz alguns dias que eu estou aqui, mas, até agora, o RCF não parece tão ruim. Pela primeira vez na vida, eu meio que tenho um quarto. Você adoraria o alojamento. Você ganha sua própria cama e ninguém deixa meias fedorentas pelo chão. Posso até imaginar você pendurando um de seus anúncios de Rapunzel, e o espelho da vovó, em nossa cômoda (Sim! Nós temos cômodas! Não sacos pendurados na parede, com todas as nossas roupas).

Se isto não fosse um reformatório, eu mandaria buscá-la imediatamente. Tenho uma boa notícia: a diretora Flora disse que, se eu me comportar, vocês podem vir para o baile das princesas. Cuide da família por mim. E fique de olho em Han e Hamish com aquela nova graxa de sapatos que a mamãe fez. Pode até ter cheiro de chiclete, mas, acredite, não tem gosto de chiclete.

Com amor,

Gilly.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

Conheça o Lobão!*

por Beatrice Beez

Nome: Xavier Lobo (antes conhecido como Lobo Mau)
Ocupação: professor de História no Reformatório de Contos de Fadas
Hobbies: meditação, ioga e dar boas pedaladas no Ginásio do Gordo e o Magro
Pontos fortes: veloz como um raio na corrida, olfato apurado, medalha de bronze nas Olimpíadas de Encantadópolis, no salto em distância
Pontos fracos: balas de prata
Gosta: de paz e tranquilidade, e de ler livros de História. Dizem que está escrevendo um livro sobre os efeitos psicológicos da Guerra dos Duendes
Não gosta: de falar de sua antiga vida (Nunca, *jamais* mencione a vovozinha!)
Ainda um mistério: local onde ele desaparece em cada lua cheia
Vida amorosa: houve um boato de que ele andou de romance com uma fada, mas, até onde sabemos, o professor Lobão atualmente está solteiro.

**Xavier Lobão recusou-se a dar entrevista para esta matéria. Todas as opiniões aqui expressas são dos* Pergaminhos de Felizes Para Sempre.

CAPÍTULO 9

Aprenda sua lição

— Bom dia, turma.

— Bom dia, professor Lobão — a sala de aula inteira responde ao mesmo tempo.

Não consigo deixar de encarar meu professor de História — e não somente por ele ser um homem-lobo, que poderia me devorar como seu café da manhã. Ainda não consigo tirar da cabeça a imagem do que aconteceu na semana passada. O professor Lobão *saltou* dois andares para deter o Jax. Tenho a tendência a evitar pessoas que poderiam me matar com uma pata peluda — quer dizer, mão! Dá para ver os antebraços parrudos de lobo através de sua camisa social. Ele deve gostar de fazer exercícios.

— Desde nossa aula de três partes sobre *O Bem e o Mal da Magia*, realizada semana passada, não ouvi mais nada sobre o fim de semana de vocês. — Lobão caminha ao redor da sala. — O que todos vocês fizeram?

Um professor que se importa com nossa vida fora da sala de aula? Nossa, este lugar é diferente.

Esta é a sala de aula mais bonita em que estive até agora. Nada de gárgulas assustadoras me olhando enquanto busco uma resposta. Esta sala me lembra uma igreja com seus vitrais coloridos que vão do chão ao teto, mostrando momentos famosos na história de Encantadópolis. Tem um do casamento de Ela, um com o despertar de Rose, a Bela Adormecida, e uma imagem de Rapunzel em sua torre. Eu poderia passar horas olhando esses vitrais... e para esses anéis de bronze que prendem as cortinas de veludo. Se essas gracinhas forem reais, eu posso arranjar uma bela grana por elas na loja de penhores Noite das Arábias.

— Eu tive um ótimo fim de semana, professor! — Diz Maxine. Ela é tão maior que a maioria de nossas colegas de turma que seus joelhos mal cabem embaixo da carteira. — Minhas amigas e eu fizemos um piquenique perto das ruínas do Castelo Galmour.

— Como se você tivesse alguma amiga — eu ouço Jocelyn murmurar do outro lado da sala de aula.

Essa bruxa realmente me irrita.

— Excelente, senhorita Maxine! — Diz Lobão. — Mais alguém?

Uma bonita sereia de cabelos negros, dentro de um aquário, ergue um espelho. Observo as palavras surgirem no espelho, por encanto. Elas dizem:

— Fui pescar no fundo do mar e encontrei os restos do naufrágio do navio do príncipe Harrison. Vou escrever minha próxima redação sobre ele.

— Que bom, senhorita Clara! — Diz o professor Lobão, aprovando. — Se quiser escrever uma redação para crédito extra, pode fazê-lo.

Uma fada sentada numa carteira enorme para ela olha de maneira fulminante para Clara. Ela está com a mão erguida há um tempo, mas não tenho certeza se o professor Lobão a viu. A mão dela é bem pequenininha.

— Eu fiz canoagem no Quarry Cannon — diz um gnomo com um chapéu pontudo engraçado, e orelhas falsas coladas nas laterais. — Aquele guia de viagem que o senhor me deu foi incrível. Quem poderia saber de tantos locais que haviam sobrado após a Guerra dos Duendes?

Por que está todo mundo puxando o saco do lobo? Será que eles estão com medo de ser comidos? Ou será que de fato gostam dele?

— Que bom, senhor Helmut — nosso professor diz, enquanto perambula por entre as fileiras de carteiras. — Encontrar algo que o ajude a relaxar é uma ferramenta importante — e veja só quanto aprendeu ao mesmo tempo. Todos nós precisamos de nossas âncoras como apoio. — Outra mão rapidamente se ergue e Lobão sorri. — Ah, senhor Ollie. O que gostaria de compartilhar com nossa turma hoje?

— O que tenho a dizer é mais uma pergunta do que um comunicado de redação puxa-saco para nota extra — diz Ollie, que, por acaso, é colega de quarto de Jax. Baixinho e corpulento, com a pele bronzeada que diz ter adquirido nos muitos dias em alto-mar (dizem que ele foi clandestino num navio pirata), o que Ollie não tem em altura, compensa com o jeito amistoso ao contar suas histórias.

Jax diz que ele é muito bom com truques mágicos (assim que ele veio parar neste lugar, pois, segundo Jax, "Ele estava sempre fazendo as coisas das pessoas sumirem dentro de seus bolsos").

— Quando o senhor diz âncora, está falando como metáfora, ou de âncoras de verdade, que podemos arrastar por aí, como amuletos de sorte? — Pergunta Ollie. Metade da sala geme. — Âncoras são bem pesadas.

Antes que Lobão possa responder, o espelho Miri começa a fazer barulho e reluzir. Noto que todos na sala estão sentados mais eretos.

Bip! Bip! Bip!

— Desculpe-me por interromper, professor. — A voz de Miri chega alta e clara. — A diretora precisa ver Helmut imediatamente.

O rosto do gnomo murcha.

— Não fui eu.

— Não foi você, o quê? — Pergunta Lobão, com calma.

— Que invadi o refeitório ontem à noite, e comi duas tortas cremosas de maçã — diz o gnomo. O arroto que veio em seguida não ajudou muito no caso dele.

— Que engraçado, eu vejo as coisas de outro modo — diz Miri. O espelho começa a reluzir num arco-íris de cores e depois uma imagem preenche a tela. É Helmut claramente mexendo na fechadura da cozinha e, *tcharam,* lá está ele, atacando com tudo a torta. Ele come depressa. Helmut abaixa a cabeça.

Opa. Miri é totalmente espião da diretora Flora!

Helmut suspira e pega seus livros.

— Desculpe-me, professor Lobão.

Lobão endireita o chapéu de Helmut quando ele passa a caminho da saída.

— Boa sorte, Helmut. Então, como eu dizia, âncoras, eu quis dizer no sentido figurado, Ollie. — Ollie assente e Lobão para junto à carteira de Jax. — E quanto ao senhor, Jax? Como foi seu fim de semana?

Jax resmunga algo, depois volta a rabiscar seu caderno. Fico imaginando se Lobão engoliu a minha história de que Jax ia sair escondido no meu primeiro dia aqui para pegar meu caderno. De alguma forma, não acredito que dê para ludibriar o homem-lobo como é possível com a nossa professora Grimes, de nossa reunião recente, intitulada "Sua vida, sua carreira em Encantadópolis: como encontrar uma profissão nobre que seja *legal*". Ela deixou metade da escola ir ao banheiro ao mesmo tempo! Ninguém voltou ao grande salão para ouvir o restante da aula expositiva.

— Não está correto, senhorita Gillian?

Droga. Agora o Lobão está falando comigo, não está? O que um homem-lobo me perguntaria nos cinco primeiros minutos de aula?

— Sim, eu tenho dormido muito bem. Os travesseiros daqui são fantásticos.

— Preste atenção, Cobbler! — Diz Jocelyn e alguém ri.

Eu brinco com a gola da minha blusa branca.

— É... o colchão é meio firme, mas... — Kayla, que está sentada duas fileiras adiante de mim sacode levemente a cabeça. Os olhos azuis do professor parecem me atravessar. — Essa não foi a pergunta, não é?

Nossa, lobisomens sorriem!

— Eu disse que você é bem nova em nossa escola, uma vez que está aqui há apenas uma semana, certo?

— Ah! Sim. Novinha em folha — eu digo. Jocelyn suspira ruidosamente.

— Bem, então, senhorita Gillian, talvez tenha uma visão nova do que estamos estudando, antes de nossas reuniões desta semana. Ah, alunos, não se esqueçam de que amanhã temos outra reunião sobre o comportamento para o Dia de Gala: "Encontrando o príncipe e a princesa dentro de você". O professor Lobão ignora os gemidos adicionais e vai até o quadro-negro. Uma lição surge nele. — Semana passada, estávamos discutindo como as princesas chegaram ao poder.

É... será que me colocaram na série certa?

— Minha última aula foi de confecção de sapatinhos de cristal.

O professor Lobão senta na beirada de sua mesa. Dá para ver um monte de pelos através da manga de sua camisa.

— Pode responder com calma. — Jocelyn faz um som alto, estalando a língua, que imagino ter a intenção de parecer um relógio fazendo tique-taque.

— Eu... — o professor Lobão espera com paciência, mas eu posso imaginá-lo correndo, à velocidade do som, vindo até minha carteira, e me pendurando num gancho, nos fundos da sala.

— Qualquer um seria um governante melhor que aquelas cabeças de vento. — Todos nós viramos para olhar. Exatamente o que eu penso. Fico surpresa ao ver que foi Jax que disse isso. Um ogro bate as mãos na carteira, concordando, e a mesa racha.

— Sentimento interessante, senhor Jax. — O professor Lobão coça a barba. — Governar não é um concurso de popularidade. Isso exige escolhas difíceis que sejam certas para o reino todo. Acha que as princesas são capazes de fazê-las? — Jax desvia o olhar. — Alguém?

UÔÔÔÔNNN! UÔÔÔÔNNN! UÔÔÔÔNNN!

Acima, soa um alarme com tanta intensidade que preciso cobrir os ouvidos.

A voz da diretora Flora surge nos alto-falantes.

— Alunos, isto é um treinamento de evacuação. — Um gnomo prende o choro. Por que ele está tão aflito por causa de um treinamento? — Sigam imediatamente aos seus postos designados e aguardem instruções adicionais.

O professor Lobão espalma as mãos.

— Certo, alunos, vocês ouviram a diretora. Sigam para seus postos designados imediatamente. Não entrem em pânico!

Essa instrução adiantou muito, mesmo. Todo mundo na sala começa a ficar maluco. Um garoto duende está chorando. As criaturas marinhas disparam para o fundo dos aquários. Jocelyn sai da sala com tranquilidade, enquanto a fada voa lá para fora, deixando sua bolsa para trás. Eu giro, incerta sobre o que está acontecendo, ou de para onde devo seguir. Ninguém me disse nada sobre um posto designado. Procuro desesperadamente por Kayla, porém, ela parece ter desaparecido. Por que um treinamento deixou todo mundo tão doido? Nós sempre tínhamos treinamentos de evacuação de incêndio na escola da associação. Você se acostuma, quando sua escola tem um telhado de palha.

— Ei, Jax, o que acontece com este treinamento? — Começo a perguntar, virando-me para ele, mas Jax também sumiu. Droga. Que belos amigos que eu fiz, abandonando-me na sala para que eu me vire sozinha.

No entanto, pensando bem...

Miri deve estar ocupado com tudo o que está acontecendo. Lobão se foi. Olho em volta para ter certeza de que não tem mais ninguém observando, depois sigo até as cortinas de veludo e tiro duas argolas de bronze. Ah, quer saber? Vou pegar mais duas. As quatro cabem nos dois bolsos da minha saia, mas pesam um pouquinho. E daí? Essas gracinhas vão alimentar meus irmãos por um mês. Abro a porta da sala de aula e me deparo com o caos absoluto.

Ogros estão correndo em velocidade máxima (para eles). As fadas estão voando, embora seja contra as regras. Dois duendes seguem com passos pesados, carregando uma luminária de mesa e um troféu de ouro. Eu começo a seguir em direção a uma das saídas, quando o corredor desaparece à minha frente. Ao meu lado, um duende começa a chorar.

— Estamos encurralados! — Diz ele.

— Ah, pelo amor de Pete, alguém diga ao Miri pra desligar o deslocador mágico de corredores! — Ouço uma garota mais velha dizendo à outra. Elas estão com lindos vestidos verdes, portanto, não são alunas, e parecem estar no comando. Estão direcionando os alunos para uma nova saída que acaba de surgir junto a um vitral. Percebo que já vi essas garotas nas fotos do escritório de Flora. Elas devem ser suas filhas, Azalea e Dahlia. Kayla disse que elas são estudantes-professoras aqui — e duas das melhores clientes das bolsas falsas que ela vende.

Dahlia estende a mão diante de um menino bonitinho.

— Aonde você está indo, Geoff? Se quiser, pode usar a minha saída em vez de seguir até o seu posto. — Ela dá uma risadinha meiga e eu reviro os olhos.

— Valeu, Dahlia! — a voz de Geoff é tão doce que enjoa. Parece puxa-puxa. — Bonito vestido.

Dahlia fica vermelha de um jeito que suas bochechas rosadas acabam ficando roxas.

— Ah, este troço velho? Você que é amável!

— Dahlia! — Azalea grita. — Ele não pode usar a nossa saída. Ele tem de ir até a estação dele. — Geoff suspira. — Todos vocês, andem logo. — Enquanto todos seguem até a janela, feito gado, eu

noto Flora saindo sorrateiramente por um novo corredor que acaba de aparecer. Por que ela não está evacuando?

Ai! Um duende tromba em duas garotas e em mim ao passar por nós, querendo chegar primeiro à janela. Eu me sacudo e levanto, mas as duas meninas caem em prantos.

— Credo, nossa! Calma! — Azalea repreende o duende. — Todos nós estamos saindo, mas você...

É quando eu entro em ação.

Pena que sou tão ruidosa. Quando eu corro, as argolas de bronze tilintam em meus bolsos e o som ecoa pelo corredor. Eu me retraio pensando que Flora vai me ouvir. Ao mesmo tempo, estou preocupada que ela fuja — e é o que ela faz. Tenho de encontrá-la.

— O que está fazendo, mão leve? — Pergunta Jax, surgindo do nada. Ele está com os braços cruzados, como se estivesse apenas dando uma volta, esperando que eu passasse por ele correndo. — Você deveria estar em seu posto de evacuação — e o que está escondendo em seus bolsos? — Os olhos violeta de Jax parecem repreensivos.

Eu enfio as argolas ainda mais fundo em meus bolsos.

— Ninguém me disse qual é o meu posto.

— Está descrito em seu kit de boas-vindas — diz Jax.

— É, eu não li aquilo — eu admito. — Por que todos estão tão agitados, se é apenas um treinamento?

— Às vezes, os treinamentos não são treinamentos, aqui — diz Jax. — Da última vez que o alarme disparou, alguém achou que a Gottie tinha entrado na propriedade da escola. Disseram que ela estava procurando pelo senhor Harding, que havia acabado de sumir. Nunca a encontraram, mas isso deixou muita gente abalada. Agora, quando eles ouvem a palavra *treinamento*, acham que estamos sendo invadidos por fadas do mal.

Interessante. Fico imaginando se é por isso que Flora não está participando da evacuação. Será que ela está tentando descobrir se fomos invadidos, ou está *deixando* que alguém invada? Hum... eu poderia usar alguém com informações inteligentes para minha vantagem. Dois novos corredores aparecem atrás de Jax. Preciso seguir por um deles e encontrar Flora.

— Então, acho melhor ir para o meu posto de evacuação. — Saio andando. — Eu te vejo lá fora.

— Opa, opa, opa. Estou vendo a expressão em seus olhos. — Jax me encara. — Você não vai lá para fora. O que está aprontando?

— Nada — minto, segurando um dos bolsos, para evitar que as argolas de bronze tilintem.

— Pode me contar — diz Jax, recostando-se à porta de uma sala com uma placa que diz: Tiro ao alvo — Não perca um olho! Anuncie-se antes de entrar. — Eu sou confiável.

Eu dou uma fungada. Ao vê-lo ali em pé, com seu uniforme bem passado, e uma camisa social por baixo do colete, em vez da camiseta que todos usam, eu não acredito nisso, nem por um segundo. Ele parece perfeito demais, como se estivesse escondendo alguma coisa.

— Você ainda não me contou por que, num minuto, estava tentando fugir com tanto afinco e, no outro, parece perfeitamente à vontade aqui. Você não tentou fugir de novo, desde que cheguei aqui — eu o acuso.

Jax ergue uma sobrancelha.

— Como sabe disso com tanta certeza?

— Não sei, mas isso não significa que confio em você. — Eu fungo. — Tenho coisas a fazer sozinha.

— Você parece a Kayla — ele murmura. — Eu vou saindo. — É melhor dispensar sua carga. O barulho dessas argolas de bronze vai te entregar antes que você sequer chegue aonde está indo. *Se* chegar aonde está indo. — Ele fica olhando o teto. — Pouca gente conhece o deslocamento dos corredores como eu.

Tiro duas argolas do bolso. Jax gesticula para que eu tire mais. Droga. Eu tiro a terceira e deixo a quarta guardada na saia. Uma só não pode fazer mal. Eu deixo a terceira num cesto de flechas, perto da porta. Alguém vai ficar muito contente quando encontrar essas belezinhas.

— Tudo bem — digo, relutante. — Se você quer mesmo saber, estou seguindo a Flora, está bem? Ela parecia meio incerta, se quer minha opinião. Primeiro, ela estava na floresta, e, agora, eu a vi seguindo por um corredor, em vez de fazer a evacuação.

— Ser diretora-geral significa que ela precisa se certificar de que seus alunos tenham saído antes dela — diz Jax. — Você sabe disso, não é?

— Sim, mas ainda parece suspeito — eu digo. — Quero ver o que ela está fazendo com meus próprios olhos. Se você tem algum problema em relação a isso, pode simplesmente ir embora, mas não diga a ninguém que me viu. — Eu aponto o dedo para ele. — Você ainda me deve por aquele dia.

Jax olha o corredor.

— Tudo bem, vou com você. — Ele gesticula para que eu ande. — Depois da senhorita, *milady*.

Não gosto de seu tom de deboche, mas deixo passar e sigo por um dos corredores que ainda estão abertos. Atravessamos para outra sala (Treinamento com varinha de condão! Quem diria!), saímos por um painel secreto nos fundos e depois caminhamos por outro corredor vazio. Na metade do caminho, o corredor à nossa frente desaparece.

Em vez de se irritar, Jax abre um sorrisinho.

— Melhor ainda — eu o ouço dizer ao me puxar por um novo corredor, entrando por uma portinha atrás de uma escada que leva ao alojamento dos meninos. A nova passagem que atravessamos não tem muito movimento. Teias de aranhas encostam em meu rosto, enquanto descemos rapidamente para onde o ar é bem mais frio. É assustador ali. Não estou gostando nada disso.

— Você quer espionar a Flora? Então, eu sei a melhor forma de ver seu escritório, sem ser visto — diz Jax. — Nós vamos parar bem embaixo dele.

— Como você descobriu este trajeto? — Pergunto, enquanto Jax cobre com sua jaqueta o único espelho que vimos no corredor até agora, para bloquear Miri.

— Nossos professores são ex-vilões — diz Jax. — Não pense que você é a primeira pessoa que quis checar a Flora. Eu também fiz isso e nunca descobri coisa nenhuma.

— Sempre tem uma primeira vez — eu digo, sem estar convencida. Vamos descendo, descendo, até onde as paredes têm mofo e um cheiro de que meu nariz não gosta. Quando chegamos ao final do corredor, eu vejo uma grade. Jax a remove e me entrega.

— Vamos — ele cochicha e sua voz ecoa no duto estreito. — Estamos a apenas alguns palmos do escritório dela, portanto, fique *quieta*.

Eu sou relativamente pequena, mas ouço a passagem ranger, à medida que me remexo. Está quente e eu começo a ficar claustrofóbica. Eu já fiz muita coisa para executar uma tarefa. Rastejar por uma tubulação de ar não é uma delas. Estou prestes a cochichar isso, quando Jax para debaixo de um largo feixe de luz. Ele leva o dedo aos lábios e gesticula me chamando. Olho para cima e vejo uma escrivaninha conhecida e uma luminária de chão. Estamos embaixo do escritório de Flora.

— Não estou vendo ninguém aí em cima — diz Jax. — Está feliz?

Eu espio através da grade, tentando enxergar melhor. A sala parece mesmo vazia. Droga.

— Acho que sim. — Eu viro depressa e a argola de bronze solitária cai do meu bolso e bate no fundo da tubulação de ar. Jax e eu nos olhamos. Ele começa a rir.

— Você ficou com uma argola da cortina? — Ele segura a barriga.

— É de bronze! — Eu digo, e é quando ouço um grasnado agudo. — O que foi isso?

— A peste do corvo de Harlow? — diz Jax, mas seu rosto mostra que ele não está convencido. Ele olha novamente através da grade. — É meio alto para ser o Aldo, não é?

Uma sombra voa por cima da grade com tanta rapidez, que mal temos um segundo para reagir. Ouço uma batida ruidosa e vejo garras entrar pela grade. Jax logo tira as mãos.

QUIIIIIC!

O som é tão alto, que meus ouvidos estão zunindo. Isso decididamente não é o Aldo.

O som agudo só aumenta e a grade acima de nós começa a se mover. Jax me puxa para trás bem na hora em que uma pata peluda arranca a grade e um rosto espia do lado de dentro.

— Mas que diabo...? — Jax começa a dizer, quando dois olhos vermelhos e reluzentes nos encaram.

O formato dos olhos, as garras... tudo é tão familiar.

— Gárgulas — eu digo, quase para mim mesma, depois ouço novamente o som ensurdecedor.

— Gárgulas não são reais — Jax me diz.

É a última coisa que eu o ouço dizer, antes que uma delas voe pela grade, atrás de nós.

CAPÍTULO 10

Temos visitas

Jax me empurra para a frente.

— *Corra!*

Ele não precisa dizer duas vezes. Com uma das mãos, pego a argola de bronze e, com a outra, empurro meu corpo para a frente, através da grade, o mais depressa que posso, arrastando-me com as mãos e os joelhos. Ouço mais barulho ecoando pelo duto. Tem mais de uma fera atrás da gente.

Gárgulas são reais. Gárgulas são reais. Eu sabia *que tinha visto uma delas se mexer!*

Os rangidos agudos são tão altos que Jax e eu somos forçados a parar por um segundo para cobrir os ouvidos. De canto de olho, eu os vejo. Eles são enrugados e cinza-escuro, com olhos vermelhos e asas compridas que dobram sob o próprio corpo, mas o que mais me assusta são as garras compridas e afiadas nas mãos e nos pés. Uma delas solta um uivo longo quando nos vê, e Jax me empurra novamente, arrancando-me do transe.

Meu coração está disparado e eu ouço as garras batendo na grade, enquanto eu voo adiante, vendo uma luz no fim do túnel. Eu me jogo para fora. Fico aliviada quando vejo Jax logo atrás de mim. Eu corro até a grade, para colocá-la de volta no lugar, para deter as gárgulas, assim que Jax sair. Parece um bom plano, até que eu vejo o rosto de Jax se retorcer de dor e ele começa a ser puxado para trás, para dentro do túnel.

— Gilly! — Ele grita.

Eu solto a grade e agarro as mãos de Jax, puxando com toda força e não saio do lugar. É como se nós estivéssemos empacados numa guerra de corda e Jax fosse a corda. Os grasnidos tornam quase impossível ouvir, mas eu vejo os lábios de Jax se mexendo.

— O bolso da minha camisa! — Ele grita, e eu solto uma de suas mãos para enfiar a mão em sua camisa. Puxo um antigo relógio de bolso que parece custar uma fortuna. O que isso tem a ver com alguma coisa? Eu penso, enquanto outro uivo das gárgulas faz com que eu me retraia. — Abra e aponte para eles. Para *eles*, não pra mim! — Ele berra.

Eu abro o relógio e ouço Jax gritar uma palavra que não entendo. Então, fico momentaneamente cega, quando um raio irrompe do relógio e atinge as gárgulas. Os gritos são ensurdecedores, mas elas soltam Jax. Eu puxo Jax com tanta força, que nós dois despencamos no chão.

— Dê-me isso — diz Jax, tirando o relógio da minha mão. — Acho que você chamuscou as minhas calças! — Claro, as calças dele estão soltando fumaça. A bainha está esfarrapada, no lugar onde as gárgulas o agarraram. Gotinhas de sangue escorrem em suas panturrilhas.

— Você bem que podia dizer obrigado! — Eu vocifero, ao tentar me levantar, mas minhas pernas estão tremendo.

— Por quase nos matar? — Jax grita de volta. — Você simplesmente *precisava* espionar a Flora.

Então, um uivo nos deixa paralisados de novo. Nós nos olhamos e eu sei que estamos pensando a mesma coisa. Aquelas gárgulas não estão mortas.

— Dispare o relógio na direção delas outra vez! — Eu digo, levantando-me e agarrando o braço dele pra sair correndo.

— Não posso! Só funciona uma vez por hora. — Jax sai na frente, puxando-me.

Os gritos agudos se intensificam, à medida que as gárgulas voam para fora da tubulação e nos perseguem pelo corredor, ganhando velocidade.

— *Abaixe-se!* — Grito, quando uma delas mergulha na cabeça de Jax. A saída está logo à nossa frente. Só mais alguns palmos. Mais alguns... — *Não!* — Eu grito, quando minha camisa levanta voo — comigo junto.

— Chute! — Jax grita, puxando a minha perna. — Chute com mais força!

A cara da gárgula está tão perto, que dá para sentir o cheiro podre de seu hálito. Suas garras rasgam minha camisa e cravam-se nas minhas costas. Eu grito e minha mente logo me leva aos meus irmãos. Eu não vou morrer assim. Eles precisam de mim. Eu chuto com mais força, retorcendo-me como uma minhoca, até que a minha perna bate com força na barriga da gárgula.

A gárgula uiva e me solta. Jax ampara a minha queda, meio me pegando, meio cambaleando até a porta, que atravessa correndo comigo. Nós batemos a porta com força e nos recostamos nela, enquanto as gárgulas berram enlouquecidas.

— Não consigo segurar — Jax grita, cerrando os dentes, enquanto faz força contra a porta.

— Nem eu — digo, respirando ofegante. Minhas costas estão ardendo dos arranhões das gárgulas. — O que vamos fazer?

Ouço estalos e olho para cima. Flora, enfurecida, está segurando um espelho com uma sereia deslumbrante dentro.

— Andem! — Ela nos ordena.

Ela não precisa repetir. Um longo raio de luz explode para fora do espelho e atinge a porta que estávamos mantendo fechada. A porta atrás de nós lampeja em roxo e, em seguida, cessam os uivos e os empurrões. O corredor é tomado por um silêncio sinistro.

— Vocês dois têm sorte de terem derrubado a jaqueta do espelho no corredor. — Flora parece estar sem fôlego. — Ou teriam virado comida de gárgula! O que estavam pensando, saindo escondidos, em vez de seguirem aos seus postos de evacuação? — Ela estrila.

— Eu achei que conhecesse um atalho — Jax diz rapidamente. — Então, nós nos deparamos com aquelas estátuas vivas. — Jax me lança um olhar. Acho que ele quer dizer algo do tipo “Agora, você que me deve”.

— Como poderíamos saber que as gárgulas eram criaturas reais? — Pergunto à Flora.

— Ninguém sabia que elas eram reais até meia hora atrás! — Diz Flora, parecendo exasperada. — Por isso fizemos a evacuação, para que a equipe de funcionários pudesse detê-las e os alunos ficassem em segurança, e não para usar esse tempo para andar escondido pela escola! — A diretora Flora mantém os lábios fechados com força. — Estou decepcionada, senhorita Gillian — ela diz, ignorando a minha pergunta. — Achei que você quisesse que estes três meses passassem com a maior tranquilidade possível. — O rosto dela está próximo demais para que eu me sinta à vontade, e eu sinto cheiro de rosas, o que me faz sempre lembrar de enterros. — Quem procura problemas dentro destas paredes, encontra. Agora, vocês, agradeçam a Madame Cleo por ter salvo a vida dos dois.

— Obrigado — nós murmuramos.

— O prazer foi meu, queridos — Cleo diz cantarolando. — Lindinhos, mas tolos, vocês dois, queridos. Quem plantou estas coisinhas aqui, Flora?

— Eu não sei, mas quero todas as estátuas removidas, até que possamos descobrir isso. — Flora sorri levemente. — Quanto a vocês dois, nada de conversa sobre as gárgulas ganharem vida e tentarem deixar alunos em pedacinhos. Eu teria de programar aulas extras de terapia para lidar com a reação. — Ela segura a cabeça. — Vocês dois vão passar as duas próximas *semanas* com a Madame Cleo, de recuperação, por quase se matarem. — Os olhos dela se estreitam. — E se algum dia saírem escondidos de novo, durante um treinamento, como hoje, aplicarei a recuperação de quatro semanas, se sobreviverem para contar a história.

— Sim, diretora Flora — Jax e eu dizemos, abatidos.

Eu achei que tinha sido difícil com as gárgulas. A recuperação com a sereia do mar talvez seja pior.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

De uma das maiores ameaças do mar a uma das mais adoradas professoras do RCF: digam olá à Madame Cleo!
por Beatrice Beez

Nome: Madame Cleo (a sereia antes conhecida como a "Bruxa do Mar", ou "Sereia Marinha", dependendo de quem viveu para contar a história)
Ocupação anterior: amedrontar marinheiros, fazer negócios suspeitos com vantagem própria, tentar destruir a chance de amor da Pequena Sereia
Ocupação atual: depois que um feitiço para perda de memória, destinado a um tubarão, atingiu Cleo, cessou a vilania da sereia. Ela agora leciona dança e etiqueta para alunos do RCF. "Eu não poderia estar mais feliz! A dança é... Do que estávamos falando?"
Hobbies: aeróbica aquática, ouvir música clássica, frequentar os Bailes Submarinos
Pontos fortes: feitiçaria ("Posso não me lembrar do que comi no almoço, mas jamais me esqueceria de um bom feitiço!") e lecionar boas maneiras ("Adoro quando os alunos dizem: 'Bom dia, Madame Cleo.'")
Pontos fracos: a falta de pernas. "Respirar em terra firme parece um exagero. Não vejo motivo para um par de pernas."
Gosta: de presentes brilhosos e do xampu de Rapunzel ("A água salgada faz um estrago em meus cabelos, querida.")
Detesta: sushi e sons agudos e ruidosos
Vida amorosa: "Quem tem tempo para homens, quando se está tentando salvar Encantadópolis de uma postura ruim?"

Verifiquem seus pergaminhos na próxima semana, para saber mais sobre a cobertura do Quinto Aniversário do Reformatório de Contos de Fadas.

CAPÍTULO 11

Algo capcioso

No dia seguinte, depois da aula, a diretora Flora achou necessário me entregar pessoalmente à Madame Cleo, e eu logo me vi diante de uma imensa porta dupla metálica. Leio a placa grande que fica ao lado da entrada: Atenção! Se as portas duplas estiverem trancadas, não abra magicamente. O aquário pode estar sendo reabastecido ou transbordando!

— Onde estamos? No aquário? — Eu brinco.

— Você até *pode* chamar assim — diz Flora —, mas eu não chamaria. Essa é a entrada do lar de Madame Cleo e ela é muito gentil em convidá-la para esta detenção.

Eu olho para baixo, para o meu macacão xadrez e meu colete azul-marinho.

— Não estou vestida para nadar.

— Traje de banho não será necessário — diz a Madrasta Cruel, em tom sinistro. — Você também iniciará as lições de etiqueta aqui, mais adiante, esta semana. Verá que mantemos os alunos ocupados. Isso evita que vocês caiam no tédio e, digamos, se interessem por atividades extracurriculares menos agradáveis. — Ela me olha de modo frio, por um bom tempo.

Ela está se referindo a coisas como roubar, brigar com gárgulas e espionar vilões.

Flora dá meia-volta e sai andando.

— Aproveite sua tarde, senhorita Gillian.

Eu puxo as portas duplas para ver se estão trancadas por causa de um vazamento de água. Infelizmente, estão abertas. Quando entro, sinto a temperatura diminuir bastante, assim como a iluminação. A sala espaçosa, mas pouco iluminada, tem um teto alto, de dois andares, mas não tem janelas. *Vlapt!* Eu ouço as portas se trancarem atrás de mim, e imagino se fui levada a algum tipo de armadilha.

Procuro outra saída e é quando vejo um tanque marinho gigante reluzindo na escuridão. Peixes de todos os tamanhos nadam desviando de corais coloridos e plantas do mar, e se escondem em meio às pedras gigantes que há ali dentro. Eu aproximo o rosto do vidro e olho o tanque, que parece se estender por quilômetros. Não estamos dentro de um castelo?

As tochas tremulam e as portas se abrem. Vários alunos entram correndo — ou voando. É um caos total para entrar antes da última campainha. Quando o sinal toca, as portas são fechadas atrás de nós e, com outro *vlapt*, ouço-as sendo trancadas novamente.

— E aí, mão leve? — Jax sorri. — Como está se sentindo? — Ele mudou de uniforme e agora está com uma camiseta do RCF e um short de ginástica que mostra duas pernas com curativos.

— Tudo bem — eu digo. Não consegui nem um podre de Flora que pudesse me liberar mais cedo, e não posso contar a ninguém que as gárgulas ganharam vida e atacaram Jax e a mim. Estou simplesmente maravilhosa. — Ontem foi... esquisito, hein?

O rosto de Jax é tomado de sombra, sob a pouca luz.

— É um modo de dizer.

— O que você acha que aquelas coisas queriam? — Eu sussurro. — De onde elas vieram?

— Eu não sei e não me importo — diz Jax, remexendo na alça de sua sacola de livros. — Olhe, quase viramos ensopadinho de gárgula, ontem. Você precisa pensar como uma ladra. Pare de se preocupar com o que a Flora está fazendo e preocupe-se mais com você.

Pensar como uma ladra. Eu sempre fiz isso... e agora estou empacada aqui, sem poder ajudar meus irmãos. Será que alguém está tomando conta, para que o Hamish não coma cola e o Felix não fique acordado a noite inteira, perto da vela, para ler? Será que estão tendo o suficiente para comer?

Uma luz no tanque cessa nossa conversa. Viro-me na direção do aquário e observo um borrão que se aproxima do vidro. Quando a água para de se mover, vislumbro a Madame Cleo, que até ontem só havia visto naquele espelho, fritando as gárgulas. Ela é a sereia mais bonita que já vi. Seus cabelos roxos são adornados com flores marinhas e conchas que combinam com seu top também de conchas. Sua pele e a cauda verde comprida brilham com intensidade.

— Olá, queridos! — A voz de Madame Cleo ecoa pela sala. Como ela faz isso? Outras sereias precisam segurar cartões na aula se quiserem falar. Imagino que ser a sereia máxima se dê pela magia poderosa.

— Boa tarde, Madame Cleo — nós dizemos, todos juntos, e nos curvamos, ou fazemos uma reverência.

Como faço pouco uso de reverências, a minha sai meio enferrujada. Eu esbarro na menina ao meu lado.

— Olhe por onde pisa, desajeitada. — A menina vira-se para mim e eu olho nos olhos de alguém que é decididamente metade gato. Ou, talvez, lobo? Quem vai saber?

— Foi sem querer, Gayle. — Jax não perde tempo em nos transferir para um ponto menos hostil da sala.

A voz da Madame Cleo é como uma canção.

— Estou decepcionada que estejam de recuperação, mas, se estão aqui, é melhor aprenderem algo que melhore a vida de vocês. — Ela enlaça as mãos e um globo espelhado e brilhante desce do teto, conforme a música começa a tocar. — Hoje vamos nos concentrar na dança do amor. O passo do fogo.

O passo do fogo é uma dança complicada, em geral realizada em casamentos. Quando meus pais pensaram que receberiam um convite para o casamento de Ela (para sua informação, eles não receberam), ensaiaram durante um mês e ainda assim não conseguiram dançar direito. Eu nunca tentei.

— Primeiro, deixe-me fazer a chamada para nossa diretora. — Madame Cleo nada pelo tanque, brincando com seu colar de pérolas. Ela olha diretamente para Jax. — Jackson! Que adorável revê-lo.

Eu dou uma fungada.

— Jackson?

O rosto de Jax fica vermelho.

— Nem uma palavra — ele diz, com os dentes cerrados.

— E Gillian. — Cleo sorri. — Voltamos a nos encontrar. Onde está Jocelyn? — A Madame Cleo eleva ligeiramente a voz. — Não seja tímida. Você não pode ter mais recuperação *em* recuperação.

Surge uma nuvem de fumaça roxa e Jocelyn se materializa no meio da sala. Vestida de preto dos pés à cabeça, ela se parece muito com Harlow.

— Boa tarde, Madame Cleo! — Jocelyn faz uma reverência perfeita. — Desculpe-me pelo meu atraso. Eu estava com minha irmã.

Madame Cleo ri e seus cabelos lentamente passam do tom roxo a um tom turquesa.

— Eu sei que, quando a Harlow começa a falar, é difícil fazê-la parar! Obrigada a vocês duas, pelo lindo arranjo de coral, pelo meu aniversário.

— Claro! — Diz Jocelyn. — Harlow e eu jamais nos esqueceríamos de seu dia especial. E eu nunca faltaria à recuperação, principalmente com tanta gente interessante por aqui, tendo conversas tão fascinantes. — Ela olha diretamente para mim e Jax, e sorri.

Será que ela nos ouviu falando das gárgulas? Como?

— É uma pena que você esteja aqui, Jocey, mas, como tantos alunos a viram lançar aquele feitiço em Maxine, ontem à tarde, não tive escolha.

Eu tinha ouvido a novidade de Kayla hoje de manhã. Em seu posto de evacuação, Jocelyn ficou entediada e lançou um feitiço em Maxine, tornando sua orelha direita tão grande quanto sua cabeça. Ela estava na enfermaria, recuperando-se. Eu visitei Maxine para ver como estava na hora do almoço.

— Tudo bem — disse ela, quando perguntei o que havia acontecido. — Já estou acostumada com Jocelyn me perseguindo.

Bem, mesmo assim, eu não gosto disso — e também não gosto de Jocelyn.

— Isso não é verdade. Eu não faço ideia de como aquilo aconteceu com Maxine. — Jocelyn sacode a cabeça. — No entanto, assim como a minha irmã, encaro meus obstáculos com dignidade.

— Uma dama apropriada! — Madame Cleo diz, admirada. — Bem, então, vamos... Ah, olá, turma! Quando vocês todos chegaram aqui?

— Feitiço de perda de memória — Jax cochicha. — Às vezes, ela se esquece do que está fazendo. Na semana passada, a recuperação foi de apenas trinta minutos, porque ela se esqueceu de que horas nós havíamos chegado.

— Está ensinando passo do fogo, Madame Cleo — diz Helmut. Em segundos, ele vira para trás. — Ai! Quem me bateu? — Vejo Jocelyn dar uma risadinha.

— O passo do fogo! Sim, isso mesmo! — ela diz. O som de uma canção rápida e instrumental flutua pela sala. Madame Cleo fecha os olhos e balança de um lado para o outro. Os peixes à sua volta a imitam. — A execução apropriada da dança pode fazer toda a diferença entre fisgar um príncipe ou seu cocheiro. Vocês não têm muitas tardes para dominar essa dança. O Dia de Gala será em apenas alguns dias.

— Sorte nossa — eu resmungo.

Jax parece entretido.

— O que as nobres fizeram com você? Roubaram seu sapatinho de cristal?

— Mais ou menos. — Jax parece intrigado. — Meu pai é sapateiro e os pedidos de sapatinhos de cristal que ele vinha fazendo foram entregues à fada madrinha de Ela, para que ela mesma os fizesse. Isso criou um grande rombo no negócio da família, que mal ganhava para se sustentar. — Eu suspiro. — No entanto, a minha irmã ainda idolatra aquelas garotas.

— Elas pegaram a fazenda do meu pai para construir um castelo de verão — conta Jax. — Desde então, não gosto delas.

— De esperar. — Eu sacudo a cabeça.

Cleo enlaça as mãos e o som ecoa pela sala.

— Arranjem parceiros!

Jax estende a mão.

— Vamos?

— Não sou uma garota do tipo passo do fogo. — Gaguejo ao dizer as palavras. Nunca dancei com ninguém que não fosse meu irmão. E dançar com irmãos não conta.

— Gillian, querida — cantarola a Madame Cleo, mas há um tom seco em sua voz —, todos precisam participar.

Minhas bochechas ficam ligeiramente coradas.

— Tudo bem, mas não pise nos meus pés — eu digo ao Jax. — Você sequer sabe como... opa. — Jax pega minha mão e me gira pela sala. A parte do rodopio eu poderia fazer até vendada, mas o restante é um mistério.

— Apenas observe o que eu faço — ele me diz, enquanto bate palmas duas vezes, depois faz um movimento cruzado com os pés, e muda de direção, tudo em questão de segundos. Ele é de fato bom. Quando trocamos de par, depois trocamos de volta, Jax consegue girar duas vezes, depois vira para mim, antes que eu consiga dar meu primeiro giro.

— Não imaginei que você tivesse utilidade para o passo do fogo na fazenda — eu digo, acima da música.

— Não tinha — diz Jax. Seus olhos violeta estão praticamente roxos esta noite. — Muito tempo de recuperação me transformou num excelente dançarino.

— Estou vendo. — Eu bato palmas duas vezes, mas fora do ritmo. Ops.

As pessoas deslizam pela sala, trocando de direção. São muitas palmas e batidas no tornozelo, estalos dos dedos, tudo no momento correto, mas eu estou bem certa de que não vou conseguir ter domínio dessa dança, nem com um ano de recuperação.

A única sem parceiro é Jocelyn, embora ela não pareça preocupada. Com um *puf* súbito, uma sombra surge à sua frente, assumindo a silhueta de um menino. Madame Cleo olha de maneira curiosa para Jocelyn, mas não diz nada. Acho que ser irmã da Rainha Má significa que você pode se safar de muita coisa. Jocelyn pega as mãos inexistentes da sombra e começa a dançar pela sala. Ela tromba em mim e eu caio junto a Jax.

— Não deixe que ela a provoque — diz Jax.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, temos de mudar de parceiro e eu estou novamente com Helmut.

— Você é a garota nova, certo? — Diz Helmut, que parece mais aterrorizado do que bem impressionado. — Eu fui pego invadindo o Mercado de Encantadópolis, além da conta. Tenho uma queda por pãezinhos de canela. — Ele fica vermelho. — Por que você está aqui?

— Mais ou menos a mesma coisa — eu digo, retraindo-me, conforme Helmut pisa nos meus pés. — Minha família precisa comer, sabe? Eu peguei o que precisava.

— Eu achei que sapateiros só comessem couro de sapato — diz Jocelyn, quando ela e sua sombra passam dançando ao nosso lado.

Eu já aturei o suficiente dela.

— Eu nunca comi, mas, se você quiser experimentar, será um prazer enfiar um pouco pela sua goela abaixo. — Helmut engole em seco, ruidosamente.

Jocelyn dá um sorriso sinistro.

— Alunos que falam o que não devem para mim não duram muito tempo.

Eu paro de dançar.

— Você está me ameaçando? — Helmut recua devagar. — Eu achei que o RCF tivesse a ver com a transformação pessoal.

Jocelyn dá um sorriso cruel.

— É, sim, mas quem pode saber no que estamos nos transformando? Pare de bisbilhotar pela escola ou, acredite, sua ladra, você vai se arrepender. — Eu sinto um calafrio percorrer a espinha. — Eu tenho poderes que você nem pode sonhar.

— Não tenho medo — eu digo, enquanto Jax me puxa pelo braço, para me afastar.

Os olhos de Jocelyn se estreitam.

— Mas vai ter quando vir o que posso fazer. Veja. — Os lábios dela começam a se mover e um brilho irrompe de seus olhos. Jax me empurra para longe de sua direção, porém, ela nem precisava dar-se ao trabalho. Não é comigo que Jocelyn está brincando. Gayle solta um grito agudo de perfurar os tímpanos e seu parceiro duende voa para trás, colidindo numa das tochas da parede. A tocha cai e começa um pequeno incêndio que causa um curto-circuito na música. Os alunos veem Jocelyn entoando o feitiço e correm para se proteger, mas Helmut começa a chorar e cai no chão. Em segundos, a maioria de meus colegas de classe está abaixada no chão, cobrindo os ouvidos. Seu feitiço afetou a todos, menos Jax e a mim.

— Pare com isso! — Eu falo, mas Jocelyn me ignora. Eu viro para Jax. — Precisamos fazer alguma coisa! — Quando eu digo essas palavras, ouço o conselho que Jax me deu mais cedo. *Apenas cuide de você mesma*. No entanto, não posso simplesmente ficar ali e olhar os outros sofrer, porque a Jocelyn quer me dar uma lição.

— O que é esse som? — Cleo clama, tampando os ouvidos. — Jocelyn, me ajude!

A Sereia do Mar é aparentemente cega ao fato de que Jocelyn esteja causando o ruído. Kayla me disse que Cleo não consegue lidar com ruídos extremos e isso deve ser verdade. Fico olhando os cabelos de Cleo mudar de cor, tornando-se rosa, depois roxo, depois verde, antes de começar a gritar tão alto que o tanque fica cheio de bolhas e o chão de fato começa a tremer. Não demora até que o comportamento meigo de Cleo desapareça e, por um segundo, vejo um lampejo da sereia do mar que ela deve ter sido. É bem aterrador. E isso acontece antes de o tanque começar a rachar.

— Ela vai nos afogar! — Diz um ogro, empurrando para abrir caminho e sair.

Jax chega antes dele e receio que ele esteja nos abandonando. Em vez disso, ele tira seu relógio do bolso e lança um raio no trinco. Os alunos saem correndo da sala, Helmut ajuda Gayle até a porta. Aterrorizada, a fada passa por mim voando e colide na parede. Jax ergue-a. O tempo todo Jocelyn continua a entoar a música, com um sorriso presunçoso no rosto.

Quando olho para trás, a Madame Cleo desmaiou e está flutuando no meio do tanque. Agora chega. Eu pulo nas costas de Jocelyn e tento derrubá-la no chão.

— Saia de cima de mim! — Jocelyn grita, girando tão depressa que eu poderia ter voado dali, mas tenho uma bela pegada (a crina do cavalo de entregas do meu pai mais parece uma juba). Jocelyn gira e abaixa, mas eu seguro firme. Pelo menos a fiz parar de cantar.

De repente, somos atingidas na lateral e caímos no chão. Quando olho para cima, Jax está segurando o globo espelhado de discoteca que estava pendurado no teto.

— Você vai se arrepender disso, ladra. — Jocelyn põe a mão na bochecha que está arranhada e sangrando. — Você também, garoto da roça. Aquelas gárgulas não são nada perto do que ainda verão. — Fumaça roxa começa a emanar e ela subitamente desaparece.

Ainda estou engasgada, tossindo pela fumaça, quando Jax me dá a mão e me ajuda a levantar.

— Agora você me deve dois favores.

— Achei que você não gostasse de ajudar as pessoas — eu digo, entre uma tossida e outra.

Jax sacode os ombros.

— Imaginei que evitar que a turma inteira se afogasse seria melhor para mim do que para eles. Menos alunos na sala significa mais foco em mim. — Eu sacudo a cabeça.

Madame Cleo geme e nos voltamos para o tanque. Ela está começando a retomar a consciência. Eu bato na parede do tanque, sabendo que é justamente algo que não se faz num aquário, mas não sei mais o que fazer.

— Madame Cleo? Você está bem?

Os olhos verdes de Cleo se abrem num estalo, como se ela estivesse num transe.

— *Uma vez vilã, sempre vilã* — ela diz, numa voz inexpressiva que não se parece em nada com a dela. — *O mal está vindo e não pode ser detido. Encantadópolis, cuidado...* — Sua boca se curva num sorriso sinistro. — *O Reformatório de Contos de Fadas vai incendiar*.

Os pelos dos meus braços se eriçam.

— Ela está sob a influência de algum feitiço. — Jax bate no vidro com mais força. — Madame Cleo?

Os olhos de Cleo tremulam loucamente, depois seu corpo relaxa.

— Queridos! — Ela sorri. — Que bom que vieram para a recuperação. Hoje são só vocês dois?

Jax e eu nos olhamos. Isso realmente acabou de acontecer?

— É... sim — diz Jax.

— Ótimo! — Madame Cleo sorri e afaga um cavalo-marinho que passa nadando por ela. A coisa ainda está tremendo de medo por seu rompante recente. — Então, vamos dançar?

CAPÍTULO 12

Dia de Gala

— Bom dia, Reformatório de Conto de Fadas! — A voz estranhamente alegre da diretora Flora retumba pelo grande salão. — Hoje é o dia pelo qual temos esperado. Após cinco anos, as princesas chegarão a qualquer minuto para visitar nossa escola!

Aplausos irrompem na multidão de alunos (a presença era obrigatória) como se fosse um show dos superpopulares Duendes Fantásticos.

Flora estendeu o tapete vermelho — literalmente — para nossas nobres convidadas. Um banner dourado que dizia "Bem-vindas ao Reformatório de Contos de Fadas" foi pendurado acima do grande arco do salão, e a banda do RCF está ensaiando o cântico de procissão real, enquanto os repórteres dos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* estão ansiosos junto às imensas portas da frente da escola, com as canetas-tinteiro e os papéis prontos. Estamos todos em alerta. Aquários foram posicionados ao longo da parede dos fundos do hall para alunas sereias e a Madame Cleo foi refletida num dos espelhos de Miri. Tem até um magográfico pronto para capturar a cena da chegada das princesas.

— Espero que todos entrem com o pé — ou a barbatana — direita hoje — diz Flora. A professora Harlow e o professor Lobão estão ao lado da diretora, cada um deles com seus robes verdes bordados, enquanto Jocelyn — chocante — está ali perto. — Temos uma lista de atividades das quais as componentes da realeza participarão, e as quais vocês devem ter recebido esta manhã, junto com seus uniformes engomados.

Minhas botas prediletas de trabalho parecem ter sumido. Os únicos sapatos que consegui encontrar hoje foram os pretos comuns e horríveis, que todos nós usamos.

Esperta, Flora. Muito esperta.

— Estes uniformes pinicam — resmunga Jax, que está ao meu lado. Seus cabelos estão penteados para trás, e os botões de sua camisa reluzem ainda mais que seus sapatos.

— Eles nos deixam com uma boa aparência — diz Ollie, ao passar pela aglomeração, abrindo caminho em nossa direção.

Fico olhando, enquanto ele tira uma garrafa de cristal da manga da camisa. A alguns metros de distância, ouço alguém dizer:

— Ei! O que aconteceu com a minha colônia? — Ollie nem pisca, enquanto passa o perfume. O cheiro de almíscar faz meus olhos lacrimejar.

— Nunca se sabe quando uma daquelas princesas vai dispensar seu príncipe e sair em busca de um cara mais comum.

— Hoje é um dia muito importante para nossa escola — acrescenta Flora. — Queremos que as princesas reconheçam o impacto positivo do RCF para o reino de Encantadópolis.

Kayla dá uma fungada.

— Ela quer dizer que está desesperada para que elas deem um baile de gala para a gente. *Credo!* A ideia de ficar fazendo reverências às nobres me dá vontade de vomitar meu café da manhã.

Eu não tinha percebido que a Kayla era um inimigo *real* assim como eu. Com isso, eu me dou conta de como conversamos pouco desde que cheguei há quase duas semanas.

Um grupo de meninas de trajes rosa-choque, de damas de companhia, passa por nós. Dou um gemido. Eu vi essas meninas ontem à noite, na área comum de nosso alojamento, e elas não paravam de se gabar porque seriam as acompanhantes da escola para a realeza durante o dia. Como se eu quisesse uma tarefa dessas.

— Alguém levantou com o pé esquerdo hoje — eu brinco. — Você não deveria ter acordado tão cedo para ajudar a preparar o banquete real, Kayla.

Jax lança um olhar para ela.

— Você ajudou? Por que você seria voluntária, se detesta tanto as nobres?

— Crédito extra e eu não estou cansada. Estou bem — Kayla estrila. — Será que podemos simplesmente parar de falar disso?

Ela não parece bem. Os olhos de Kayla estão com olheiras escuras e seus cabelos louros curtos estão desgrenhados, o que é raro. Ela nem vestiu o uniforme passado. Bem, se quisesse conversar sobre o que a incomoda, acho que ela falaria. Acredito que seja isso que as colegas de quarto fazem — não que eu tenha feito, a não ser na noite em que ela me falou sobre sua família.

Noto Flora tocando a estátua de mármore de um rei, no saguão, e sorrindo para ela. Eu gosto muito mais daquela estátua do que das gárgulas que desapareceram dos corredores. Se os alunos notaram, ninguém disse nada.

— De quem é aquela estátua? — Pergunto ao grupo.

— Do rei Jerrod — Ollie me diz. — O primeiro nobre de Encantadópolis. Dizem os boatos que ele passou de ladrão a rei da noite para o dia. Nós achamos que ele é tipo um ídolo da Flora. Ela mantinha essa estátua em casa até esta semana.

— Diretora Flora — Miri anuncia ofegante. — As princesas acabaram de entrar pelos portões da escola.

— Todos em seus lugares! — Flora diz e a orquestra da escola começa a tocar.

— Isso é tão ridículo — diz Kayla. Ela é obviamente uma das poucas que se sentem assim, pois em instantes há um ofego coletivo de todo o salão, conforme as portas se abrem e vemos as princesas ali em pé, em carne e osso.

— Apresentando a corte real de Encantadópolis — Miri anuncia, numa voz de realeza que nunca tinha ouvido. — Princesa Ela, princesa Rose, princesa Branca e princesa Rapunzel.

Não há como negar que cada uma é mais bonita que a outra. A pele de pêssego, os cabelos reluzentes — pacotes perfeitos de beleza. No entanto, em vez de sentir inveja (como a fada ao meu lado, que está silenciosamente lançando raios de morte a elas), ou emoção (como Maxine, que está segurando um cartaz pintado que diz “Branca, você faz meu coração derreter”), ou paixão (como Ollie, que está segurando um pôster de Rapunzel), penso apenas no trabalhão que deve dar ser uma delas. E todos esses acenos e sorrisos. Deve ser exaustivo.

Contudo, minhas colegas de turma vão na onda. Elas estão cantando, gritando, aplaudindo e praticamente se atirando nas princesas, à medida que elas passam pelo tapete vermelho estendido em

sua homenagem. Em geral, a única visão que temos dos nobres é quando eles passam numa carruagem, acenando com uma luva branca para a massa adoradora. Hoje, estou vendo o vestido azul de Cinderela bem de perto. Sua saia bordada de contas é tão bufante, que daria para esconder a metade da mobília do meu quarto ali embaixo.

Vejo quando Ela chega até sua ex-madrasta. Por um momento, a empolgação parece murchar um pouco, enquanto imaginamos de que maneira elas vão lidar com o primeiro encontro cara a cara, desde o grande dilema do sapatinho. A diretora Flora faz uma reverência acanhada. Então, Ela retribui a cortesia.

— Opa. — Jax assovia. — Por essa eu não esperava.

— Talvez elas até deixem para trás todo o desentendimento — diz Maxine, próxima ao grupo. — Talvez Ela tenha perdoado Flora. Quer dizer, ela concordou em vir hoje, certo?

Kayla faz uma careta.

— Quem se importa com o verdadeiro motivo? Devíamos estar olhando o vestido de Ela. O preço dele poderia alimentar minha vila inteira. — Kayla suspira. — Para mim chega. Preferiria ir à aula de observação estelar a ter de ficar ouvindo toda esta bajulação. — Então, ela me lança um olhar quando um menino ao nosso lado desmaia ao ver Rapunzel. — E você sabe quanto eu detesto observar estrelas.

— Quer que eu a acompanhe até lá? — Kayla está agindo de modo tão estranho, mas não sei se sou eu ou ela. Desde que ouvi Madame Cleo fazer a previsão assustadora na recuperação, tenho andado nervosa. O Jax diz que estou me preocupando à toa (“Na maior parte do tempo, a Sereia do Mar nem se lembra do próprio nome”, ele me disse, parecendo inabalado. “Você acha que ela vai estar certa quanto a uma rebelião de vilões?”).

— Não, estou bem. Você tem trabalhos de pergaminhos na direção oposta. — Kayla consegue dar um sorriso. — Eu te vejo depois, no ginásio.

— Espere aí. Eu vou caminhar na mesma direção que você. — Jax dá o braço a Kayla. — Talvez Ollie e eu até entremos escondidos na aula de observação estelar, para evitar o trabalho com as varinhas de condão.

— Eu estou pensando em fazer um truque para materializar um passe para o salão — Ollie me diz, alegremente.

Gostaria de poder fazer esse truque. O último lugar para onde eu queria ir hoje é o ginásio, e ficar bajulando as nobres. Quando chega a hora, quase tenho de me arrastar até o vestiário do ginásio para mudar de roupa. A caminho de lá, fico parada atrás de um bando de damas de companhia da realeza.

— Ouvi dizer que o vidro rachou no meio da apresentação de dança de salão da Madame Cleo! — A capitã das damas está dizendo. — Praticamente inundou a sala. Disseram que a Branca ficou completamente encharcada.

Imediatamente volto a pensar na previsão da Madame Cleo. Maxine passa na minha frente e atraca o braço da dama de companhia mais conhecida.

— As princesas estão bem?

— A diretora Flora levou a Branca de Neve para seus aposentos para encontrar algo apropriado para vestir, até que um serviçal do castelo chegasse com roupas secas — diz uma candidata à realeza.

— Só estou aborrecida por não termos pensado em trazer roupas extras para elas!

Outro membro sacode a primeira.

— Mantenha a compostura. — A outra garota assente e respira fundo. — Podemos recompensar nossa falha cantando na hora do almoço.

— Como o tanque da Madame Cleo pôde quebrar? — Pergunto, achando mais importante, e as garotas me olham com desdém. Obviamente, como não sou uma dama de companhia real, não tenho permissão de comentar. — Achei que fosse feito do vidro mais forte que há.

— Nada é forte o suficiente para competir com magia negra — diz Jocelyn, passando por nós. As tochas que iluminam o corredor enfraquecem, como se sentissem as trevas que vêm dela. — A rachadura no tanque, o enxame de formigas perniciosas que foram acidentalmente soltas no laboratório de Botânica, as frutas envenenadas no refeitório, no bufê de café da manhã. — Ela me olha de modo direto. — Ninguém deve irritar o lado sombrio.

— Frutas envenenadas? — O olho preguiçoso de Maxine remexe.

Jocelyn dá uma mordida numa maçã.

— Helmut está na enfermaria com a princesa Rapunzel, que tomou uma terrível mordida de formiga no nariz.

Uma das damas reais tira seu saquinho rosa do ombro e ele bate no rosto de Maxine.

— Disseram-me que esta manhã, na apresentação do Dia de Gala, Ela deu permissão a Flora para que fizéssemos um baile de aniversário no RCF semana que vem. Agora, isso não vai acontecer! O que faremos, moças?

Quem liga para um baile de gala? Eu quero saber se Flora será anfitriã de um Dia de Gala, se estiver envolvida com algo escuso.

Talvez.

Azalea está esperando, conforme nos aproximamos do vestiário do ginásio. Ela dá aula como aluna em nossa turma, e não parece muito animada.

— Harlow está esperando vocês, e vocês sabem muito bem quanto ela adora esperar.

— Harlow? — Eu pergunto. — Onde está Madame Tilly? — Tilly é nossa treinadora de ogrificação. Com verrugas no nariz, as sobrancelhas emendadas uma na outra e a boca dentuça, ela é difícil de encarar, mas é a melhor professora neste buraco.

— Harlow está assumindo essa aula, para evitar quaisquer incidentes adicionais. — Azalea ajusta o corpete do vestido pêssego-claro. Eu olho em volta. Nem sinal de Kayla. — Mais um deslize e as princesas estão fora daqui, portanto, caprichem. Harlow quer que você impressione com suas habilidades de esgrima.

— Excelente. — Jocelyn dá um sorrisinho presunçoso.

— O pessoal dos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* também está aqui — Azalea acrescenta. — Vamos causar uma boa impressão, moças. Seria bom se uma das histórias de hoje fosse sobre como nosso reformatório está, de fato, reformando os alunos, em lugar de feri-los.

— De alguma forma, não vejo como o uso das espadas pode ajudar — eu digo.

Os belos olhos verdes de Azalea se voltam para mim.

— Ninguém pediu sua opinião, Gilly. — Ela abre a porta do vestiário e eu olho para Maxine, que sacode os ombros e segue para seu cantinho, para pegar armadura.

Como todas as outras salas do RCF, nosso ginásio ganhou uma renovação para o Dia de Gala. Banners de seda pendem de cada parede mostrando nossos inúmeros times esportivos (Corrida de Tapete Mágico! Tempestade no Castelo! Encantamento Sincronizado de Serpente!). Há uma imensa mesa de banquete perfilando a parede dos fundos, coberta por uma toalha de seda e buquês de lírios. A professora Harlow trocou de vestido e está vestindo seu equipamento justo de esgrima, com uma tiara que substitui o capacete.

Vejo Jax, Ollie e outros meninos de nossa turma surgirem do vestiário masculino, e sigo na direção deles. Puxo Jax para longe de Ollie sem explicação.

— Você ouviu o que vem acontecendo durante a manhã toda? — Pergunto, com a voz aguda. — Isso só pode ter algo a ver com a previsão da Madame Cleo!

— Não fique toda agitada — diz Jax. — Provavelmente é só coincidência.

Será que Jax está maluco?

— Sem dúvida, tem alguma coisa acontecendo! Flora deve estar por trás disso, ou a Jocelyn — ela sabia sobre as gárgulas. E se a Flora estiver planejando incendiar a própria escola?

Olho ao redor da sala, preocupada. Jocelyn e Harlow estão falando baixinho, num canto, e a diretora Flora está papeando com a princesa Branca. Dou uma olhada nas damas de companhia. Elas estão entregando cestos de flores às princesas. A Bela Adormecida está nos olhando, mas Branca está contendo um bocejo e Rapunzel está segurando um saco de gelo junto ao nariz, que tem uma marca roxa horrível. Certo, nada incomum no momento, mas algo *deve* estar acontecendo. Preciso de um podre de alguém — e depressa. Preciso sair deste lugar e voltar para os meus irmãos, enquanto ainda estou inteira.

— Por isso que lhe disse que você só deveria se preocupar com você mesma. — Jax passa uma das mãos no cabelo. — Eu também deveria ter recuado quando tive a chance. — Eu o encaro. Ele não está ajudando. — Pelo menos, a Flora chamou o Esquadrão de Polícia para passar o resto do dia aqui.

Olho para Pete e Olaf e tenho o ímpeto de disparar "Não fui eu".

— Esgrimistas, por favor, assumam as posições — Azalea interrompe, entregando uma esgrima a cada um de nós.

O cabo frio de prata da esgrima me dá uma sensação instantânea de calma. Não admira que a Rainha Má pratique esgrima. Eu gostaria que ela não fosse a treinadora do time, porque de fato tentaria entrar. Aposto que ganharia minhas partidas. Isso é o que sempre quero: ganhar. Ainda não sei o que o futuro reserva para mim, mas sei que não estou destinada a ser uma sapateira. Quero um emprego que possa controlar. Não um emprego que me seja dado pelos nobres.

Jocelyn passa por mim, balançando sua esgrima na lateral, e eu saio do caminho, antes que ela possa "acidentalmente" furar meu short de ginástica. Nós duas nos encaramos, enquanto caminhamos para o centro da sala. Ouço as portas do ginásio ser abertas e Kayla entra correndo. Ela está com seu uniforme de ginástica, mas seu cabelo está notoriamente molhado e há uma mancha rosada em seu braço. Sua pele está mais branca do que o habitual e suas asas não estão tremulando. Ela pega uma esgrima de Azalea, que não parece nada contente, e corre até nós, Jax e eu.

— Você está bem? — Pergunto.

Kayla limpa o suor da sobrancelha.

— Os corredores não estão funcionando direito e eu não conseguia encontrar o caminho do ginásio. Nada de mais. — Ela parece irritada outra vez, então, deixo pra lá.

Harlow ajusta a tiara na cabeça ao caminhar em nossa direção.

— Desculpe-me por interromper a festinha, senhoritas, mas eu estou falando — ela sussurra. — Alunos, por favor, virem-se para a pessoa da esquerda e preparem-se para um ataque. — Eu olho para ela inexpressiva. — Jocelyn? — diz Harlow, parecendo entediada.

Jocelyn suspira.

— Isso é vocabulário de esgrima para uma batalha amistosa, Cobbler.

— Que delícia! Eu adoro batalhas amistosas! — Ollie se vira para Jax, ao mesmo tempo que eu. — Aaaah, cara. Diga que virei para a direita, em vez da esquerda?

— Você virou para a direita, em vez de virar para a esquerda — nós dizemos, quando ele vira para o outro lado.

Jax sorri, como se tivesse ganhado o duelo, antes mesmo de erguer a esgrima.

— Bela tentativa, mas você vai cair. — Eu pouso minha mão na esgrima.

— Você nem sabe usar esse negócio — diz Jax.

— E você, sabe? — Eu brinco. Ele provavelmente sabe. Está aqui há mais tempo que eu.

— Vamos começar com uma balestra, seguida por uma investida, depois... — Harlow é interrompida pelo som de uma batida, acima, que lança uma chuva de vidro abaixo, no salão. Gárgulas caem do céu, enquanto Jax e eu colocamos as mãos em cima da cabeça e nos abaixamos para nos proteger. Ouço um grito agudo e sinto um nó no estômago. Gárgulas. Meus colegas de turma começam a gritar e correr em direções diferentes, e eu olho, enquanto alguns são erguidos no ar pelas feras. A sirene de alerta vermelho é acionada, como aconteceu naquele dia, na aula do Lobão.

Desta vez, decididamente não é treinamento.

Eu logo começo a tossir, conforme uma névoa roxa e densa preenche a sala.

Estamos acabados.

CAPÍTULO 13

Jogo de esgrima

Eu nunca mais vou ver meus irmãos. Nunca terei a chance de me desculpar com Anna por ter roubado aquela presilha no dia de seu aniversário.

Nunca conseguirei fazer que meus pais sintam orgulho de mim.

Esta última ideia me deixa perplexa. Eu nem sabia que ligava para o que meu pai pensa de mim. Preciso encontrar um jeito de ainda fazer com que isso aconteça. Não posso me preocupar com o que está se passando com Flora, ou com a previsão de Madame Cleo. Preciso sair daqui e ir para casa.

Respiro fundo e cubro o nariz com a camisa, caso esse gás seja venenoso. Então, sinto alguém agarrar minha mão e, através da névoa, vejo que é o Jax. Ele me empurra para um canto, enquanto Ollie vem rastejando até nós, junto com Maxine e algumas das damas de companhia, que estão chorando. Com a névoa, não consigo ver Jocelyn em lugar nenhum. Só ouço gritos e berros de pavor.

Uma saída. Preciso encontrar uma saída. E a Kayla. Olho freneticamente em volta, procurando minha colega de quarto, e vejo que ela vem cambaleando em nossa direção. Estendo a mão para puxá-la ao nosso grupinho.

— Você está bem?

Kayla cobre o rosto com as mãos e começa a murmurar de um jeito estranho.

— Não fui eu. Eu juro! Eu sou um nada. Ela está certa. Eu sou um nada. Eu sinto muito. Sinto muito, mesmo. — Ela cai em prantos e fica se balançando no chão, de um lado para o outro. Maxine passa um braço ao redor dela e Jax e eu nos olhamos, preocupados. Assim que essa névoa se dissipar, as gárgulas vão nos pegar.

— Cara, que diabo está acontecendo? Espere, o que... aquilo é uma gárgula? — Ollie consegue dizer, entre ataques de tosse. Todos nós mergulhamos no chão, ao vermos asas surgindo da névoa acima. Uma gárgula pega uma das damas de companhia e decola outra vez. Ela grita e chuta, mas não adianta. Ela já era. — Eu achei que as gárgulas fossem estátuas — diz Ollie, arregalando os olhos. — Essas feras horrendas são reais?

Ouço um *plum* e imagino que alguém tenha magicamente acabado de lacrar as portas do ginásio, como acontece na sala de recuperação da Madame Cleo. Dá para ouvir Pete gritando ordens para Olaf, depois, no instante seguinte, a sala cai em silêncio. À medida que a névoa se dissipa, vejo que as gárgulas arrebanharam as princesas num canto da sala, num tipo de bolha cintilante, junto com alguns alunos azarados. O Esquadrão de Policiais Anões está amarrado em sua própria bolha, ali perto. Grande ajuda eles deram. Uma das gárgulas solta Azalea na bolha real e eu fico olhando enquanto ela é tragada e lançada ao chão.

Certo, se eu segurar a minha esgrima, talvez consiga lutar com elas e abrir caminho até uma das portas do ginásio e arrombar a fechadura. Não vou mais ficar aqui esperando. Começo a me levantar e me preparar para correr.

— O que está fazendo? — Jax estrila. — Fique abaixada!

Um grasnado agudo me distrai e eu olho a tempo de ver Jocelyn ser pega. Maxine solta um pequeno ofego e seu olho bom começa a quicar como uma bola. Jocelyn não vai longe. Eu olho enquanto ela se sacode loucamente, segurando a esgrima, e consegue cortar uma das pernas da gárgula.

— Sim! — Maxine vibra.

A gárgula solta Jocelyn como uma batata quente. Ela cai no chão e bate a cabeça, ao mesmo tempo que a névoa evapora. Nós ficamos olhando, enquanto ela permanece ali deitada, imóvel.

É quando noto que Flora e Harlow são as únicas professoras que não estão dentro de uma bolha. Bem na hora em que estou prestes a gritar "vilãs", percebo que ambas estão petrificadas como duas estátuas, como se estivessem em algum tipo de transe. Preciso tentar escapar. Um, dois...

— Por que Harlow não está ajudando a irmã? — Choraminga uma das damas de companhia da realeza.

— Não sei e não me importo — diz Jax. — Eu só sei que está na hora de nós...

Antes que Jax consiga terminar a frase, vejo asas descendo do céu e nosso grupo se espalha, enquanto Jax é pego. Assim como Jocelyn, ele pega a esgrima, mas a dele cai de seu coldre, junto com seu leal relógio de bolso.

— Jax! — Eu grito, e Kayla chora.

Ela está quase catatônica.

— O que foi que eu fiz? — Ela diz a si mesma, repetidamente, enquanto Maxine esfrega suas costas, preocupada.

Jax reluta para se soltar, mas não consegue. Tudo o que eu posso fazer é olhar, enquanto ele é tragado para dentro da mesma bolha onde estão as princesas. De canto de olho, noto que Harlow está caminhando em direção às princesas imobilizadas e Jax está como se em transe.

Agora é a minha chance. Tenho certeza de que consigo chegar até a porta antes que Harlow se vire, mas Jax... Como posso deixá-lo para trás, se ele me ajudou tantas vezes? Olho para a bolha e nós dois fazemos contato com o olhar. Dá quase para ouvir seus pensamentos. *Você me deve*.

Droga... eu sei, mas o que posso fazer?

Então, vejo Harlow erguer sua esgrima. As damas de companhia da realeza ao me redor dão um ofego.

— Nós temos de ajudar o Jax — Ollie diz, com pressa, e eu o vejo remexendo nos bolsos, em busca de alguns de seus truques mágicos. — Talvez, se eu conseguisse lançar uma bomba de fumaça...

— Esta sala já está bem enfumaçada — eu digo, enquanto Maxine e Kayla começam a chorar. Uma das damas de companhia da realeza entrega seu lencinho para compartilhá-lo com elas. — Dê-me um minuto para pensar.

— Harlow! Pare! — Flora avisa, com um tom severo na voz.

Por algum estranho motivo, Flora não consegue se mover. Será que ela e Harlow estão sob o mesmo feitiço? Se Harlow está escutando, não está dando ouvidos.

— Não — eu ouço Harlow dizer, antes de lançar sua esgrima no ar. Maxine grita quando a esgrima bate na bolha e quica. As gárgulas pulam de empolgação, quando Harlow pega algumas esgrimas largadas no chão e mira outra para a bolha. Desta vez, a esgrima perfura o alto e eu ouço

todos do lado de dentro gritando. Dá para ver Jax pedindo às princesas que recuem o máximo que puderem, até o fundo da bolha. Ela mira novamente. No entanto, agora, uma esgrima perfura a bolha e espeta o braço da princesa Branca. Ela se encolhe no chão e algumas das meninas à minha volta caem em prantos.

— Ela quer pegar a Branca — diz Maxine. — Só pode ser isso. Ela vai continuar tentando, até pegar a Branca — e qualquer um que estiver no caminho.

Harlow arremessa outra esgrima que fura a parte inferior da bolha, acertando o sapato de um aluno. Ele pula de dor. As gárgulas gritam de felicidade. Jax me olha desesperado.

— Eu preciso distrair as gárgulas — digo. — Alguém tem uma ideia de como lidar com essas pragas?

Kayla está tremendo tanto, que receio de que ela passe mal. Então, ela tira do bolso um saquinho com algo roxo.

— Dê-lhes rabanetes. Vão fazer com que caiam no sono.

Não lhe pergunto como sabe disso. Não há tempo.

Ollie agarra o saquinho e começa a distribuir rabanetes. Maxine começa a arremessá-los. Eu fico impressionada com a maneira como uma gárgula pega um deles e enfia na boca. Em um instante, ela está dormindo como um bebê. Logo os outros alunos ao meu redor estão fazendo o mesmo e as gárgulas começam a cair feito moscas. No entanto, isso não detém Harlow.

— Eu preciso fazer o que o caçador deveria ter feito, anos atrás — diz Harlow, num tom monótono. — Lançar um punhal direto em seu coração. — Harlow faz um movimento súbito, na direção de Branca de Neve.

— Harlow, por favor! Lute contra isso! — Flora implora, enquanto Harlow usa a magia para pegar um punhado de esgrimas e lançá-las todas em direção à bolha ao mesmo tempo. Fico olhando, enquanto Jax pula na frente de Branca. *Idiota*.

— O que eu vou fazer? — Pergunto aos outros.

Ollie pressiona os lábios.

— Talvez, se acertar Harlow, consiga romper o feitiço. — Eu o encaro como se ele fosse maluco. — Ei, vale a tentativa.

Harlow começa a entoar uma canção, do jeito que Jocelyn havia feito na recuperação, e percebo que meu tempo se esgotou. Sem opção, corro de esgrima em punho, rezando para que o negócio não me corte enquanto isso.

Harlow vira-se para mim no último momento, e vejo as esgrimas mudando de direção.

— Gilly! — Maxine grita bem na hora em que mergulho no chão e deslizo na direção de Harlow, com toda força, derrubando-a. Cubro a cabeça, enquanto as esgrimas chovem por cima de mim, depois o mundo todo se apaga.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

FURO DE NOTÍCIA!

GÁRGULAS ATACAM O REFORMATÓRIO DE CONTOS DE FADAS NO DIA DE GALA!

por Beatrice Beez

A visita real ao RCF de hoje quase terminou em desastre, quando gárgulas invadiram a escola e jogaram um feitiço na professora Harlow, para que ela agisse segundo a vontade delas.

"As gárgulas surgiram numa nuvem roxa maluca. Todos estavam gritando. Foi uma loucura. Legal, mas uma loucura, cara!", disse Ollie, um aluno. "Eu fiquei com medo", disse Maxine, outra aluna. "Eu achei que Harlow fosse destruir as princesas — e a nós também. É provável que ela o fizesse, se Gilly não tivesse quebrado o feitiço."

Gillian Cobbler, filha do sapateiro da vila e novata no RCF, salvou a pátria. Harlow foi magicamente forçada a lançar esgrimas na direção das princesas e dos alunos capturados. Dizem que ela saiu do feitiço depois que a jovem Gilly derrubou-a no chão. A professora está descansando em seus aposentos e lamenta pelo que aconteceu. "Aquelas gárgulas vão pagar por isso", disse ela, num comunicado oficial.

"O raciocínio rápido de Gilly impediu que as gárgulas nos atingissem", disse a princesa Rose, que foi levemente ferida no ataque. "A princesa Ela e eu somos gratas a essa cidadã por seu ato heroico."

Fontes nos disseram que Rose e Ela não estão muito contentes com a falta de segurança no RCF. Como as gárgulas conseguiram entrar na propriedade da escola? Quem as mandou? Elas foram responsáveis por todos os incidentes que ocorreram ao longo do dia? Um dos tanques de Madame Cleo explodiu durante uma apresentação de dança (ninguém se feriu, mas todos ficaram um tanto molhados), e uma aula de Botânica foi desastrosa, quando ocorreu um ataque de peônias.

Precisamos nos perguntar: será que os alunos poderiam estar por trás de todas essas maldades? "Será que o RCF está transformando os alunos, como alega?", perguntou uma fonte particular do palácio, com acesso privilegiado aos detalhes do ataque, "ou será que essas más ações estão acontecendo porque o local está sendo administrado por vilões?".

Não admira que haja uma preocupação crescente quanto à segurança do tão esperado baile do rcf, que foi oficialmente anunciado no Dia de Gala. A programação previa que o baile acontecesse na semana que vem. "O Esquadrão de Policiais Anões e Branca de Neve estão repassando tudo o que aconteceu e vão nos avisar se é seguro para os nobres — ou para a comunidade — participar do baile de aniversário", disse uma fonte do palácio, quando solicitada a comentar. "Também estamos investigando se o RCF é um local seguro para a juventude problemática de Encantandópolis."

Os pedidos de entrevista com a diretora Flora sobre esse assunto foram negados.

CAPÍTULO 14

Maçã podre

— **A**h, senhorita Gillian. Entre, entre!

Por um instante, tive quase certeza de que estava no lugar errado.

A Rainha Má sorrindo — *alegremente* — e acenando para que eu entrasse em seu escritório.

Estou segurando o bilhete que me entregaram esta manhã, quando fui liberada da enfermaria.

Senhorita Gillian Cobbler — Por gentileza, venha me encontrar para uma reunião, em meu escritório, esta manhã, às dez horas em ponto!
Atenciosamente, professora Harlow

Eu estava certa de que Jax tinha deixado o bilhete de brincadeira, mas a enfermeira disse que era legítimo.

— Ele veio vê-la duas vezes, enquanto estava apagada — disse a moça gnoma, de roupa azul de enfermeira, cujo crachá dizia Natasha, Enfermeira Gnoma Nível 1. — Aldo também ficou tomando conta de você, quando seus amigos não estavam aqui.

Isso foi meio assustador.

— Eu não estou vendo uma Kayla na folha de visitantes. — Natasha disse, quando perguntei sobre a minha colega de quarto. — Só vejo Jax, Ollie e Maxine. Você não acordou durante vários dias! Você arranjou um galo bem feio na cabeça.

— Talvez a Kayla tenha sido internada — eu pensei alto. Ela vinha agindo de maneira estranha no ginásio. Talvez estivesse doente.

Natasha sacudiu a cabeça e seu chapéu pontudo quase caiu.

— Não tem nenhuma Kayla em minha lista, mas você recebeu muitas flores com desejos de melhoras. — A gnoma sorriu e notei que ela tinha apenas quatro dentes. — Você é como uma celebridade nesta escola! Salvando a corte real, da maneira como você fez!

Eu só estava tentando salvar o Jax. Não sabia como a minha honestidade seria recebida por Natasha, então, fiquei quieta e olhei minhas flores. Os buquês ao lado da minha cama eram tão grandes que poderiam ser árvores. O topiário elaborado, em formato de coroa, só pode ter vindo das princesas, e o bilhete anexado confirmou.

Por sua bravura épica — uma recuperação veloz!
— da Corte Real

Havia um pequeno buquê da minha família e alguns outros arranjos de flores do campo, um com flores amassadas que imaginei terem sido colhidas pelas mãos de duende nada delicadas de Maxine. Minha cabeça estava pesada demais para ler todos os cartões. Natasha disse que eu havia sido atingida por um monte de esgrimas de aço que choveram do céu. Meus braços e minhas pernas também estavam cortados.

— Você tem sorte de não ter tido a cabeça arrancada! — Disse Natasha, ao trocar meus curativos, uma última vez. — A professora Harlow perdeu seu mindinho, no meio da confusão, e ele teve de ser costurado de volta.



A professora Harlow me chamou até sua mesa, com a mão enfaixada. Embora eu esteja com roupas de hospital (uma camiseta e calças largas), minha professora está novamente com um de seus trajes de veludo. Aldo deixa o ombro da Rainha Má e atravessa a sala voando, assustando-me ao pousar em meu braço. Eu me retraio, quando ele mergulha as garras em uma das minhas ataduras.

A professora Harlow dá uma risada — uma risada!

— Aldo, sei que você está contente em ver a senhorita Cobbler, mas deixe-a. Ela ainda está se recuperando. Como se sente, criança?

— Tudo bem. — Sinto como se tivesse aterrissado em outras terras com essa conversa.

Talvez ela seja mais feliz em seu escritório do que na sala de aula. Essa sala é mais iluminada, com todas as tochas e os espelhos de todos os tamanhos e formatos, com a parede lilás. Há uma convidativa poltrona de veludo roxo junto à lareira, que tem uma pedra repleta de livros de autoajuda e na outra parede tem uma penteadeira com vários frascos e produtos de beleza. Eu noto que o espelho dourado que ela mantém num estojo de vidro foi trazido para seu escritório, junto com a gaiola de pedrarias de Aldo. A Rainha Má está sentada atrás de sua escrivaninha, olhando-me de modo afetuoso.

Muito estranho.

— Lamento por ter pedido que você viesse diretamente da enfermaria — diz Harlow —, mas esse assunto não podia esperar. — Ela sorri, seus lábios pintados de um roxo profundo se curvam nos cantos de seu rosto bem maquiado. — Eu lhe trouxe aqui, esta manhã, para agradecer-lhe pessoalmente.

Eu quase caí da cadeira que, devo dizer, é tão baixa, que preciso olhar para cima, para a mesa de Harlow. Fico imaginando se ela mantém a cadeira posicionada dessa forma de propósito.

— Perdão?

— Você não apenas salvou as princesas, mas também me salvou de me tornar novamente a Rainha Má. — Harlow dá um sorriso raro. — Minha irmã estaria órfã neste momento, se você não tivesse me impedido de ferir alguém, no Dia de Gala e, por isso, eu lhe agradeço.

Assim como aconteceu com Natasha, agora talvez não seja a hora de mencionar que eu só estava tentando salvar Jax. Quanto a todos os outros, foi apenas uma coincidência feliz.

— Devo dizer de nada? — Eu pergunto, uma vez que nunca ouvi a professora agradecer a ninguém, por nada.

— Por isso eu lhe trouxe aqui, diretamente de sua convalescença. Eu queria ser a primeira a elogiar seu abnegado ato de bravura. Nós estaríamos lendo um pergaminho bem diferente esta semana, se você não tivesse quebrado o feitiço que me envolvia.

Eu me inclino para a frente, intrigada. Natasha guardou alguns dos pergaminhos para que eu lesse quando acordasse. Ela disse que seria mais fácil, para que eu entendesse o que havia acontecido nos últimos dias, se eu mesma lesse.

— Sabe quem lançou esse feitiço, ou quem enviou as gárgulas? Por que tantos acontecimentos sabotaram o Dia de Gala? Acha que a Gottie está por trás disso? O senhor Harding sumiu, assim como a sua família...

O rosto de Harlow fica enevoado.

— Não vejo sentido em brincar de jogos de adivinhação, senhorita Cobbler — ela estrila. — Pode ficar tranquila, a diretora Flora está trabalhando com a equipe para descobrir quem está por trás desses atos e quem pode ter enfeitiçado alguém tão poderoso quanto eu.

Isso é outra coisa em que eu não tinha pensado. Quem poderia jogar um feitiço na Rainha Má?

Harlow gira uma longa corrente de ouro, com um amuleto pendurado em seu pescoço.

— Por isso a diretora Flora não está em nossa reunião hoje. Ela, Cleo e Lobão me pediram para falar em nome deles.

— Falar em nome deles? — Eu subitamente me sinto inquieta.

Squack! Aldo confirma minha confusão.

A cruel madrasta é quem administra esta escola. Ela é quem mandou meu aviso de matrícula e me acompanhou até a recuperação. Se tenho de lidar com alguém aqui, quero que seja ela.

— Você não está com problemas, senhorita Cobbler. — Harlow ajusta sua tiara, que estava ligeiramente torta, desde que eu entrei. — Ao contrário. Eu tenho boas notícias para lhe dar. Embora esteja aqui há apenas duas semanas — três, se contar quase uma semana que passou na enfermaria — de seu tempo requerido aqui, suas demonstrações de bravura comprovam que você está mais modificada do que qualquer um de nós imaginou. Somente alguém que está de fato pensando nos outros faria o que você fez. Desse modo, Flora e eu gostaríamos de lhe oferecer uma liberação antecipada do programa.

Eu sinto como se alguém tivesse acabado de arrancar minha cadeira de debaixo de mim. Eu dou um pulo.

— Sério?

— Você pode ir para casa — minha professora traduz. — Imediatamente.

Isso não faz sentido nenhum.

— Mas a diretora Flora disse...

— Eu sei o que Flora disse. — A voz de Harlow se retrai. — Você tomou bomba no Reformatório de Contos de Fadas de certa forma, e isso é bom! — Ela ri, mas soa falso. — Eu já até mandei um pergaminho aos seus pais, para que saibam que podem vir buscá-la.

Meu coração dispara. Eu vou para casa? Hoje?

— Infelizmente, seus pais estão fora da cidade por alguns dias, numa convenção de sapateiros, mas disseram que voltarão direto para casa e devem estar aqui até sexta-feira à tarde.

— No dia do Baile do RCF? — Eu pergunto. Natasha me contou tudo sobre a fofoca de deixarem ou não que a escola tivesse o baile.

O sorriso da professora Harlow se alarga.

— Ora, sim. Não achei que você ligasse para algo tão tolo quanto um baile, quando pode ir para casa, para Hamish, Han, Trixie, Felix e Anna.

Eu me remexo. Não gosto que ela saiba seus nomes, mas estou desesperada para vê-los.

— Então, quer dizer que elas terão o Baile do RCF, mesmo depois de tudo o que aconteceu? — Eu pergunto. — E quanto à segurança? Os *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* disseram esta manhã...

— Eu sei o que os pergaminhos disseram! — A voz de Harlow retumba e as tochas de sua sala enfraquecem. Aldo se apressa até sua gaiola e eu fico olhando a expressão no rosto da professora transformar-se em algo sinistro. Contudo, a sala rapidamente clareia e a Rainha Má está dando seu sorriso estranho. — Eu só quero dizer que estamos bem cientes dos exageros do pergaminho. Um baile será realizado e mais tarde vou liberar uma declaração para dizer a toda Encantadópolis que eles não têm nada a temer se comparecerem. De fato, senhorita Cobbler. Você já fez o bastante para ajudar nossa escola e a mim. — Harlow dá um petisco a Aldo e ele pega de sua mão. — Vá para casa, para sua família, e aproveite sua vida.

A previsão de Madame Cleo surge num lampejo em minha mente, mas rapidamente a afasto. A professora Harlow está certa. Não posso mais me preocupar com o que está acontecendo no RCF, ou com Jax, Kayla, Ollie ou Maxine. Eles sobreviverão. Eles me deixariam de lado, se tivessem a chance de partir. Minha família é mais importante. Anna não escreveu, o que significa que ela ainda está zangada, ou faminta, ou desesperada. Penso em Han chorando de fome e quero sair correndo do escritório da Rainha Má. Minha lealdade é a eles.

Sou uma ladra, pura e simples, e meu lugar é em casa. Não no Reformatório de Contos de Fadas.

— Agora, basta que você assine estes formulários. — Harlow empurra um pergaminho comprido para o outro lado da escrivaninha, junto com uma pena preta comprida. Tento ler as palavras, porém, elas são miúdas demais. — Apenas a papelada habitual para liberação, claro, dizendo que você nunca mais terá permissão para atravessar o território da escola, ou conversar com alunos sob nossos cuidados.

Essa é uma cláusula esquisita para constar de um formulário de liberação escolar. No entanto, assino mesmo assim.

— Boa garota! Excelente! — Harlow enlaça as mãos no colo e me dá um sorriso questionável. — Você logo se esquecerá totalmente deste lugar.

CAPÍTULO 15

Certo, errado e mais ou menos

— Lá está ela! — Maxine grita, enquanto eu caminho até o refeitório, para meu penúltimo jantar aqui. — Heroína do RCF!

Eu? Heroína?

Nunca imaginei que alguém usaria essa palavra para me descrever, porém, aqui estou eu, segurando minha bandeja de jantar, e centenas de alunos de todo tipo estão subitamente me aplaudindo, dando vivas. O som ecoa pelo salão de teto alto e aquários. O lado esquerdo do salão é menos agitado (Você já viu um ogro comer? Eles não são apenas bagunceiros, mas quebram os pratos em todas as refeições!), e é onde eu encontro meus amigos fazendo a aclamação mais ruidosa. Maxine, Ollie e Jax acenam me chamando para uma mesa redonda, com uma pilha de comida em cima.

— Estamos muito felizes por você estar bem — diz Maxine, apertando-me com uma força ligeiramente excessiva, arrebentando uma das minhas ataduras. — Ops! Desculpe-me. Quer que eu pegue seu jantar para você? Fique sentada bem aí. — Ela quase me joga no meu lugar. — O que você quer? — Ela acena, com a mão grande e peluda. — Não importa. Vou pegar de tudo para você! Você precisa ter energia, se vai se preparar para o Baile do RCF.

Por uma fração de segundo, meu coração murcha. Semana passada, a Maxine e eu estávamos falando sobre o que vestiríamos para o baile. Jax tinha se oferecido para ensaiar alguns passos comigo e Ollie até disse que nos acompanharia, Maxine e eu, pessoalmente. Agora, eu não estarei lá.

— Você soube que eles conseguiram a banda Gnomo-Mais? — Ollie pergunta. — Os Duendes de Fogo ficaram meio assustados, quando ouviram o que estava acontecendo. — Ele abana uma perna de peru, enquanto fala. — Não dá para condená-los. Do jeito que este lugar está indo, eu não ficaria surpreso se a festa inteira ardesse em chamas. Ainda bem que temos a Gilly aqui, para nos salvar novamente.

Sinto meu corpo se retesar. Ollie está fazendo uma piada, como sempre faz, mas a premonição da Madame Cleo paira acima da minha cabeça. Eu olho para o rosto sorridente dos meus amigos e não sei como dizer a eles que estou indo embora.

Você está pensando demais, Gilly, eu digo a mim mesma. *Eles vão entender.*

Quando Maxine se afasta para buscar meu jantar e Ollie volta para repetir, Jax aproxima sua cadeira da minha. Dá para sentir o cheiro do sabonete de lavanda que ele deve ter usado no banho. Eu nunca fiquei tão feliz em vê-lo.

— Você está bem? — Ele pergunta. — O Ollie estava só brincando.

— Estou um pouquinho cansada — eu minto. Agora estou mentindo para o Jax também e isso faz com que eu me sinta mais terrível que tudo. — Onde está Kayla?

O rosto de Jax fica sério.

— Eu quase nem a vi, desde o Dia de Gala. Maxine tentou fazer com que ela fosse visitá-la, mas Kayla disse que estava doente. Algo está decididamente errado com aquela garota. Você falou com ela?

Eu sacudo a cabeça.

— Ela não estava em nosso quarto quando eu voltei esta tarde. — Ela nem deixou um bilhete de "boas-vindas" em nosso quadro-negro mágico. Acho que Kayla não sentirá minha falta, quando eu partir.

— Então, eu lhe devo outra vez, gatuna — Jax diz, com um sorriso. — Obrigado por me salvar.

— Bem, eu não poderia deixá-lo passar o dia todo numa bolha, mesmo que parecesse que você estava tentando salvar a realeza — eu provoco. Jax não diz nada. Eu me aproximo mais, para que ninguém me ouça. — Mas eu me sinto meio mal por ficar recebendo este tratamento de estrela do rock. Todo mundo está agindo como se eu tivesse salvado a escola, quando, na verdade, só estava tentando salvar você! Até a professora Harlow me agradeceu. — Jax ergue as sobrancelhas. — Ela me deu uma dispensa antecipada pela minha bravura. Estou saindo daqui na sexta-feira.

— Você foi liberada? — Ele cochicha, dando uma garfada no creme de figo, antes de atacar o faisão assado que temos esta noite. As fadas ajudantes de garçom passam voando por entre as mesas, trazendo mais guardanapos e temperos, e levando a louça suja. Todos estão sorrindo para mim, exceto Jax. — Como? Você só está aqui há três semanas.

Sinto um aperto no peito.

— A professora Harlow disse que eu me provei.

— Você não acha nada de estranho nisso? — Pergunta Jax. — Em um ano inteiro que estou aqui, a Rainha Má nunca dispensou ninguém mais cedo por bom comportamento. Agora, ela escolhe você, uma menina que lutou contra a irmã dela, para mandar de volta para casa, na véspera do baile? Por quê?

Eu fecho os olhos para bloquear o riso no salão e o som de talheres batendo em pratos de cobre.

— Não quero pensar nos motivos — eu estrilo. — Não me importa o que acontece aqui. Só quero ir para casa. Minha família precisa de mim. — Abro os olhos e vejo o rosto sério de Jax.

— Você já pensou que esta família precisa de você também? — Jax pergunta, baixinho.

— Eu não quero ouvir isso. — Empurro a cadeira para trás e saio depressa do salão. Ouço Jax me chamando, mas não me viro. Quando chego ao corredor, ele me alcança e me pega pelo braço.

— Você e eu temos de conversar — ele diz, com uma voz rude, e começa a me puxar pelo braço, por um novo corredor que surge à nossa frente.

— Não me importa o que você tem a dizer — eu reclamo, retraindo-me, quando ele toca sem querer num dos meus curativos. — Eu preciso arrumar minhas coisas!

— Você só tem três coisas. Não vai demorar. — Eu nunca o ouvira falar comigo dessa forma. Estou tão aturdida, que o deixo me levar diretamente até uma estante de livros e fico olhando, enquanto Jax procura alguma coisa por entre os livros grossos de autoajuda. *Chega de bruxaria, O único feitiço necessário é o amor, O guia de um feiticeiro para a melhora pessoal* e o livro predileto de Anna, *Ninguém me mantém numa torre*, um guia para a fuga, escrito pela própria Rapunzel. Jax puxa *Lições de vida do lamaçal* e a estante inteira começa a recuar e revela um jardim, no meio do castelo.

— Epa — eu digo, enquanto Jax me puxa para dentro. Esse deve ser o local onde o pessoal do refeitório cultiva ervas e legumes frescos. Não estou surpresa que eles tenham mantido o lugar escondido. Alguns de meus colegas de turma têm um apetite insaciável. Ele fecha a estante atrás de nós. Meu nariz fareja manjericão e hortelã que crescem ao lado de rabanetes, tomates e repolho.

Jax vira-se para mim.

— Eu a trouxe aqui para que a gente possa conversar sem que ninguém nos ouça. — Ele respira fundo. — Há algo que você precisa saber antes de ir embora, e só vou contar porque sei que posso confiar em você. — Seus olhos cor de violeta brilham sob a luz fraca. — Eu tentei mantê-la fora disso, mas você é esperta demais para não enxergar o que está acontecendo à sua frente. Você é uma lutadora, Gilly, e eu poderia usar alguém como você ao meu lado.

— Ao seu lado? Do que está falando? — Ele parece um maluco.

— Naquele dia em que nos encontramos, quando eu estava fugindo daqui... você nunca se perguntou por que eu não consegui? Por que cometi um erro tão óbvio com o alarme?

Meu sorriso desaparece.

— Eu precisava fazer parecer que estava tentando fugir, mas a verdade é que tenho motivos para ficar por aqui. — Jax subitamente parece bem mais sábio. — Estou sob disfarce.

Eu começo a rir com tanta força, que a minha barriga dói.

— Está nada. — Jax não sorri. Eu paro de rir. — Você está?

— Para a família real — ele diz, simplesmente. — Na verdade, eu sou um deles.

— *O quê?* Você não é um nobre — eu disparo. Sinto um bolo se formando em minha garganta. — Você foi criado numa fazenda. Você disse que fugiu.

Jax arranca um ramo de manjericão.

— Isso era parte do meu disfarce. Esta escola é um reformatório. Eu precisava fazer com que as pessoas acreditassem que eu detesto os nobres, tanto quanto qualquer um, porém, a verdade é que eu sou irmão de Rapunzel.

Sinto as mãos começarem a tremer.

Ele é um *deles?*

— Há muito tempo, desconfiamos que existe um traidor dentro do castelo — Jax me diz. — Já passamos por muitas situações de perigo com as princesas para não pensar que alguém está passando informação aos vilões.

— Vilões? — Imagens de três pessoas surgem em minha mente. A Gottie, captora de Rapunzel (os *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* uma vez publicaram o que alegavam ser uma imagem mal tirada dela, e disseram que o fotógrafo foi morto ao tirar a foto); Alva, bruxa de Branca de Neve, é a malvada que imagino em seguida, mas ninguém ouve falar dela há uma década. Aposto que ela é até pior que Gottie, depois tem o Rumpelstiltskin, o mais capcioso e perigoso de todos. — Você ouviu a Flora — eu digo. — Ninguém os vê há anos.

— Eles estão por aí ganhando tempo, até que possam ressurgir. Quem você acha que mandou aquelas gárgulas para a escola? Eles estão atrás de alguém ou de alguma coisa no RCF — Jax diz, e eu sinto um arrepio percorrer meu corpo. — Nós só não sabemos o motivo. Será que Flora e os outros professores estão trabalhando com eles? Com quem Flora estava se encontrando naquele dia em que

nós a vimos, na Floresta Profunda? Será que Harlow voltou a ser má? Aquele transe que ela teve foi perfeito demais. Quem poderia colocar um feitiço na Rainha Má?

Jax arranca um raminho de alecrim do galho.

— Foi ideia do meu pai colocar alguém perto dos vilões para saber o que está acontecendo. — Ele sorri. — Que lugar melhor para fazer isso do que o RCF, no meio de ladrões e bandidos? Faz um ano que eu tenho me envolvido em confusão suficiente para me manter por aqui, sem que os alunos desconfiem. E o fato de parecer não ligar para ninguém, exceto eu mesmo, ajuda, não? — Ele sorri. — Eu enganei você, não?

Não acredito nisso. Ele me enganou! Agora faz sentido... suas habilidades de dançarino, o nome real (quem tem um nome como Jackson?) e o jeito como ele estava sempre disposto a fazer coisas nobres. Eu achei que nós fôssemos amigos, mas amigos não guardam segredos tão importantes assim.

— Mas você não age como um nobre! Você não é mimado. Você não é egoísta. Você não é... nobre!

— Não somos todos feitos do mesmo molde, Gilly. — De alguma maneira, seus olhos cor de violeta parecem mais profundos. — A esta altura, você deveria saber disso.

Eu abaixo a cabeça envergonhada, pensando em todas as coisas ruins que falei sobre os nobres na frente dele. Sinto-me uma tola. Se Jax é nobre e é um cara tão legal, que abriu mão de ir à Academia para perambular pelo RCF e ajudar sua família, será que eu também estou errada sobre outros nobres? Minha cabeça dói só de pensar.

— Se você é nobre, as pessoas não sabem que você é irmão da Rapunzel? As princesas nem mesmo lhe deram uma segunda olhada no Dia de Gala. Você deixou que *eu* as salvasse.

— E minha família é muito grata por isso. — Jax passa a mão nos cabelos cor de milho. Como o milho que agora eu sei que ele obviamente não planta. — Você me salvou de delatar meu disfarce, mas, não, as princesas não sabem quem eu sou. Antes do RCF, eu estava distante, no colégio interno, desde os cinco anos. As princesas não me reconheceriam, nem se tentassem, e Rapunzel, bem, ela passou todo aquele tempo trancafiada na torre. Faz anos que ninguém me vê em território da realeza. — Ele me olha com cautela. — É quando você entra. Eu tenho observado você durante as últimas semanas. Você tem habilidades para sair de situações difíceis e lutar com fogo, usando fogo. Você poderia me ajudar a deter os vilões aqui de dentro. — Eu lanço um olhar fulminante. — Eu estou falando sério! — Ele protesta. — Você odeia os nobres. Nenhum dos professores desconfiaria que você está trabalhando para eles.

Sem. Chance.

— Eu tenho a minha família com quem me preocupar. Não dou a mínima para o que acontece com a realeza.

— E não se importa com o que acontece com *este* nobre? — Ele pergunta baixinho. — Achei que nós fôssemos amigos.

Será que o Jax realmente me considera uma amiga? Faz bastante tempo que não tenho um amigo que não seja meu parente. Há tempos que só tenho a minha família.

— Você não é a primeira a me odiar por causa do meu título — ele acrescenta, enquanto uma brisa balança os legumes da horta. — Isso não diz nada sobre quem eu sou. Eu me importo com a

minha família, tanto quanto você, e quero deter esses vilões, antes que eles possam destruir nosso reino.

— Pronto, chega. — Eu reclamo. — Eu posso ir embora. Esta semana! Dar o fora daqui e ir para casa, onde minha família está segura. Por que eu deveria ficar e ajudar você?

— Se acha que eles vão parar na nossa escola, você está errada — diz Jax, de maneira sinistra. — Mesmo que você não ligue para Kayla, Maxine, Ollie ou outros garotos daqui, pense em sua família. Eles não estão seguros, até que possamos deter os vilões.

Anna, Han, Hamish, Felix e Trixie. Cinco motivos para não ir para casa imediatamente.

E cinco motivos para ficar e ajudar Jax a lutar.

— Você é uma ladra. Eu sou um mentiroso. Pense em todos os garotos daqui, que poderíamos conseguir para nos ajudar. Nunca mande um herói fazer o trabalho de um vilão. — Jax sorri malicioso. — Esse é um trabalho para tipos como a gente, você sabe disso.

Em Encantadópolis, eu não confiaria em Jax, nem um pouco. No entanto, dentro do RCF, talvez a pessoa possa de fato ser diferente de quem você acha que é.

— Tudo bem, digamos que eu decida ficar e ajudar você, por um tempinho — e ainda não sei se vou ficar. Por onde começamos?

Jax expira devagar.

— Com sua colega de quarto.

— Kayla? Por quê?

— Você é uma ladra. Observe os sinais — diz Jax. — Sua colega de quarto está escondendo alguma coisa e eu tenho a impressão de que isso tem a ver com o que aconteceu no Dia de Gala. Você viu o modo com que ela desmoronou no ginásio. Ela sabe quem está por trás disso. Tenho certeza. De que outra maneira ela saberia deter as gárgulas? — Ele pega um punhado de rabanetes e enfia no bolso. — Acho que podemos chegar lá por meio dela. Temos de conseguir.

Todas as ausências inexplicadas, as doenças, o jeito tão irritadiço de Kayla. Talvez Jax tenha razão.

— Primeiro, teremos de encontrá-la. Ela não estava no alojamento, nem no jantar. Os pégasos estão sem levantar voo desde o Dia de Gala. Onde ela pode ter se entocado?

— Se eu tivesse feito besteira e não quisesse ser encontrada, eu iria ao último lugar onde qualquer um esperasse me encontrar. — Jax pensa por um instante. — Qual é a aula que Kayla mais detesta?

— Observação estelar — eu digo. — Talvez ela esteja no observatório.

— Está vendo? — Jax diz radiante. — Você já está ajudando. — Ele sai da horta através da estante e acena para Gilly acompanhá-lo por dentro das paredes traiçoeiras do RCF.

Eu olho o corredor, na direção do desconhecido, torcendo pelo melhor, mas esperando pelo pior. Todos nós fizemos coisas bem ruins, para sermos jogados aqui dentro. Nada tão ruim quanto tramar com um vilão, mas Kayla talvez esteja à procura de uma amiga para tirá-la da confusão em que se meteu. Será que essa amiga poderia ser eu?

Alguns minutos depois, Jax e eu entramos na sala em formato de abóboda. Do lado de fora, o sol está se pondo e o céu está pintado de vermelho, laranja e amarelo. A sala está fria e as tochas, apagadas, dando ao espaço aberto uma impressão agourenta. Os telescópios estão posicionados perto

das janelas. Gráficos e mapas estelares estão enrolados em cadeiras vazias, e tabelas de Astronomia e constelações pendem pelas paredes, como se fossem pinturas. Andaimes perfilam uma parede, onde alguém está instalando medidas mágicas de segurança extra.

— Kayla, você está aqui? — Jax tenta. — Gilly e eu queremos falar com você. — Silêncio. Jax franze o rosto. — Talvez estivéssemos errados. Ela não está aqui.

Eu olho para o alto. Um duto acima de nós está sem grade. Penso em como Jax e eu passamos por uma grade igual a essa, no dia em que fomos pegos pelas gárgulas.

— Talvez ela esteja lá em cima. — Jax abre um sorriso, revelando uma covinha na bochecha esquerda que eu nunca tinha notado.

— Eu gosto do jeito como você pensa, "ladroninha". — Ele empurra o andaime para o lado, até o buraco do teto, e começa a subir. Eu vou atrás. Em segundos, estamos lá no alto, olhando dentro do duto escuro. Eu só consigo ver um par de sapatilhas.

— Kayla? — eu chamo. Os sapatos se movimentam levemente. — Nós sabemos que você está aqui. Podemos conversar?

— Não. — A voz dela é áspera.

— Vamos esperar por você — Jax diz a ela. — Temos a noite inteira. Nós já fechamos a saída do duto para que não haja risco de fuga. — Ele pisca para mim.

Pensamento rápido.

Ouço Kayla suspirar, depois o som de joelhos se deslocando pela tubulação. Quando ela chega perto, vejo que seus cachos dourados estão particularmente escuros, emoldurando seus olhos cor de âmbar. Ela estende uma mão trêmula e Jax a ajuda a sair. Suas asas espetam para fora e tremulam, enquanto o andaime balança embaixo de nós. Ela estende as mãos.

— Vão em frente — ela diz. — Podem me entregar. — Jax e eu nos olhamos. — Eu sei que vocês descobriram o que estou fazendo. — Ela me olha de modo acusador. — Por que acha que eu tenho evitado você?

Se Kayla acha que nós sabemos exatamente o que ela fez, talvez possamos conduzir essa conversa de modo que seja vantajosa para nós.

— Eu tenho observado você desde o dia em que cheguei — eu minto, torcendo para que Jax me acompanhe. — Nós sabemos que você está por trás do ataque das gárgulas e tudo o que aconteceu de errado no Dia de Gala.

Uma única lágrima escorre no rosto dela.

— Eu não queria que ninguém se ferisse — ela me surpreende. — Gottie disse que deixaria os garotos em paz.

Gottie. Jax me dá uma olhada.

— Se você confessar tudo para a gente agora, talvez possamos fazer com que Flora e o Esquadrão Anão peguem leve com você.

Kayla assente tristonha.

— Eu sei que o mundo vê Gottie como o monstro que praguejou a Bela Adormecida, mas, quando eu perdi minha família para Rumpelstiltskin, ela foi boa para mim, quando ninguém mais foi. Eu tinha sido flagrada por voar sem licença, uso ilegal de mágica e lançar feitiços de amor em gente que se odeia. As pessoas da vila não acreditavam numa palavra que saía da minha boca.

Eu penso no que aconteceria comigo nessa mesma situação. Meu pai pode não me adorar, mas ele não me deixaria ao relento, assim como ninguém em nossa vila.

— Conte-nos a verdade — você sabe por que o Rumpelstiltskin levou sua família embora?

Kayla segura firme no andaime.

— Porque eu pedi a ele. — Eu fico momentaneamente estarrecida. — Eu não sabia o que estava fazendo, está bem? Implorei ao Rumpelstiltskin que fizesse a minha mãe esquecer o que eu havia feito, para que eu não precisasse ir para o RCF. Eu não sabia que ele apagaria a memória da minha família, para que eles sequer se lembrassem de mim. Eu deveria saber que a ajuda dele teria um preço.

— O Rumpelstiltskin usa as pessoas para conseguir o que ele quer — Jax diz, melancólico.

— Por isso eu saí em busca de Gottie. — Kayla seca o nariz na manga da camiseta do uniforme de ginástica, que ela ainda está vestindo. — Eu sabia que alguém com uma magia tão poderosa conseguiria romper a maldição de Rumpelstiltskin. — Suas asas tremulam ligeiramente. — Ao encontrá-la, foi como se ela estivesse me esperando. Ela me ofereceu abrigo e uma refeição quente, e tentou me ajudar.

— Ela disse que, se eu concordasse em ir para o RCF e ser sua espiã, então, encontraria um meio de romper meu acordo com Rumpel. Desde então, venho tentando agradá-la. — Kayla me olha triste. — Eu só estava tentando ter minha família de volta — ela chora. — Eu não tinha a intenção de machucar ninguém. Por isso estou sempre tentando ajudá-lo a fugir, Jax. Achei que poderia distanciar as pessoas mais próximas de mim, antes que algo ruim acontecesse.

— E eu fui uma boa cobertura para você — eu digo, ao perceber. — Flora estava marcando você em cima. Ao levar uma garota nova para conhecer os arredores, você poderia aparecer em mais lugares, sem que ninguém notasse, certo?

— Sim — Kayla admite e suas bochechas ficam vermelhas como um pimentão. — Mas, mesmo que você estivesse aqui, quando o plano de Gottie fosse executado, eu não deixaria que ela machucasse você. Eu juro!

— Do mesmo jeito que você não teve a intenção de que as gárgulas me atacassem, e ao Jax, ou que todos nós quase fôssemos mortos no ginásio — eu digo.

— Eu sabia que vocês ficariam bem. Gottie ainda não tem força para lançar um feitiço tão grande quanto ela gostaria. — As asas de Kayla tremulam mais depressa. — Por isso ela precisa que Harlow e os outros trabalhem com ela. Ela vem tentando converter Harlow, desde que eu cheguei aqui. Acho que ela conseguiu. No entanto, os outros, eu não sei. Ela não me dá muitos detalhes.

— O que você quer dizer com ela não tem força suficiente? — Eu pergunto.

— Ela quer apagar totalmente a memória de todos de Encantadópolis — Kayla explica. — Se ela e as pessoas com quem ela estiver trabalhando lançarem um feitiço, todos acreditarão que os vilões governam o reino. Os nobres vão desaparecer quando ela incendiar a escola — ela diz, com a voz rouca. — Ela queria fazer isso no Dia de Gala, mas Gilly ferrou tudo. — Kayla olha para mim. — Agora, ela sabe quem você é.

Minha família, minha casinha. Jax estava certo. Eu poderia correr, mas eu não poderia me esconder por muito tempo, se Gottie de fato fosse atrás de nós. Eu precisava ajudar.

— Como podemos impedi-la?

— Gottie está obcecada por fazer com que a maldição aconteça no baile, porque a corte real estará reunida — Kayla nos conta. — Ela não vai falhar duas vezes, motivo pelo qual está tão desesperada para obter ajuda interna. Ela já tem Harlow. Sua esperança é converter Flora, em seguida. Não sei se ela conseguiu, porém, ela se reuniu com Lobão. Se ela o converter, Cleo virá em seguida, então, eles terão uma equipe tão poderosa que ninguém poderá detê-los.

— Nós podemos.

Eu olho para baixo. Maxine e Ollie estão em pé, embaixo do andaime.

— Estamos seguindo o rastro de vocês desde o canteiro de legumes — Ollie grita acima, para nós. — Eu fiz um truque com as cartas, com uma das fadas do refeitório, enquanto Maxine roubava sua chave do corredor que vocês seguiram, e que trancou depois que vocês passaram. — Ele aponta para Jax. — Cara, por que você não me disse que era nobre? Estou maluco para conhecer a sua irmã!

— Você é nobre? — Kayla tem um ataque.

Jax estreita os olhos para Ollie e começa a descer.

— Como você soube disso?

Maxine aponta para suas imensas orelhas de duende.

— Essas belezinhas são supersônicas. Como você acha que eu ganhava uns trocados vendendo fofoca para os *Pergaminhos de Felizes Para Sempre?* — Seu olho bom olha para baixo. — Bem, até que eles descobriram que eu estava inventando metade das coisas.

Então, é por isso que a Maxine está aqui!

— Nós não vamos contar para ninguém. — Maxine dá um sorriso de lado. — Contanto que vocês deixem a gente ajudar.

— Cara, eu sou um gênio para fazer armas com hastes de cortina. — Ollie começa a pular. — Deixe-me ajudá-lo a dar uma coça nessas gárgulas!

Jax está bem mais sério.

— Isso não será fácil. Estamos contra a pior corja de Encantadópolis e possivelmente todos os nossos professores. Gottie não vai ligar para o fato de que somos crianças. Se fizermos besteira, estamos fritos.

Ollie é o primeiro a estender seu pequeno punho no meio da roda.

— Então, é melhor estarmos prontos para a briga. Quem está comigo? — Jax põe a mão em cima da mão de Ollie. Maxine e Kayla rapidamente colocam as mãos também. Elas olham para mim. Ver a mão de Kayla me faz hesitar por um momento.

No entanto, preciso me lembrar: isso é muito maior do que os meus sentimentos em relação a Kayla. Por fim, ponho a mão sobre as mãos deles.

— Como Harlow gosta de dizer, mantenha seus amigos por perto. Mantenha seus inimigos mais perto ainda. Vamos fazer isso.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

FURO DE NOTÍCIA!

O Baile do Reformatório de Contos de Fadas está CONFIRMADO!

por Beatrice Beez

Depois do Dia de Gala, uma festança de aniversário no RCF parecia fora de questão, mas nós não poderíamos estar mais enganados!

"O baile de aniversário vai acontecer e toda Encantadópolis está convidada", a diretora Flora nos disse, com exclusividade. "Nós nos recusamos a deixar que nossos temores atrapalhem nosso modo de comemorar cinco anos de sucesso." A diretora convocou a famosa banda Gnomo-Mais para tocar e o bufê será da Pesca do Dia. "Eu digo aos nossos alunos que a melhor maneira de enfrentar o medo é encará-lo e pretendemos fazer isso", diz Flora. "Esse será o baile mais empolgante que Encantadópolis já viu."

Embora o castelo não tenha feito comentários, nossas fontes nos dizem que as princesas participarão. "Elas não estão felizes que Flora esteja prosseguindo com os planos, mas, o que podem fazer?", disse uma fonte anônima de dentro do castelo. "Se os nobres não aparecessem, seria o mesmo que transmitir uma mensagem negativa a Encantadópolis. Nesse caso, Flora praticamente os deixou num beco sem saída."

A diretora diz que a segurança será reforçada e a escola está em processo de instalação de novos amuletos protetores, incluindo o A Sorte é Sua 3.000, um dos amuletos mais poderosos a serem usados por uma instituição pública. O número de convidados será limitado a trezentos, portanto, cheguem aos portões do RCF o mais depressa que puderem, para garantir seu lugar!

NOVO BOLETIM, ÀS 15H25:

O castelo confirmou que as princesas vão participar da dança no Baile do RCF! "Nós concordamos com a diretora Flora de que o medo jamais é uma opção", disse a princesa Branca de Neve, em comunicado oficial. (Hum... essas declarações costumam ser feitas por Ela. Será que Ela está abalada por essas novidades do RCF?) "Como sempre, nós apoiamos a diretora Flora em seus empreendimentos e estamos todos orgulhosos com tudo o que o RCF já alcançou. Ficamos honradas em ser as primeiras a confirmar o RSVP." Segundo o espelho porta-voz da escola, dezentos e quarenta e cinco pedidos de convites já foram distribuídos. Vá para os portões agora, se você quiser um dos cinquenta e cinco convites restantes!

CAPÍTULO 16

Não há lugar como o lar

Senhorita Gillian Cobbler — seus pais virão buscá-la no lobby do RCF na sexta-feira, às treze horas, em ponto! Por favor, junte suas coisas e encontre-os lá. Obrigada por sua estadia no Reformatório de Contos de Fadas.

— Professora Harlow

Às treze horas em ponto, caminho até o lobby do RCF para encontrar meus pais. Já ensaiei o que direi a eles mil vezes, mas ainda estou nervosa. Se a professora Harlow ou a diretora Flora estiverem lá para me acompanhar até a saída, então, meu pedido para ficar nunca vai dar certo. Ainda bem que quando chego ao lobby não vejo nenhuma delas. O lugar está fervilhando de duendes e de fadas da equipe de limpeza que estão pendurando banners com o emblema da escola, tirando pó das estátuas e deixando tudo brilhante. Dá para ouvir Miri dando ordens de um espelho com pedrarias acima da lareira.

— Você não limpou um cantinho naquele relógio! Afofe o tapete outra vez. Estou vendo poeira no ar? Eu não deveria ver nenhuma poeira no ar.

Eu quase derrubo um duende que está baixando um banner que diz "*Demonstrem* Gratidão às princesas!". Maxine se gabou dizendo que faria disso uma arte.

— Cuidado! — O duende me dá um peteleco com o espanador de penas.

— Desculpe-me! — Eu passo apressada por ele, para evitar ser vista por Miri e quase trombo em meus pais, na porta da frente.

— Gillian! — Minha mãe joga os braços ao meu redor e eu sinto seu cheiro familiar de couro, do qual comecei a sentir falta. — Você está bem? — Ela toca minha cabeça e examina meus braços ainda enfaixados, procurando sinais de que nada havia se quebrado. — Quando nós vimos os *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* sobre o Dia de Gala, ficamos muito preocupados.

— Eu estou bem — digo, sentindo-me pior agora que minha mãe está aqui, na minha frente. — Como estão todos? — Estou com medo de dizer os nomes dos meus irmãos em voz alta, porque isso vai dificultar ainda mais o que estou prestes a dizer. *Eu não vou para casa*.

Alguém põe as mãos em cima dos meus olhos.

— Surpresa!

— Anna? — Eu disparo. Minha irmã destampa meus olhos e eu vejo que ela está diante de mim, com um uniforme de sapateira, como o da minha mãe. Ela parece mais alta do que semanas atrás (seria possível?) e eu sinto o cheiro de seu cabelo, com perfume de Rapunzel ("Ele borbulha e tem um cheiro maravilhoso! Igual a mim!", Rapunzel diz no comercial). Ao redor de seu pescoço, Anna

está com uma medalhinha que eu roubei — quer dizer, comprei — em seu aniversário passado. — O que está fazendo aqui?

— Anna ficou muito orgulhosa. Ela não pôde esperar até que você chegasse em casa para vê-la! — Minha mãe diz, enquanto minha irmã dança ao meu redor. — Os outros estão em casa, planejando uma grande recepção de boas-vindas para a heroína. Felix, Hamish e Han já estão fazendo cartazes e Trixie... — Minha mãe ri. — Nem me lembro da última vez que a ouvi fazer isso. — Trixie começou a fazer um bolo para você, embora estejamos sem ovos e... — Ela toca meu rosto com as duas mãos. — Você está aqui só há três semanas e já está mudando.

Eu olho para o meu pai. Ele pousa a mão em meu ombro e dá um apertãozinho. Não consigo me lembrar da última vez que ele fez isso.

— Estamos orgulhosos de você, Gillian.

Nossa. Acho que meu pai nunca me disse essas palavras em toda a minha vida.

Meu rosto fica vermelho, quando penso nas palavras "heroína", "orgulho" e "festa" sendo usadas para mim. Roubar me trouxe riquezas, mas eu nunca recebi elogios assim. Não sei o que dizer.

— Você realmente salvou a Bela Adormecida? — Anna pergunta empolgada, com seus olhos cor de cacau brilhando. — Eu tenho contado a todas as minhas amigas, na escola da associação! Você será praticamente uma nobre na vila. Conte-nos exatamente o que aconteceu, sem omitir nenhuma palavra.

Minha família me olha ansiosa, mas eu não posso mentir para eles, como fiz com os outros.

— Realmente não foi nada de mais.

— Foi *demais!* — diz Anna, apertando a minha mão. Ela não a soltou, desde que chegou aqui. Você vai para casa hoje!

Isso era o que eu queria. Ir para casa ficar com meus irmãos, deixar Anna orgulhosa, ter algum respeito do meu pai. E, no entanto, nenhum desses elogios parece certo e é por isso que agora, mais do que nunca, sei que estou fazendo a coisa certa. Meu pai me olha com atenção.

Minha mãe franze o rosto.

— Gillian, onde está sua mala? Você não arrumou suas coisas? Sua professora disse que nós precisávamos deixar a escola imediatamente, porque eles estão fazendo os últimos preparativos para o baile desta noite.

Eu planto os pés com firmeza no tapete oriental embaixo e respiro fundo. Isso é bem mais difícil de dizer com Anna pendurada em mim.

— Eu não fiz a mala porque não vou embora hoje.

Minha mãe parece perplexa. Ela me mostra o pergaminho da minha liberação.

— Mas aqui diz que nós podemos levá-la para casa. A professora Harlow disse...

— Eu sei o que a professora Harlow disse — eu digo, delicadamente, enquanto o rosto de Anna murcha —, mas eu não posso ir para casa ainda. — Eu vejo o espelho de Miri brilhando, no canto. — Lamento que vocês tenham fechado a loja e feito a viagem até aqui, mas há coisas que preciso fazer antes de ser liberada e isso pode levar um tempo. Há coisas sombrias acontecendo em Encantadópolis — eu digo baixinho —, coisas de que não posso falar agora, mas estou tentando impedi-las. Outras pessoas também estão. As pessoas aqui dependem de mim — eu digo, num tom misterioso. — Eu não me sentiria bem se os deixasse agora que precisam de mim mais do que nunca.

Anna solta minha mão.

— Nós precisamos de você! — Ela grita, com a voz repleta de decepção. Eu sinto uma pontada. Não consigo nem olhar para o meu pai. — A mamãe tem os papéis que dizem que você pode ir para casa! Nós não temos comida suficiente e não sabemos tirar dos nobres como você. Minha primeira tentativa fracassou.

— Anna! — minha mãe diz chocada e meu coração murcha. O que foi que ensinei à minha irmã?

— Anna, não se transforme numa batedora de carteiras como eu — eu digo a ela. — Só porque os nobres são fáceis de roubar não significa que seja certo. — Meu pai me olha com uma expressão de orgulho.

Anna, no entanto, está furiosa.

— O que este lugar fez com você? Agora você acha que também pode deter vilões? Eu não sei quem você é. Mãe, se ela não vai para casa, então, nem consigo olhar para ela. Vou esperar lá fora. — Ela sai pisando forte, antes que eu possa impedir. Não sei se conseguiria ponderar com ela, mesmo que pudesse.

Anna, por favor, me perdoe, eu penso. *Estou fazendo isso por você.*

— Gillian, isso não faz nenhum sentido — minha mãe diz, acenando o pergaminho em sua mão. Como você pode ficar, se eles querem que você vá embora? Acho que não posso simplesmente deixá-la aqui, para ajudar seus amiguinhos. Nós temos uma ordem.

Meu coração murcha. Eu sei que ela está certa, mas agora não posso recuar.

Ouço um som rasgado e ergo os olhos. Meu pai surpreende minha mãe e a mim, rasgando o pergaminho em pedaços.

— Eu não estou vendo nenhum pergaminho de liberação — meu pai diz e minha mãe fica boquiaberta. — Eu digo que ela fica onde está. — Meu pai toca meu queixo. — Ficar aqui significa muito para você, não é?

— Sim, eu estou tentando fazer algo bom, pai — eu digo, com a voz trêmula.

— Então, eu acho que você deve ficar — ele diz, com um pequeno sorriso. — Você obviamente tem mais trabalho a fazer no Reformatório de Contos de Fadas. Fique e deixe-nos orgulhosos.

— Eu o farei. — Eu jogo os braços ao redor dele e aperto. Eu não sei quando, nem sei se um dia eu o abracei, mas agora ele merece um abraço. Não vou decepcionar minha família, nem ninguém dentro destas paredes.

CAPÍTULO 16

Vamos começar a festa

Quando entro no salão de baile com Maxine, algumas horas depois, fico momentaneamente em pânico.

— Venha! Venha! — Diz Maxine, puxando meu braço, porque paralisei de repente na escadaria principal. — Vamos nos misturar ao pessoal, antes que alguém perceba você.

Não posso evitar. Estou estarrecida. Não dá para acreditar que essa seja a mesma sala onde eu pratico "morte ao dragão" (*não* usamos um dragão de verdade). Madame Tilly simplesmente arranja um dragão falso, portanto, não tenho muito em que me basear, mas não consigo imaginar nada tão bonito quanto este salão. Um arranjo elaborado de peônias, rosas, gardênias e hera cobre o teto do salão que brilha como estrelas, graças aos vaga-lumes e pirilampos pendurados.

Uma parede é feita de vidro, revelando o maior aquário que já vi. Madame Cleo e suas alunas sereias estão fazendo a própria festa, ali dentro. A Sereia do Mar está usando um top de conchas cintilantes e seus cabelos longos estão presos no alto da cabeça, com um penteado enfeitado com conchas e estrelas do mar. Ela se balança ao som da música, antes de ser tirada para dançar por um sereio que se parece muito com outro com quem ela dançou durante a recuperação.

Um raio de luz ilumina as mesas que circundam a pista de dança, onde os criados — em geral ocupados lavando meias fedorentas e verificando nossa correspondência, em busca de objetos ilegais — carregam travessas de carneiro assado e salada de cranberries. O número cinco, pelo aniversário de nossa escola, está por todo lado. Nos cartões das mesas e nos banners, e até moldado nos pãezinhos.

Apesar do que alguns dos convidados encharcados ao meu redor estão cochichando, ao chegarem da chuva deste dia de fim de outono, nada foi poupado para a festividade.

— É preciso dar crédito à diretora Flora por fazer tudo com grande ostentação — diz Ollie, quando nós o encontramos pulando em volta da banda, perto da mesa de petiscos. — Ainda bem que eu me arrumei. — Ele está com um penteado alto, de terno azul, que faz com que ele se pareça com um duende do Polo Sul, e seus cabelos estão tão brilhosos que eu poderia até praticar skate no gelo em cima deles.

— Nem dá para notar que tenho truques mágicos escondidos neste paletó. — Ele afasta a lapela e revela uma flor que esguicha água, dois baralhos e algemas prateadas — não faço a menor ideia do que ele poderia fazer com isso. — Acho que estamos prontos para a festa!

Com "festa", Ollie quer dizer "luta". Nós passamos os dois últimos dias ouvindo Kayla contar tudo o que podia sobre Gottie, o que não é muito (segundo Kayla, ela é muito sombria e misteriosa, o que não ajuda em nada). Para desânimo do chef do refeitório, Ollie roubou todos os rabanetes da horta da escola para dar às gárgulas. Eu acabei de passar por um folheto no corredor que dizia "Você sabe quem é o ladrão de rabanetes? Recompensa pela informação!".

Surrupiei uma cópia do pergaminho de Flora, de seu escritório, com a programação completa da festa — desde a chegada das princesas, até o seu discurso. À tarde, repassamos tudo nos estábulos dos pégasos, mas, para ser honesta, não encontrei nada capcioso. Jax também tentou mandar notícias para o castelo sobre o que acreditamos que Gottie tenha planejado, porém, com a segurança tão acirrada, nem sabemos se eles receberam a mensagem de Jax.

— Acho que estamos por nossa conta — disse ele, desanimado, bem tarde, na noite de ontem, quando repassávamos os detalhes pela última vez, no observatório, que passou a ser a central de comando. — Pode não haver ajuda a caminho.

Estamos tão prontos quanto é possível, para tentar deter nossos professores vilões e uma das maiores malvadas que já passaram por Encantadópolis.

E não estamos tão prontos assim.

Se eu pensar muito no que estamos tentando fazer, me dá vontade de vomitar num dos vasos verde-esmeralda, perto da mesa de ponche.

Vejo Ollie nos observando, Maxine e eu, de modo admirador.

— Vocês capricharam, moças.

— Obrigada! — Maxine gosta muito dos biscoitos de gengibre do chef Raul, porém, com seu vestido rosa-choque e inúmeros acessórios (uma dúzia de brincos de pérolas, em suas orelhas pontudas, e três colares), ela está bem bonitinha. — Eu que fiz o cabelo de Gillian e o meu. O gel da Rapunzel vai segurar nossos penteados até na explosão.

Longos cachos pendem em minhas costas. Quando tento sacudir meu capacete de cabelo de um lado para o outro, meus cachos quase nem se mexem.

— Está bem diferente do meu rabo de cavalo — eu digo. — Assim como esse vestido. — Ollie roubou para mim, o vestido verde de tafetá, sabe-se lá de onde. É pesado e difícil de se movimentar com ele, mas a saia rodada é um ótimo lugar para guardar meu estoque de rabanetes. Tentei pegar umas esgrimas para nós durante a aula no ginásio, mas acho que Madame Tilly estava de olho em mim. Estou desarmada. Todos nós estamos.

— Por que eu acho que você está usando short por baixo dessa saia? — Pergunta Ollie.

— Porque eu estou usando. — Não dá para imaginar essa saia servindo para alguma coisa, se nós tivermos de correr. É melhor estar preparada, por isso estou de short por baixo. Meus olhos percorrem o salão, em busca de sinais de algo que tenha passado despercebido. O esquadrão de anões está patrulhando e fazendo checagens aleatórias nas bolsas. Se o Pete sabe que eu não devo estar aqui, ele não disse nada. Um magográfico está fazendo desenhos. A diretora Flora está de olho no relógio. Nada parece fora do comum. Ainda. — Você viu Jax e Kayla?

— Não. — Ollie pega a mão de Maxine, bem na hora em que a banda Gnomo-Mais começa a tocar uma música para dança. — Melhor a gente dançar e ficar de olho nas coisas ali da pista.

Maxine vira-se para mim e dá um gritinho baixinho.

— Não vamos longe.

Faço um sinal de positivo para ela e vejo os dois correndo escadas abaixo. Um trovão paralisa a todos por um instante. Está um tempo terrível lá fora. Segundo Miri, que nos dá a previsão meteorológica todas as manhãs, “as que calçarem os sapatinhos de cristal, em lugar de botas de chuva, hoje estarão cometendo mais do que uma gafe”.

— Atenção, ladroninha! — Jax chega por trás de mim, junto com a Kayla, e me contorna. — Eu nunca tinha visto você de vestido. — Ele faz uma careta. — Você realmente está se destacando com esse negócio.

Dou uma bufada.

— Bem, você está magnífico em seu traje, portanto, muito bem. — Com um paletó de seda e calças curtas e meias altas, ele parece um príncipe, o que imagino que ele seja. — Você também está bonita, Kayla.

— Obrigada — Kayla diz baixinho. Seu vestido brilhoso é de um tom azul tão claro que parece quase incolor. Anna, grande fã de moda, com certeza aprovaria. Kayla está olhando para minhas botas de trabalho, que estão para fora do meu vestido. — Você também.

Um lampejo de trovão ilumina o rosto de Jax. A chuva está caindo com tanta força que nem dá para enxergar direito lá fora.

— Já está vendo algo incomum?

— Minutos atrás, Lobão estava andando de um lado para o outro, mas, fora isso, tudo parece normal — eu relato. — Flora, Azalea e Dahlia estão falando com o pessoal dos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre*. Os repórteres estão posicionados em cada canto do salão, mas não vi nenhum sinal de Harlow ou Jocelyn. — E isso me deixa inquieta.

— Assim que chegar a isca, Gottie não vai demorar muito — diz Kayla. — Ou Harlow.

Com isca, ela se refere aos nobres.

— Eu deixei os estábulos destrancados, do modo que ela pediu. — As asas de Kayla tremulam mais rapidamente, quando ela está estressada. — Eu ainda acho que deveríamos ter programado alguma magia ali, para detê-la.

— Eu duvido que os truques mágicos de Ollie pudessem fazer isso — diz Jax, melancólico. — Nós vamos acertar esse negócio.

— Eu vou traí-la, se puder — diz Kayla. — Nós sabemos que sou boa nisso.

Jax e eu ficamos quietos. Jax pode ser capaz de perdoar Kayla, por tudo o que ela fez — é o jeito da realeza — mas os ladrões não esquecem. Eu não confio nela.

— Alunos noturnos. — Eu gelo. — De alguma forma, Lobão chegou de modo sorrateiro. Ele está com um terno verde de veludo e seus cabelos longos estão presos num rabo de cavalo. Seus olhos verdes estão estranhamente brilhosos. — Senhorita Gillian, estou surpreso em vê-la aqui. Está gostando do baile?

— Eu... — eu olho para Kayla e Jax, que estão momentaneamente perplexos. Como eu pude deixar de vê-lo, no meio da multidão? — Eu resolvi não ir para casa — eu disparo. — Eu pretendia ir diretamente à sala da diretora para avisá-la, mas acabei me atrasando com os preparativos para esta noite. — Olho para baixo, para os meus sapatos. — Ainda não me sinto pronta para Encantadópolis.

Lobão assente.

— É bem compreensível. Todos nós temos trabalho que precisamos fazer antes de voltar à vida normal, não é? — Eu pisco com rapidez. Será que ele me ouviu conversando com meus pais? — Pessoalmente, estou contente por ter escolhido ficar, mas, se eu fosse você, ficaria fora do caminho da professora Harlow esta noite. — Ele dá uma golada na taça em sua mão. — Ela não lida com mudanças com a mesma facilidade que o restante de nós, e eu detestaria que ela estragasse a festa.

Nós três nos entreolhamos.

— Sim, senhor.

Ele coça o queixo. Eu vejo seus pelos espetando para fora do punho da camisa, preso por abotoaduras de lobo.

— Você e seus amigos parecem ter se preparado bastante para esta noite. Todas aquelas conversas que tiveram, tarde da noite, no observatório.

Uma gota de suor se forma em minha sobrancelha. Ele está de olho na gente. *Fique fria, Gilly. Negue, negue, negue*. Lobão nem me dá chance de fazê-lo.

— Nós só queríamos estar em nossa melhor forma, senhor — Jax diz calmamente. — Tivemos de ajudar Gilly a encontrar um vestido, uma vez que ela mudou de ideia quanto a ficar no último minuto.

Ele olha intensamente para todos nós.

— Bem, vocês estão maravilhosos. Aproveitem a noite e tomem cuidado — Lobão diz e some em meio à multidão.

— Ai, meu Deus. — Kayla está com medo. — O que vamos fazer?

Subitamente, a banda Gnomo-Mais para de tocar e soam as trombetas. Um cocheiro aparece do lado oposto da escada.

— Atenção, atenção! — Grita ele. — Apresentando a Corte Real de Encantadópolis — princesas Ela, Branca, Rapunzel e Rose! — O salão inteiro parece se curvar ao mesmo tempo.

As princesas estão superenfeitadas, com tiaras, joias e vestidos tão volumosos, que parece quase impossível conseguir sentar-se com eles. Elas provam que estou errada, pois seguem diretamente até a mesa, que está cercada pelo amado esquadrão anão de Branca. Maxine e Ollie regressam e nós cinco olhamos a multidão, esperando que algo de errado aconteça. Flora segue até o pódio e começa a fazer um discurso sobre o aniversário de nossa escola e eu sinto um frio na espinha.

A partir de agora, alguma coisa vai acontecer. Eu sinto, mas estou errada. Minutos depois, a banda Gnomo-Mais volta a tocar e o magográfico está saindo com Flora e algumas das princesas para posarem para as fotos, no hall de entrada. Madame Cleo desaparece de seu tanque e eu imagino que ela também tenha seguido para a foto.

— Este talvez seja o baile mais bacana a que já fui — eu ouço uma convidada dizer, ao passar por mim. — Você acredita que nós estamos num reformatório? Espero que ninguém nos machuque! — A amiga dela ri.

Contudo, não tem graça. Alguém quer machucar todos nós. Eu coço o pescoço. Estou ficando coberta de urticária. Onde está Gottie?

Kayla começa a ficar sem ar, enquanto as pessoas voltam a dançar, ou seguem para pegar comida.

— Eu não entendo. A esta altura, ela já deveria estar aqui, com seu exército de gárgulas. Eu juro! — ela insiste.

— Mentirosa! — Jocelyn estala a língua, ao surgir do nada. Ela pega Kayla e a mim pelos braços. — Kayla apenas não quer que você entre na verdadeira festa, mas eu quero. — Seu sorriso desaparece. — Todos vocês vêm comigo.

CAPÍTULO 18

Agir conforme as regras é para os bolhas

— **A**chei que você fosse mais esperta, Cobbler — Jocelyn diz com uma voz gélida, e joga sua capa preta que forma ondas esvoaçantes atrás dela. Ela está nos levando por um corredor distante do salão de festas. E está com um espelhinho roxo que eu reconheço do escritório de Harlow, apontado para nossas costas. Ela já havia nos alertado quanto a tentar alguma manobra para fugirmos. — Minha irmã liberou sua saída. Você estaria em casa, com a mamãe, se a tivesse ouvido. Em vez disso, você piorou muito as coisas, para você e seus amigos.

— Eu juro! Não sei do que ela está falando — Kayla insiste, retorcendo-se, enquanto prosseguimos. — Gottie me disse que viria ao baile.

Jocelyn gira.

— Você acha mesmo que ela seria tola de aparecer no meio de um salão com todo mundo de Encantadópolis olhando? Por que você acha que ela mandou suas gárgulas fazerem o serviço no Dia de Gala?

— Imagino que Harlow não estava realmente enfeitiçada naquele dia, estava? — Pergunta Jax. Eu vejo quando ele gesticula para que Ollie tire algo do paletó. Ele move a mão depressa e as mãos de Jocelyn começam a crepitar. Ela manda um raio na direção de Ollie, que se encolhe.

— Não seja estúpido. Harlow não poderia ser enfeitiçada pelas gárgulas — diz Jocelyn. — Ela estava tentando tirar alguns dos nobres para Gottie, sem ter de envolver a Malvada. — Os olhos sinistros de Jocelyn me fulminaram. — Mas você precisava estragar tudo, e agora eu estou empacada, tendo de entregar vocês cinco para ela, em vez de ficar fora das coisas, como minha irmã queria.

— Então, não faça isso — eu digo, ganhando tempo, até resolver qual será meu próximo passo. — Você não quer ajudar alguém como Gottie, quer?

Jocelyn ri.

— Que escolha eu tenho? Mesmo que a gente consiga sair deste lugar, minha irmã e eu sempre seremos forasteiras. — Por um breve momento, vejo a dor que isso causa nela. — Ela jamais será perdoada pelas coisas que fez e eu nunca me livrarei de seu legado. Então, eu digo, por que não me divertir, enquanto estou presa aqui? Agora, andem!

Ela empurra Ollie e Maxine por um novo corredor que acaba de surgir, e eu vejo que estamos descendo rumo ao nível do calabouço do qual eu já ouvi falar, mas nunca vi. Por que eu veria? Flora construiu esse lugar para lidar com criminosos como Gottie, porém, ela nunca foi pega. Tochas iluminam nosso caminho de descida, enquanto o ar vai ficando cada vez mais frio e úmido, e, então, estamos no meio de um vão aberto, dentre meia dúzia de celas. Harlow está à nossa espera.

Ela está com um vestido e uma capa que brilham mais que o traje de qualquer princesa e seu rosto claro está com uma maquiagem impecável, que parece ter levado horas para fazer. Em sua

cabeça há uma coroa belíssima, com pedras negras que eu nunca vi. Jocelyn entrega o espelho à irmã e o vidro emite ondas entremeadas de dourado e prateado, estalando como um raio.

— Ah, senhorita Gillian, vejo que ficou e trouxe convidados para assistir ao show — Harlow debocha. — Garota tola. Agora você vai arder com o restante desta escola. — Com um movimento do punho, Harlow nos empurra para um canto e nós caímos amontoados. — Está quase na hora do evento principal. Lá em cima, na verdade, bem acima de nós, toda Encantadópolis está dançando noite adentro, sem saber que estamos prestes a transformar a mente de todos em geleia. Eles jamais se lembrarão de si mesmos, quanto menos de quem governa este reino. Mesmo que pudessem, as princesas já terão sido transformadas em cinzas.

— Você nunca vai se safar disso — Jax diz.

— Ah, mas eu já me safei — diz Harlow, subestimando. — Cleo é um cubo de gelo em seu aquário e Flora e a corte real estão imobilizadas no grande hall. Só nos resta lidar com vocês cinco — depois que eu lançar o feitiço. — Ela segura o espelho virado para o teto e um raio irrompe, lançando pedras em nossa cabeça. Uma rachadura começa a se abrir acima de nós.

— Você não é forte o bastante para lançar um feitiço tão grande — eu a desafio.

Harlow baixa o espelho, por um momento.

— Eu sei. Por isso que a Grande Malvada está aqui.

Uma silhueta gorducha, de cabelos grisalhos, surge das sombras de uma das celas. Ela está ladeada por duas gárgulas, que chiam quando nos veem. Jax começa a recuar nosso pequeno grupo. É difícil encarar o rosto de Gottie de perto. Verrugas cobrem sua pele, como se fossem sardas. Seu nariz é torto para um lado e tem uma posição esquisita, e seus dentes claramente nunca foram escovados.

— Olá, queridos. — Seus lábios grossos se curvam num rosnado. — Obrigada, Kayla, por tirar esses estorvos do caminho.

— Eu não fiz nada! — Kayla grita. — Você me disse que viria ao baile.

— E eu vim, mas não seria tola o bastante para anunciar minha chegada. Não quando há outros meios de entrar no salão lá de cima. — Do bolso, ela tira um espelho idêntico ao de Harlow e mira acima de nós. Ele dispara mais raios que fazem a rachadura acima se alargar. Eu fecho os olhos para não ver pessoas caindo do céu, mas, até agora, nada aconteceu. — Quando forem eliminados, eu posso me livrar destas roupas horrendas. — Gottie sacode os ombros. — Ou eu poderia fazer isso agora. Não que alguém me veja até que seja a hora e, até lá, eles só me conhecerão como sua rainha.

Uma nuvem de fumaça roxa a envolve e, em segundos, as roupas rasgadas de Gottie, seu rosto coberto de verrugas e os cabelos crespos e brancos desapareceram. Uma mulher mais velha surge em seu lugar, com um vestido vermelho fogo e uma capa com gola tão alta que poderia servir de capuz. Seus cabelos negros estão puxados para trás, presos por um pente dourado coberto pelo que parecem ser dragões. Ela tem o mesmo símbolo nos punhos e no colar comprido pendurado em seu pescoço fino.

Kayla resfolega:

— Alva?

Alva ri.

— Sim, meu bichinho ingênuo. Gottie e Alva são a mesma pessoa. — Ela puxa Kayla em sua direção e cochicha em seu ouvido. — Você foi útil compilando a informação de que eu precisava, porém, agora, já serviu ao seu propósito. — Ela abre um portão para um calabouço e Kayla é jogada pelo ar lá dentro. A porta se fecha atrás dela. Kayla se agarra às grades.

— Eu fiz tudo o que você pediu — Kayla gagueja, com as asas abrindo e fechando. — Você prometeu que, se eu fizesse, me ajudaria, Gottie.

— Gottie está morta há anos, sua tola! — Alva grita. — Eu deixei que o mundo pensasse o contrário, para que pudesse planejar meu regresso, sem ser identificada. Eu só precisava de uma fada jovem, com ideias tão sombrias quanto as suas, para cumprir minhas ordens, o que você fez maravilhosamente bem. — Ela olha em nossa direção e eu me encolho. — Não há vivalma que saiba de nós, exceto estes delinquentes aqui.

Então, a captora de Rapunzel bateu as botas e aquela que fez a Bela Adormecida dormir, mas ninguém viu por uma eternidade, está comandando tudo? Que enganação.

— Foi tudo muito fácil. Quando Rumpel me falou de seus desejos, eu soube que era você quem eu estava procurando. Sugeri que Rumpel fizesse sua família a esquecer e ele obedeceu. O sorriso dela me dá calafrios. — Eu não podia correr o risco de que eles se lembrassem de você em algum momento. Por isso os transformei em troncos ocos de árvores.

— *Não!* — Kayla se encolhe no chão da cela. A raiva cresce dentro de mim, enquanto vejo Kayla chorar.

— Sim! — Alva parece uma cobra. — Eu tinha de dar um jeito neles, assim como farei com todos vocês. Então, eu governarei Encantadópolis e os nobres serão queimados. — Alguns momentos depois, Ollie, Maxine, Jax e eu somos pegos e jogados na cela ao lado da de Kayla. Ao cair no chão, corro até a porta, mas Alva me lança um raio de choque com seu espelho. Eu tento me mexer, mas parece que estou presa dentro de um melado. É quando Jocelyn é lançada para dentro da cela conosco. Ela cai por cima de Ollie e Maxine, derrubando Maxine.

— Alva, o que está fazendo? — A voz de Harlow é estridente. — Minha irmã não fez nada para atrapalhar seu plano.

— Ela é uma garantia, assim como você — Alva diz friamente.

— Mas... — Harlow segue em sua direção e flechas roxas disparam da mão de Alva.

— Nada de *mas*, ou eu também vou descartá-la — diz Alva. — Eu posso fazer isso sozinha, ou você se esqueceu de como me decepcionou da última vez?

Harlow baixa a cabeça.

— Harlow! — Jocelyn corre até as grades e bate nelas, mas Harlow não ergue os olhos. Eu vejo os lábios de Jocelyn se moverem e ela começa a entoar. Fico imaginando se ela conseguirá atravessar as grades que nos prendem. Alva nota e dispara raios em direção às grades. Jocelyn sai voando para trás, caindo em cima de mim.

— Pare de trombar em mim — eu resmungo, empurrando-a e tirando-a de cima de mim.

— Não adianta — Jax diz, enquanto Ollie segura a cabeça de Maxine. Kayla se balança para a frente e para trás, parecendo alheia ao que acontece à sua volta. — Não podemos quebrar essas grades.

Todos nós olhamos, enquanto Alva dá instruções às gárgulas. Ela dá uma olhada em seu espelho e eu só consigo identificar pequenas silhuetas na moldura. Devem ser os membros da corte real que estão sendo mantidos lá em cima, com Flora.

— Vão! Verifiquem se a mágica está se mantendo. Depois disso, podemos começar o feitiço — ela diz a uma das gárgulas, que sai voando e volta alguns minutos depois. — Grr... isso é verdade. Você não pode ser vista. Eu mesma farei isso. Harlow, fique de olho neles! — Ela aponta para Jocelyn. — *Todos* eles. Se eu voltar e ela não estiver aqui...

— Sim, Alva — diz Harlow, mas sua voz parece vazia.

Quando Alva sai, Harlow caminha até nossa cela, com olhos fixos em Jocelyn.

— Lamento muito, irmã. — A gárgula restante anda de um lado para o outro, diante de nossas celas.

Segundos depois, vejo um rabanete passar rolando por mim. Harlow olha para ele com curiosidade, enquanto a gárgula o pega. Ela o devora e despenca no chão.

— Problema resolvido — diz Ollie, alegremente, abrindo seu casaco e revelando mais rabanetes.

— Harlow, você sabe que ela não pode completar seu feitiço sem os dois espelhos — Jocelyn diz, trêmula. Há hematomas roxos em suas mãos, nos locais onde ela foi atingida pelos raios de Alva. — Dê-nos o seu.

— Sua única chance seria mirar meu espelho no dela e apagar ambos, porém, ela a matará, antes que possa sequer erguer o braço — diz Harlow. — Além disso, no minuto em que ela der falta do meu espelho... — Seu rosto se contorce.

— Há alguma outra coisa que possamos usar? — Pergunto.

— Não, sua tola! — Harlow estrila, girando em minha direção. Qualquer simpatia que ela tenha pela irmã, não tem por mim. Sua voz é repleta de ódio e o som ensurdecedor lança pedras do teto rachado. Nós nos encolhemos. — Se houvesse algo que eu pudesse usar para tirar minha irmã daqui, você não acha que eu teria usado?

Jax segura nas grades.

— Ela traiu você e traiu a todos. Se quer ajudar sua irmã, você precisa nos ajudar.

Ollie levanta de onde Maxine está deitada. O peito dele ergue e murcha, então, eu sei que ela ainda está respirando, mas o hematoma em sua cabeça está horrível.

— Talvez nós possamos enganá-la. Dar a ela um espelho falso.

— Como poderíamos arranjar isso, gênio? — Estrila Jocelyn.

— Você poderia criar um — eu digo, pensando alto. — Se você pode criar um parceiro de dança na recuperação, então, pode fazer uma porcaria de um espelhinho dourado.

— Você materializou um parceiro de dança? — Harlow pergunta e a irmã sacode os ombros.

Jocelyn respira fundo e fecha os olhos. Seus lábios começam a tremer e eu sinto uma súbita rajada de vento. Instantes depois, um espelho muito parecido com o de Harlow surge nas mãos de Jocelyn. Eu o pego e enfio na manga bufante do meu vestido.

— Ótimo. Então, você tem um espelho — Jocelyn diz debochando. — Como você vai sair daqui, Cobbler, se minha irmã não pode fazer isso acontecer?

— Com a minha ajuda. — Lobão entra e para sob a luz; Harlow dá um passo para trás, preparando-se para a magia. — Acho que nós temos problemas maiores em pauta, do que eu e você, não concorda, professora Harlow? — Ele pergunta, calmamente. — Poupe a magia para nossa preocupação maior.

— Como você pode ajudar, Lobão? — Harlow pergunta, com um suspiro.

Lobão se aproxima mais de nossa cela, ignorando-a.

— Alunos, nós não temos muito tempo. Quaisquer que sejam os procedimentos que tínhamos planejado para lidar com Gottie, ou Alva, agora são nulos, graças a Harlow.

— Você não está ajudando — a Rainha Má chia.

— Se a professora Harlow não pode arrombar para que vocês saiam, talvez eu possa arrombar e entrar, mas isso será arriscado. — Lobão alisa a barba.

— Você não está sugerindo que... — Harlow está pasma.

— Estou — Lobão interrompe. — Não há lua cheia nesta noite, mas, se você me ajudar a me transformar em lobisomem, posso arrombar estas grades. Quando eu o fizer, porém, nenhum de vocês estará a salvo. — Eu estremeço.

Jax sorri desanimado.

— É a única chance que temos. Precisamos tentar.

Harlow olha para mim.

— Você terá alguns segundos para levar o espelho falso e trocar pelo de Alva. Você provavelmente será morta ao tentar, mas, se isso der uma chance à minha irmã...

— Por favor, tente, Harlow — diz Jocelyn.

— Que bom ver que a Rainha Má não ficou molenga, sob pressão — Ollie murmura.

Harlow olha para Lobão.

— Pronto? — Ele assente. Com um movimento do punho, ela materializa um frasco com algo azul e entrega ao professor.

Ele ergue para nós, como em brinde.

— À sorte — ele diz, e vira tudo, num gole só.

A transformação acontece mais depressa do que eu poderia imaginar, e Harlow sai correndo do caminho, enquanto as roupas de Lobão começam a se rasgar, seus cabelos começam a crescer, e ele cai por cima de nós quatro, antes de soltar um uivo de lobo que me faz estremecer. Quando ele ergue novamente os olhos, eles são amarelos. Nós fazemos contato direto, por um momento, então, eu o ouço rosnar. Seus dentes começam a crescer e todos nós recuamos. Não posso acreditar que eu esteja olhando para a mesma pessoa.

— Lobão, pense! — Harlow grita, enquanto ele segue diretamente em sua direção. Com uma mão peluda, ele avança e a Rainha Má lhe dá um choque. Ele fica atordoado por um segundo, antes de atacar de novo, derrubando-a. Jocelyn grita.

— Ei! Lobinho! Aqui! — Jax grita, usando uma caneca de cobre que estava no chão para bater nas grades. Lobão para e vira-se para Jax.

Tudo o que vemos é o espelho de Harlow no chão. Se eu conseguir chegar àquele espelho, terei mais opções, quando Alva voltar.

— Todo mundo, mexa-se! — Diz Ollie, puxando Maxine para um canto. Jax para na frente dela e Jocelyn fecha os olhos e começa a entoar. Em segundos, um escudo se eleva diante deles. O escudo não me inclui. Era de esperar. Lobão avança e eu me esquivo, deslizando para o lado, enquanto ele colide nas grades, abrindo um rombo e entrando. O lobisomem pula para pegar o escudo e, ao fazê-lo, toma um choque elétrico. Ah, agora eu vejo o que Jocelyn está fazendo. Eu me retraio, pensando em Lobão ferido, mas não posso me preocupar agora.

— Harlow? O que está havendo aqui embaixo? — Alva gagueja, quando vê Lobão de quatro. Ele pula na direção dela e Alva ergue o espelho, dando-lhe um choque e lançando-o ao chão.

Nesse momento, pulo para pegar o espelho de Harlow, mergulhando em cima dele. Alva grita e eu aproveito a situação para aperfeiçoar o golpe que usei inúmeras vezes na vila. Tiro o espelho falso da minha manga e substituo pelo verdadeiro. Depois, eu me preparo para esmigalhar o falso com a bota.

— Dê mais um passo e eu quebro o espelho — eu digo a ela. — Você não poderá lançar o feitiço sem ele.

Alva começa a crepitar.

— Sua criança tola! Esse espelho é feito de sangue de fada. Não pode ser quebrado por mãos humanas. — Ela abre a mão, com a palma para cima. — Dê-me o espelho. — Eu seguro mais firme no espelho, sentindo meu coração disparado no peito. — Eu tenho de fazer tudo sozinha — ela murmura e eu sinto o espelho voando de minhas mãos até a mão livre de Alva.

Fico na expectativa e observo a Grande Malvada acariciando o espelho em suas mãos. Seus olhos se arregalam.

— Sua ladrazinha!

— Gilly, agora! — Jocelyn grita e eu vejo quando ela tenta erguer um escudo à minha volta.

Tirando o espelho de Harlow da minha manga, miro no espelho verdadeiro, na outra mão de Alva. Um raio prateado voa, antes que Alva possa reagir. A colisão causa uma explosão que faz nós duas voarmos para trás, caindo no chão. O solo sacode e grandes nacos do teto começam a ceder. Eu me sinto ligeiramente tonta, e meus ouvidos estão zunindo. Dá para ouvir os gritos acima de nós. Alva levanta-se novamente, segurando em sua lateral, que está sangrando, e eu receio estar perdida. Acho que não conseguiria me levantar agora, mesmo que tentasse. Fixamos nossos olhares, enquanto ouvimos o som de pessoas e passos vindo em nossa direção.

— Aqui embaixo! — Eu ouço Pete gritar. Antes tarde do que nunca.

O rosto de Alva pode estar ferido, seus cabelos, antes belos, podem estar chamuscados, mas seu olhar não hesita ao encarar a ladra que está prestes a derrotá-la.

— Isso está longe de terminar — ela sussurra e, com um *puf*, desaparece.

Pergaminhos de Felizes Para Sempre

Um oferecimento da Rede Encantada — que surge magicamente nos pergaminhos ao redor de Encantadópolis, ao longo dos últimos dez anos!

FURO DE NOTÍCIA!

Encantadópolis em estado de alerta!

por Beatrice Beez

O baile do Reformatório de Contos de Fadas, no último sábado, quase terminou em desastre, quando Alva, a Grande Malvada em pessoa, foi vista na escola. “Num minuto, estavam todos dançando ao som de nossa música ‘Gnomo, o único que você ama‘ e, de repente, as pessoas estavam correndo que nem loucas”, disse Herbert Hughes, vocalista da banda Gnomo-Mais, que quebrou o braço ao fugir.

A pista de dança da escola rachou ao meio, porém, boatos de um lobisomem não foram confirmados. “Assim que alguém disse que Alva estava lá, todos saíram correndo!”, disse Margo Menny, uma duende de Galvington que havia usado seu dinheiro de férias para ver as princesas e acabou indo embora com um sapato só e uma bolsa de mão arrebentada. “Aquela fada malvada é até mais perigosa que a Gottie!”

Fontes disseram aos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* que Gottie e Alva talvez sejam a mesma pessoa, mas nós ainda não podemos confirmar essa notícia. Tudo o que sabemos, neste momento, é que o esquadrão anão está pedindo à comunidade que seja vigilante. “Tranquem suas portas e, caso vejam algo incomum, informem-nos”, disse Pete, chefe do Esquadrão de Policiais Anões.

Embora a diretora Flora ainda tenha de comentar sobre o que de fato aconteceu no baile, a corte real está se preparando para a batalha. “Se isso for realmente trabalho de Alva, nós vamos levá-la à justiça”, disse a princesa Branca.

O mesmo se aplica à professora Harlow, que foi descoberta trabalhando com Alva e está atualmente detida no calabouço do RCF. Jocelyn, irmã caçula da professora, foi interrogada e liberada.

Fiquem ligados nos Pergaminhos de Felizes Para Sempre, *para obter novas notícias sobre a busca por Alva!*

SERVIÇO DE POSTAGEM PÉGASO
LEVANDO AS CARTAS DESDE A GUERRA DOS DUENDES!

DE: Anna Cobbler (Rua Boot, 2)
PARA: Gillian Cobbler (Reformatório de Contos de Fadas*)
*Carta verificada por conteúdo suspeito

Gilly,

Eu não entendo você! Quando a mamãe e o papai souberam que você seria liberada, eu mal pude esperar para buscá-la junto com eles. Han, Hamish, Trixie e Felix estavam decorando a casa para sua festa de boas-vindas. Como você pôde ficar e decepcionar a nós todos? Todos caíram em prantos, quando chegamos em casa sem você.

Você tem alguma ideia de como as coisas têm sido difíceis sem você? O dinheiro está mais curto do que nunca. O papai perdeu negócios, quando as pessoas descobriram que sua filha havia sido arrastada para o RCF. A mamãe pegou um segundo emprego como costureira, mas ainda não é o suficiente. Eu achei que poderíamos nos segurar até seu regresso, mas não faço ideia de quando isso vai acontecer. E, agora, a única forma que tenho para falar com você é por meio dos pergaminhos, uma vez que Encantadópolis está em confinamento, por causa de Alva. Obrigada, Gilly. Por nada.

Anna

SERVIÇO DE POSTAGEM PÉGASO
LEVANDO AS CARTAS DESDE A GUERRA DOS DUENDES!

DE: Gillian Cobbler (Reformatório de Contos de Fadas*)
PARA: Anna Cobbler (Rua Boot, 2)
*Carta verificada por conteúdo suspeito

Anna Banana,

Por favor, não fique zangada comigo. Ficar trancada aqui no RCF me mostrou que fazer o mais fácil nem sempre é o caminho certo. Fico para morrer em saber como a vida tem sido difícil para vocês, mas seja forte. Tem de haver outro meio de arranjar comida. Pergunte à Gnomólia se você não pode trabalhar lá uma tarde depois da escola, e levar para casa o pão dormido. Ou fale com o pessoal da loja Relíquias do Mar, quanto a ajudar a vender a linha da Rapunzel.

Você é uma vendedora nata! Fez até com que eu quisesse o xampu dela. Ajude o papai a pensar num sapato ainda mais legal que o sapatinho de cristal. Então, todos vão ficar implorando por sua linha de calçados!

Aqui dentro, aprendi que roubar não pode ser uma carreira. Por isso, preciso dar mais um tempinho no RCF. Para aprender no que sou boa e ter um emprego para ajudar todos vocês quando sair. Eu era muito egoísta, antes de vir para o RCF, mas prometo que da próxima vez que me encontrar, vai se orgulhar. Isso é o que eu mais quero neste mundo.

Amor, Gilly Feijão

CAPÍTULO 19

O fim ou o começo?

Foi preciso quase uma semana para que a equipe de limpeza do RCF conseguisse limpar toda a bagunça deixada por Alva. E outra semana para que os alunos fossem autorizados a deixar seus quartos nos alojamentos, sem a companhia de um professor, o que foi difícil, uma vez que não havia professores suficientes para cobrir todos os alunos. Harlow estava no calabouço. Madame Cleo estava em um retiro espiritual de um mês, perto do Mar Encantado. O professor Lobão desapareceu. A maioria dos alunos que conheci ainda não entende o que aconteceu. Eles estavam agitados. E não tiveram de lutar contra a torturadora da Bela Adormecida.

Estava na hora de obter algumas respostas. E só havia uma pessoa que continuava por ali que podia dá-las: a diretora Flora.

No dia em que fomos autorizados a voltar a circular livremente pelos corredores, seguimos diretamente para o escritório de Flora. Havia pintores e trabalhadores ainda pendurando novas peças de arte, pintando as paredes e limpando os tapetes. A área perto do salão de bailes estava interditada para circulação, por causa dos escombros e do solo instável. Por enquanto, tínhamos aula no prédio principal. A diretora Flora insistia que a vida voltasse ao normal o mais depressa possível.

No entanto, todos sabíamos que as coisas não estavam nada normais.

— Entre — disse a madrasta malvada, quando nós batemos à porta. — Eu ia mandar Miri chamá-los, para conversar. Por favor, sentem-se.

Eu não ia ao escritório de Flora desde o dia em que roubei o pergaminho, para ver o que ela havia planejado para o baile. Antes disso, eu só havia estado ali no dia em que cheguei ao RCF.

— Acho que vou ficar de pé.

Flora assente.

— É compreensível. — Ela enlaça os dedos. — Creio que todos vocês tenham perguntas para mim. — Nós cinco começamos de uma só vez. Flora ergueu a mão. — Talvez eu deva falar primeiro — ela sugere e passa a mão nos cabelos presos num coque apertado. — Imagino que vocês queiram saber se seus professores estavam trabalhando com Alva. — A sala fica tão quieta que dá para ouvir a batida habitual do pé de Maxine, com o sapato de couro. — Bem, a resposta é sim. — Maxine suspira profundamente. — No entanto, não do jeito como vocês pensam.

Flora levanta-se e contorna a escrivaninha, de um modo bem parecido com o que fez no dia em que eu cheguei ao RCF. Seu vestido marrom-escuro a faz parecer de luto.

— Nós sabíamos que Alva tinha planos para a realeza de Encantadópolis. Só não sabíamos quais eram. Nós a encontrávamos, quando possível, na Floresta Profunda, para parecer que estávamos unindo forças com ela. Tristemente, parece que a professora Harlow queria se unir a ela, de verdade. — Ela me olha com intensidade. — Esse era um assunto no qual não queríamos que nossos alunos se envolvessem. Sua segurança é nossa maior preocupação e ficar contra Alva, no baile, foi uma tolice.

— Ela fecha os lábios apertados. — Tendo dito isso, sem você e o professor Lobão, talvez nenhum de nós estivesse aqui hoje.

— Vai contar aos *Pergaminhos de Felizes Para Sempre* como fomos incríveis? — Pergunta Ollie, todo animado, esfregando o braço onde foi enfaixado, depois que o escudo de Jocelyn o queimou. — Ou nos perdoar e deixar que voltemos para casa antes da hora, como Harlow ia fazer com a Gilly?

A diretora Flora sacode a cabeça.

— Receio que isso não seria sábio. Agora, Alva sabe quem são vocês e o lugar mais seguro é aqui no RCF, conosco.

Alva virá atrás de mim. Ela praticamente disse isso. E ninguém que eu conheço está a salvo até que ela seja capturada. Penso no medo que sentimos dela quando estivemos juntos. As asas de Kayla foram danificadas pela magia de Harlow e ela não poderá voar por um bom tempo. Maxine teve um traumatismo leve. Eu tenho mais alguns cortes e hematomas, e Jax teve algumas pedras caindo em cima dele durante a explosão, e está de muletas. Ainda assim, estamos vivos.

— Teve notícias do professor Lobão? — Maxine pergunta. — Eu sempre gostei dele, mesmo depois que tentou me morder no calabouço.

Flora sacode a cabeça.

— Ele voltará quando estiver pronto. Eu sei que ele está inconsolável por ter permitido vir à tona o seu lado mais sombrio. Não é fácil deixar que o mundo veja o monstro que você foi e torcer para que nunca mais seja visto.

— A professora Harlow não tem problema com isso — eu resmungo.

Flora ergue uma sobrancelha.

— Não, receio que ela não tenha. Por isso vai morar no calabouço por enquanto.

— Não posso acreditar que você permitiu que Jocelyn partisse — Jax reclama. — Ela quase deixou que Harlow matasse a Gilly!

— Jocelyn é uma menina problemática — Flora concorda —, porém, ela me garantiu que não sabia da conduta da irmã junto com Alva. — Nós começamos a protestar, mas Flora nos corta. — Até que eu saiba o contrário, é meu dever acreditar nela. Ela ficará aqui como aluna — sob meu olhar atento, é claro.

Não sei se isso é inteligente, mas nós temos problemas maiores do que Jocelyn. Ninguém sabe quando Alva vai atacar novamente, ou o que ela está planejando fazer a seguir. Jax não conseguiu descobrir nada por meio de seu pai. Ele nos fez jurar que não contaríamos sobre seu disfarce a Flora. Por enquanto, precisamos manter nossos segredos. Eu tenho certeza de que a ex-madrasta má está fazendo o mesmo.

— Minha função é cuidar de todos os meus alunos, incluindo você, Kayla. — Flora pousa a mão no ombro de Kayla. — Eu sei sobre seu acordo com Rumpelstiltskin e prometo que, juntas, descobriremos um jeito de tirar o feitiço de sua família.

Kayla fica com os olhos cheios de água.

— Obrigada.

— Então, qual é o nosso próximo passo? — Eu pergunto.

— O próximo passo de *vocês* é voltar a serem alunos — diz Flora. — Tirem um dia de folga de todos esses acontecimentos sombrios e divirtam-se.

Diversão? Nós a olhamos, como se ela tivesse três cabeças.

— Miri, diga a eles o que planejei — diz Flora.

O espelho de bronze de Miri começa a reluzir.

— Tem um piquenique montado no jardim e um jogo de bola esperando na quadra, que já foi limpa dos destroços. E me disseram que o sorvete está derretendo, portanto, vocês não vão querer esperar muito para irem logo para lá.

— Eu estou dentro! — Ollie grita animado.

— Que bom! Agora, vão, antes que eu mude de ideia e mande vocês escreverem uma redação! — Flora brinca. Eu nunca achei que veria este dia. — Ah, mas, primeiro, tenho algo para Gillian. — Ela tira um bilhete com um selo real da gaveta da escrivaninha. Nós nos reunimos em volta, para ler.

Senhorita Gillian Cobbler, novamente agradecemos por sua ajuda em conter o mal. Flora contou-nos sobre as dificuldades de seu pai na sapataria. Por esse motivo, a partir de agora, gostaríamos de encomendar todos os sapatinhos de cristal do palácio real da loja dele.

— Princesa Ela

— Nossa, isso quer dizer que tem alguém na família real que é legal de verdade? — Jax diz, fingindo choque ao mudar de uma muleta para a outra. — Quem poderia imaginar que isso aconteceria?

Eu lanço um olhar para ele.

— Obrigada, eu digo, corando, ao olhar para nossa diretora. — Lamento por chamá-la de madrasta monstra. E por, sabe, pensar que você era novamente uma vilã; mas eu ainda tenho muitas perguntas.

Flora parece ligeiramente intrigada.

— Desculpas aceitas, e eu prometo responder mais de suas perguntas, quando seus professores estiverem de volta. Sabe, Gillian, vilões pensam que têm poder, mas sempre cometem o mesmo erro, não fazem a menor ideia de como usá-lo. — Ela coça o queixo. — Poder verdadeiro é aprender a colocar os outros em primeiro lugar e não julgar um livro pela capa, por assim dizer. Acho que você está fazendo um bom trabalho aqui no RCF. — Ela faz uma pausa. — Entretanto, ainda tem um longo trajeto, antes que sua estadia termine.

— Tudo bem — eu digo. — Já não me importo em ficar aqui.

Miri, o espelho, começa a reluzir novamente.

— Flora? Chamado do castelo. Está livre para falar com Rapunzel?

— Sim, por favor, coloque-a em espera, Miri. — Flora aponta para a porta. — Agora, todos vocês vão e deixem que eu me preocupe com os vilões, pelo resto do dia.

Vejo Miri, o espelho, reluzindo em verde, depois roxo, e fecho a porta.

— Sorvete? — Ollie pergunta.

— De feitiços e vilões para sorvete — diz Maxine, quando seu olho vira para baixo. — É uma tarde meio entediante, não acham?

Nós caminhamos rumo à porta de saída. Quando Ollie abre, eu me deleito com o sol quente em meu rosto e o som de risos que vem do campo. Balões e toalhas de mesa cor-de-rosa tremulam ao vento. Até onde a vista alcança, duendes, gnomos, fadas e ogros e até outros personagens folclóricos vieram sentar-se nas pedras junto ao lago próximo. É muito bom ver que todos estão de bom humor.

No reformatório.

Quem poderia imaginar?

Olho à direita do castelo e vejo a parede externa do salão de baile sendo reconstruída.

— Até que eu gostaria de um tédio agora.

— Eu também — diz Kayla. — Por um momento, suas asas surgem surradas, mas resilientes, depois somem. Eu sei que elas logo surgirão boas. Ou eu quero surrupiar algo que possamos usar na batalha. Ou Jax e Ollie podem passar uma lábia e descobrir algumas informações que nos sejam úteis. A Floresta Profunda está a distância, parecendo agourenta e cheia de segredos que Maxine mal pode esperar para descobrir. Como o local onde Alva está se escondendo. E quão desesperadamente Harlow, encurralada, está para ajudá-la.

Contudo, essas são todas questões que ficarão para outro dia.

— Galera! Eles têm baunilha e chocolate! Venham! — Ollie já chegou à mesa de sorvete e já está se servindo. O sorvete escorre pelas bordas das tigelas e pinga na mesa.

— Vamos ficar entediados juntos — eu digo, apertando Jax com força, enquanto seguimos juntos até o sorvete derretido e uma tarde que provavelmente nos dará o melhor tipo de dor de barriga.

Agradecimentos

Aubrey Poole, se eu tivesse uma coroa, eu a transformaria na Rainha de Encantadópolis, por todo o trabalho que dedicou a este projeto! Obrigada por me ajudar a elaborar uma história mais rica para nossa heroína corajosa, mais do que eu poderia imaginar. Tenho muita sorte em trabalhar com você e toda a equipe da SourceBooks, incluindo Adrienne Krough, Kelly Lawler, Kate Prosswimmer e o designer Mike Heath, que me deu uma capa tão linda.

Não haveria o RCF sem Laura Dail, que encontrou um lar maravilhoso para o nosso conto de fadas. Tamar Rydzinksi, obrigada por me apresentar ao mundo do RCF!

Agradeço a Dan Mandel, pois o futuro é brilhante por sua causa! Agradecimentos especiais também a Julia DeVillers (daqui em diante, conhecida como minha fada madrinha), Elizabeth Eulberg, Leslie Margolis, Sarah Mylnowski, Kieran Scott, Jennifer E. Smith, por todo o feedback em meu primeiro projeto infantojuvenil. Um cumprimento a Tyler, amiga de Gilly Miller, por me emprestar seu nome para este livro (e por me emprestar sua mãe, Marcy, que é a leitora mais voraz que conheço. Obrigada, por todos os conselhos!).

Finalmente, à minha família, Mike, Tyler, Dylan e até nosso chihuahua, Captain Jack Sparrow — eu não conseguiria fazer o que faço sem vocês. Obrigada por serem a minha rocha. Um obrigada extra e especial, para Ty, por todas as sugestões com a cena das gárgulas. É minha predileta do livro e é só por sua causa.

TOCA DA CORUJA
www.tocadacoruja.net